

Os recursos tecnológicos na valorização do ensino da História

- um estudo com alunos do ensino secundário

Elisabete Susana de Jesus da Silva Muche

**Relatório da Prática Pedagógica do Mestrado em
Ensino da História e da Geografia no 3.º ciclo e
Secundário**

Orientação: Professora Doutora Marta Abelha e Professora
Doutora Isabel Freitas

setembro, 2013

DCEP



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Elisabete Susana de Jesus da Silva Muche

Os recursos tecnológicos na valorização do ensino da História

- Um estudo com alunos do Ensino Secundário

Relatório de Final de Prática Pedagógica
apresentado para obtenção do grau de Mestre no
Curso de Mestrado em Ensino da História e
Geografia no 3ºciclo e secundário, conferido pela
Universidade Portucalense



setembro, 2013

Universidade Portucalense Infante D. Henrique
Departamento de Ciências da Educação e do Património
Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo E Secundário

*Dedicatória
Ao meu Afonso*

“ a educação na sociedade informatizada tem caminhado para a aprendizagem coletiva, colaborativa, crítica e construtiva, que possibilita o desenvolvimento da autonomia nos alunos e que tem conteúdo dinâmico, baseado no ambiente experimentado e questionamentos autênticos. [...], conduz à suposição de que o uso das novas tecnologias da comunicação e informática, para organizar ambientes mediadores da aprendizagem em História, pode produzir o desenvolvimento do pensar histórico nos alunos.”

Matta (2001, p.32)

Agradecimentos

A realização deste trabalho não teria sido possível sem ajuda, incentivo, compreensão, orientação e acompanhamento de várias pessoas a quem quero dirigir os meus sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço a toda a minha família, especialmente à minha mãe pelo apoio incondicional ao longo de todo este processo.

Agradeço ao meu marido, pelo sacrifício que faz todos os dias por nós e que apesar da distância, incansavelmente me apoiou e incentivou.

Ao meu filhote que foi a minha luz nesta caminhada, pelo tempo que não estive presente.

Às minhas companheiras de viagem, “Geoforce”, por toda a amizade e companheirismo. Pelo alento nas horas mais difíceis.

Aos alunos da turma D do décimo ano, da Escola Secundária de Alpendorada, ano letivo 2012/2013, pelo empenho e participação.

A toda a comunidade educativa do Agrupamento de Escolas de Alpendorada, em especial a todos os meus colegas de trabalho pelo grande apoio e disponibilidade.

Agradeço às minhas orientadoras, Professora Doutora Isabel Freitas e Professora Doutora Marta Abelha, pela orientação e apoio.

Dedico um sincero e profundo agradecimento à professora cooperante, Mestre Isabel Brito por ter disponibilizado para orientar o meu estágio, pela orientação, acompanhamento permanente e pelos conhecimentos e experiências partilhadas.

Os recursos tecnológicos na valorização do Ensino da História

Resumo

Este relatório resulta da prática pedagógica desenvolvida na área disciplinar de História, no Agrupamento de Escolas de Alpendorada, no período lectivo de 2012/2013, no âmbito do Mestrado em ensino da História e Geografia do 3.º ciclo e secundário.

Esta dissertação pretende relatar todo o trabalho desenvolvido pela professora ao longo da prática pedagógica. Assim, iniciamos com uma descrição das diferentes etapas da prática pedagógica (planificação, realização, avaliação e reflexão), visando o conhecimento do contexto educativo tendo como base a reflexão sobre o trabalho desenvolvido e atuação sobre o mesmo no sentido do reajustamento do ensino às efectivas necessidades dos alunos.

Devido às rápidas mudanças a nível tecnológico e à rapidez com que é veiculada a informação, este estudo centrou-se na análise da utilização dos recursos tecnológicos como meios para a valorização do ensino e aprendizagem da História. Para a concretização deste estudo foram utilizados diversos recursos tecnológicos nas aulas lecionadas e efetuada uma reflexão sobre a sua aplicabilidade. A pertinência desta análise deve-se ao fato da mesma poder ser um meio capaz de permitir aos professores, e alunos, a aprendizagem da construção do conhecimento histórico, com base na utilização de novos recursos didáticos.

Nos primeiros capítulos é feita a descrição do contexto e a explicitação do plano da prática pedagógica em História, bem como a descrição e fundamentação das actividades realizadas.

No último capítulo, são apresentados e analisados os resultados obtidos através de uma investigação embrionária no âmbito da Educação Histórica sobre as perceções de alunos do ensino Secundário sobre a História e o seu ensino.

Palavras-chave: Prática Pedagógica; Educação Histórica; Recursos tecnológicos; Perceções de alunos.

The valorization of technological resources in the Teaching of History
-a study with secondary school students

Abstract

This report result of pedagogical practices developed in the disciplinary area of History in the School Board of Alpendorada in the academic period of 2012/2013, of the master's degree in teaching History and Geography of the elementary and secondary school level.

This paper intends to report all the work done by the teacher throughout the pedagogical practices. Thus, we began with a description of the different stages of the pedagogical practices (planning, implementation, evaluation and reflection), seeking knowledge of the educational context based on the reflection of the work and acting on it in the direction of adjustment of effective teaching to students' needs.

Due to rapid changes at technological level, and the speed with which information is disseminated, this study focused on the analysis of the use of technological resources as a means for the valorization of teaching and learning of History. To achieve this study, we used various technological resources in class and made a reflection on their applicability. The relevance of this analysis is due to the fact that it can be made a means capable of allowing teachers and students, to learn the historical construction of knowledge, based on the user of new didactical resources.

In the early chapters, is made a context description and explanation of the plan of practicing pedagogics in History, as well as the description and justification of the activities.

In the last chapter, are presented and analysed the results obtained throughout the embryonic investigation in the framework of Historical Education on the perceptions of students in Secondary School level of Education about History and its teaching.

Keywords: Pedagogical Practice; Historical Education, Technological Resources, Student's Perception.

ABREVIATURAS E SIGLAS

NEE – Necessidades Educativas especiais;

PEA – Projeto Educativo de Agrupamento;

PAA – Plano Anual de Atividades;

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação;

TB – Tipo Brandão

PTE – Plano Tecnológico da Educação

EE – Encarregados de Educação

RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências;

RI – Regulamento Interno;

PRA – Portefólio Reflexivo de Aprendizagens;

CEF – Cursos de Educação e Formação;

PRESSE - Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar

PASSE - Programa de Alimentação Saudável em Saúde Escolar

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	15
1.1 Caracterização da instituição de acolhimento	16
1.2 Descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição	22
CAPÍTULO 2 - EXPLICITAÇÃO DO PLANO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA EM HISTÓRIA	28
CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DE PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	35
3.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História.....	35
3.2 Participação na escola e relação com a comunidade.....	53
CAPÍTULO 4 - REFLEXÃO CRÍTICA FUNDAMENTADA SOBRE OS RESULTADOS DE APRENDIZAGEM OBTIDOS	62
4.1. Análise dos resultados obtidos através do questionário administrado aos alunos.	67
4.2- Desenvolvimento profissional docente: reflexão, auto e heteroavaliação.	87
CONCLUSOES.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
ANEXOS	102

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Respostas dos alunos à 1ª questão do questionário.....	58
Gráfico 2 - Respostas dos alunos à 2ª questão do questionário.....	58
Gráfico 3 - Respostas dos alunos à 3ª questão do questionário.....	59
Gráfico 4 - Respostas dos alunos à 4ª questão do questionário.....	59
Gráfico 5 - Respostas dos alunos à questão 4.1 do questionário.....	60
Gráfico 6 - Respostas dos alunos à última questão do questionário	60
Gráfico 7 - Resultados da 1.ª ficha de avaliação	63
Gráfico 8 - Análise das respostas às perguntas	64
Gráfico 9 - Resultados da 2.ª ficha de avaliação	65
Gráfico 10 - Respostas à pergunta da 2.ª ficha de avaliação	65
Gráfico 11- Sexo dos alunos inquiridos.....	69
Gráfico 12 - Idades dos inquiridos.....	70
Gráfico 13 - Habilitações Literárias dos Pais.....	70
Gráfico 14 - Habilitações Literárias das Mães	71
Gráfico 15 - Situação profissional das mães dos alunos dos 10º D, 12º A e 12º B	71
Gráfico 16 - Situação profissional dos pais dos alunos dos 10º D, 12º A e 12º B..	72
Gráfico 17 - Idades dos pais dos alunos do 10º D, 12º A e 12º B.....	72
Gráfico 18 - Idades das mães dos alunos do 10º D, 12º A e 12º B.....	73
Gráfico 19- Percurso escolar dos alunos dos 10º D, 12º A e 12º B	74
Gráfico 20 - Hábitos de estudo dos alunos dos 10º D, 12º A e 12º B	75
Gráfico 21 - Sucesso escolar dos alunos dos 10º D, 12º A e 12º B.....	75
Gráfico 22 - Opinião sobre a disciplina de História dos alunos do 10º D, 12º A e 12º B	76
Gráfico 23- Motivos pelos quais os alunos gostam de História.....	77
Gráfico 24 - Temas históricos que despertam mais o interesse dos alunos	78
Gráfico 25 - Motivos pelos quais os alunos não gostam de História.....	79

Gráfico 26 - Temas históricos que os alunos gostam menos	80
Gráfico 27 - Utilização das TIC na sala de aula pelo professor	85
Gráfico 28 - Tecnologias utilizadas pelo professor de História.....	85

Índice de Quadros

Quadro 1 - Aproveitamento e comportamento do 10.º D ao longo do ano.....	30
Quadro 2 - Desempenho da turma do 10.º D ao longo do ano letivo, por disciplina	31
Quadro 3 - Cronograma da Prática Pedagógica.....	33
Quadro 4 - Composição do agregado familiar dos alunos dos 10º D, 12º A e 12º B	73
Quadro 5 - Opinião dos alunos face à frequência de atividades desenvolvidas na aula de História.....	80
Quadro 6 - Opinião dos alunos das turmas do 10.º D e do 12.º A e B.....	83

INTRODUÇÃO

O presente relatório desenvolveu-se no âmbito da Prática Pedagógica de História, inserido no plano curricular do Mestrado em Ensino da História e Geografia no 3º ciclo de Ensino Básico e Secundário, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Vaz de Freitas e da Professora Doutora Marta Abelha.

A prática pedagógica realizou-se no Agrupamento de Escolas de Alpendorada sob a orientação da Mestre Isabel Brito.

Previsto como a etapa final do Mestrado em ensino da História e da Geografia, convoca à aplicação dos conhecimentos obtidos na prática curricular em contexto profissional.

A elaboração do relatório da prática pedagógica é de manifesta importância uma vez que, é essencial estruturar experiências e refletir sobre os métodos de trabalho servindo para, desenvolver e aperfeiçoar competências a vários níveis, nomeadamente, didáticos e pedagógicos, atualizando deste modo as nossas práticas letivas.

Este relatório, reflete uma preocupação em atribuir sentido às experiências como docente, adoptando uma atitude de aprendizagem contínua, conducente a um real e significativo desenvolvimento profissional.

Os objetivos de aprendizagem que se encontram plasmados nas Normas Regulamentares do Curso, da Universidade Portucalense, 2013, e que nortearam o desenvolvimento da nossa Prática Pedagógica, no âmbito do Ensino da História, foram:

- Adquirir e desenvolver competências no âmbito do desempenho docente na área de História;
- Desenvolver a capacidade de reflexão do professor sobre a prática, consciencializando decisões, condutas e dilemas;
- Desenvolver a capacidade do professor de tomar decisões fundamentadas e de resolver problemas profissionais;
- Aplicar o campo da ética e da deontologia profissional no exercício pessoal do serviço público de educação e ensino;
- Conhecer a escola, os seus atores e a comunidade envolvente;

- Caracterizar a Instituição de acolhimento, a prática pedagógica e o público-alvo;
- Integrar a equipa de trabalho da instituição acolhedora da prática pedagógica;
- Planificar e realizar as atividades de prática pedagógica;
- Revelar responsabilidade, empenho e disponibilidade no desenvolvimento das tarefas de prática pedagógica;
- Aplicar os conhecimentos teóricos e competências desenvolvidas nas unidades curriculares do curso de mestrado;
- Desenvolver atitudes práticas que permitam fazer do processo de ensino e de aprendizagem um capo de investigação permanente;
- Desenvolver a capacidade de compreensão e de resolução de problemas em situações novas e não familiares em contextos alargados e multidisciplinares;
- Desenvolver a capacidade de reflexão do professor sobre a prática docente, consciencializando decisões, condutas e dilemas.

Estes objetivos estiveram na base da nossa prática pedagógica servindo de linha de orientação para a abordagem dos conteúdos lecionados nas nossas aulas, assim como na investigação que desenvolvemos no âmbito da Educação Histórica.

Optamos pela escolha do tema “Os recursos tecnológicos na valorização do ensino da história” uma vez que apostamos na inserção das tecnologias na nossa prática letiva.

Os recursos tecnológicos surgem hoje como ferramentas essenciais na valorização dos conhecimentos científicos e na motivação que exercem sobre os adolescentes, sendo que consideramos importante ir ao encontro das mudanças tecnológicas aceleradas ocorridas na sociedade em geral, para promover a motivação e o interesse pelas áreas científicas que estamos a trabalhar.

Segundo o programa de 10.º ano de História A de 2001:

As transformações das sociedades contemporâneas, pela rapidez com que se processam e pela cada vez maior imprevisibilidade dos seus desfechos, evidenciaram a importância de uma escolaridade mais dilatada em tempo mas, sobretudo, menos divorciada das realidades quotidiano se das interrogações que estas colocam. [...] Tal como acontece em outros domínios científicos, também a História tem vindo a mudar: formulam-se novas hipóteses, identificam-se novos objetos, diversificam-se metodologias, estabelecem-se relações mais amplas com outros saberes, constroem-se novas interpretações. Este alargamento do campo

historiográfico tem vindo, porém, a evidenciar a inevitável revisibilidade do conhecimento ou mesmo a dificuldade em elaborar sínteses de grande dimensão, outrora julgadas possíveis, aspeto que parece tornar complexa a seleção dos domínios que devem ser estabelecidos como objeto de estudo, no ensino secundário. Ora, os jovens, na fase de desenvolvimento em que se encontram durante a frequência deste nível de ensino, necessitam de referentes seguros que lhes permitam interpretar as realidades sociais que com eles interagem; que proporcionem fios de inteligibilidade entre as grandes questões nacionais e os problemas decorrentes de uma globalização cada vez mais envolvente. (pp. 4 - 5)

A este propósito Ferreira (1999) refere que:

“[...] o ensino da História deve estar atento para as mudanças advindas dessa nova realidade, possibilitando ao aluno ser capaz de compreender, de ser crítico, de poder ler o que se passa no mundo, qualificando-o para ser, dentro deste processo, um cidadão pleno, consciente e preparado para as novas relações trabalhistas. Para que isto aconteça, este ensino deve estar em sintonia com o nosso tempo.(p. 146)

Este facto reveste-se de grande importância se pensarmos que a sociedade, é cada vez mais, a sociedade da informação e que o professor, tem que se adaptar às mudanças advindas e optar, de entre a multiplicidade de recursos tecnológicos que tem ao seu dispor, os que mais se adequam aos objetivos que se propõe atingir, tendo em conta o nível de ensino e as características das turmas. Na opinião de Paiva (2012) “os recursos digitais não são auto-suficientes (...). O protagonismo do professor, o seu espírito crítico e discernimento são absolutamente fundamentais.” (p. 106)

Torna-se, assim, importante que o professor domine as tecnologias mas ao mesmo tempo seja um crítico reflexivo sobre a sua utilização.

Este relatório encontra-se estruturado segundo quatro capítulos, antecedido por uma Introdução e finalizada por uma Conclusão. No final deste relatório, são integrados os Anexos, com todos os elementos que complementam a descrição da prática pedagógica desenvolvida.

No capítulo um faz-se a descrição do contexto da prática pedagógica, incluindo a caracterização da instituição de acolhimento e a descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição.

No capítulo dois explicitamos o plano de Prática Pedagógica de História, fazendo-se uma breve caracterização da turma, sendo apresentado o diagnóstico de

necessidades, assim como as inúmeras atividades levadas a cabo pelo núcleo de estágio.

O capítulo três refere-se à descrição e fundamentação das atividades de Prática Pedagógica no que respeita à organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História: planificação, realização e avaliação das aprendizagens e a participação na escola e relação com a comunidade com a colaboração de projetos em curso.

No último e quarto capítulo far-se-á uma reflexão crítica fundamentada sobre os resultados obtidos de aprendizagem relacionando-a com as opções metodológicas seguidas em sala de aula; Neste capítulo será realizada uma análise aos resultados de um inquérito por questionário aplicado às turmas relativo às metodologias de ensino nas aulas de História. Para finalizar este capítulo, será efetuada uma reflexão sobre o desenvolvimento profissional docente.

Por fim apresentamos as conclusões, tendo em conta a nossa prática pedagógica e resultados obtidos com base na investigação efetuada, não tendo a pretensão de serem generalizáveis, tendo em conta o reduzido tamanho da amostra, contudo poderão suscitar pistas para futuras investigações no âmbito das metodologias do ensino da História.

CAPÍTULO 1 - DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA



1.1 Caracterização da instituição de acolhimento

A caracterização da escola é normalmente a primeira preocupação do estagiário, pois esta é fundamental para a compreensão da realidade que integramos no sentido de intervirmos de uma forma mais contextualizada e adequada.

Foi o Agrupamento de Escolas de Alpendorada¹ que nos acolheu para o estágio pedagógico, sendo o núcleo de estágio de História o único presente na escola.

Neste ponto, pretendemos não só caracterizar as estruturas físicas da escola, mas também as suas dinâmicas de funcionamento. A consulta e análise do Projecto Educativo de Agrupamento (PEA), do Regulamento Interno (RI) e do Plano Anual de Atividades (PAA), auxiliaram-nos nesta tarefa. É de salientar que todos os documentos orientadores da vida escolar eram já bem conhecidos da estagiária, visto que está a lecionar há quatro anos nesta escola.

Assim foi analisado com muita atenção o Projeto Educativo, uma vez que, e segundo Martins (2003) este instrumento é de extrema importância pois individualiza cada uma das escolas, materializa o seu retrato - singularidade -, pressupõe uma vontade coletiva e um envolvimento comunitário.

Neste âmbito segundo o documento analisado, o Projeto Educativo de Agrupamento será o instrumento fundamental que define, de modo global todos os aspetos da vida da escola: princípios e objetivos, grandes linhas de orientação determinantes de planos e programas de ação, estruturas e processos organizativos. O PEA garante à escola uma maior autonomia para melhor operacionalizar um processo de ensino e aprendizagem aos seus alunos, tendo em conta as particularidades da zona em que se insere. Portanto, é importante compreender o meio Humano de onde provêm estes alunos.

Ainda segundo este documento, de bastante importância para a comunidade escolar, verificamos que existem princípios orientadores que devem nortear a ação dos professores na escola, ou seja, explicitam aquilo que se deve privilegiar de forma global

¹ A autorização para a identificação da escola foi diferida em maio de 2013, conforme Anexo 1.

para os alunos, que depois é operacionalizado por cada professor através dos seus próprios meios.²

Do ponto de vista geográfico o Agrupamento de Escolas de Alpendorada localiza-se no concelho do Marco de Canaveses, no distrito do Porto, na região do Douro Litoral.

Alpendorada, freguesia em que se situa a escola sede, situa-se no baixo concelho do Marco de Canaveses, dista 16 km da sua sede.

O território educativo do Agrupamento de Escolas de Alpendorada é constituído por 21 escolas, com alunos provenientes de 12 (doze) freguesias do concelho. Este conjunto de freguesias encontra-se delimitado pelo Rio Tâmega e pelo Rio Douro, os quais fazem linha fronteira com os concelhos de Castelo de Paiva, Penafiel e Cinfães.

Este Agrupamento foi sujeito a uma fusão, tornando-se num “Mega” – Agrupamento de Escolas que começou a funcionar no ano letivo de 2010/2011.

Atualmente, frequentam as escolas do Agrupamento 2621 alunos, sendo 405 do Ensino Pré- escolar, 634 do 1º Ciclo, 415 do 2º Ciclo, 587 do 3º Ciclo, 519 no ensino secundário, 119 nos cursos profissionais, 30 no CEF nível 2 profissional.³(Anexo 2)

O parque do Pré-Escolar é constituído por construções recentes e em bom estado de conservação. Estão de forma geral razoavelmente apetrechados, mas começam a apresentar já alguns sinais de desgaste.

O parque escolar do 1º Ciclo é constituído por edifícios com quase meio século de existência, sobretudo do tipo “Plano dos Centenários”, existindo algumas de construção recente. Algumas escolas foram remodeladas e encontram-se em boas condições de funcionamento; outras apresentam várias deficiências ao nível das instalações. Nestas, as principais lacunas dizem respeito à escassez de pessoal auxiliar e de material didático.

A Escola Básica do 2º e 3º Ciclos de Alpendorada é uma TB (Tipo Brandão), localizada no lugar de Santa Sabina na freguesia de Alpendorada, está em funcionamento desde 1986. O edifício apresenta salas de aulas sem aquecimento, uma biblioteca e duas salas de informática com acesso à Internet. O pavilhão gimnodesportivo é partilhado pela comunidade.

² PEA do Agrupamento de Escolas de Alpendorada

³ Dados do Projeto Educativo de Agrupamento de 2011-2015.

A sede do Agrupamento é a Escola Secundária de Alpendorada, localizada no lugar da Granja na freguesia de Alpendorada e Matos. O edifício é de construção recente e está em bom estado de conservação.

No que diz respeito à comunidade onde se insere esta é constituída por um numeroso e heterogéneo agregado humano que, sob o ponto de vista sociocultural, revela uma variedade de características típicas do meio semi-rural em que está inserida. Apresenta um setor de população que se ocupa na exploração das pedreiras ou nas fábricas de confeções, havendo um número considerável de pessoas emigradas, sobretudo homens. Esta distribuição genericamente descrita, configura uma comunidade que, em termos de padronização sociológica, se identifica com os estratos médio e médio baixo.

É num tal contexto que se organiza comunitariamente a vida, com Juntas de Freguesia, Clubes Desportivos, com certa tradição e ranchos folclóricos.

É importante fazer aqui uma breve caracterização dos alunos do Agrupamento, uma vez que só com o conhecimento profundo das suas características, nomeadamente no âmbito pedagógico, é possível atuar e promover situações facilitadoras do ensino e aprendizagem. Assim, os alunos que frequentam estas escolas apresentam como mais relevantes para a sua caracterização global, no plano pedagógico, os seguintes traços: desenvolvimento bastante diferenciado a nível social, económico e cultural; carências no campo cultural – componente cultural de raiz rural, sujeita à influência da cultura de massas (via televisão) e carências de ordem afectiva.

No âmbito pedagógico é de salientar algumas lacunas gerais que poderão explicar algum insucesso escolar que tem vindo a detetar-se. Os alunos, a nível geral, revelam dificuldades ao nível da compreensão e expressão escrita e oral bem como problemas ao nível da compreensão e relação de conceitos abstratos e de raciocínio lógico, decorrentes, muitas vezes, da falta de métodos de estudo e hábitos de trabalho; falta de hábitos de leitura; alguns casos de comportamentos desajustados.

Face à deteção destas situações, a escola dispõe do Projeto Educativo de Agrupamento com estratégias bem definidas para tentar colmatar alguns dos problemas supracitados.

O agrupamento dispõe de ofertas destinadas a jovens e a adultos (com idade igual ou superior a 18 anos). Em relação aos jovens, possui o 3º ciclo do ensino básico,

Ensino Regular, bem como, Cursos de Educação e Formação de Jovens (tipo 2, ou seja, destinados a alunos com, pelo menos, 15 anos e o 6º ano concluído). (Anexo 3)

No ensino secundário, os alunos podem optar pelos Cursos Científico – Humanísticos ou Cursos Profissionais (para jovens até aos 25 anos de idade).

No que concerne à oferta formativa, no domínio dos cursos científico-humanísticos, o agrupamento procura ir ao encontro das expectativas e interesses dos alunos.

Os cursos profissionais têm a duração de 3 anos e são destinados a discentes com o 9º ano de escolaridade, que tenham como objetivo concluir o ensino secundário e obter uma certificação profissional (nível III da União Europeia). A vertente profissionalizante dos cursos é complementada pela articulação com o mercado de trabalho. Ao proporcionar experiências em contexto real de trabalho, uma oferta de formação em competências transversais e um conjunto diversificado de atividades de complemento curricular, a escola mune os seus alunos de ferramentas essenciais para o desenvolvimento pessoal e profissional e consequentemente para o sucesso na procura de emprego e inserção na vida ativa.

O agrupamento possui também Centro Novas Oportunidades, onde, através do processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), os adultos, com experiências pessoais e profissionais diversificadas, podem ver reconhecidas as competências adquiridas no seu percurso de vida, através da construção de um Portefólio Reflexivo de Aprendizagens (PRA).

Esta escola é uma instituição que não se esgota na transmissão e aquisição de conhecimentos. Segundo o PEA “Formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas”, de acordo com Paulo Freire (1997, p.15). Assim, a escola tem de ampliar o seu papel a uma formação geradora de uma real e integral educação. Estas novas solicitações à escola implicam que ela institua uma forte relação com os contextos e a comunidade em que esta está inserida «uma escola que se constrói na e com a comunidade» e que assume, simultaneamente, o «estabelecimento de relações com o exterior (...) e uma rede de comunicações no seu interior” (Fernandes, *et al.*, 2001, p. 82).

A criação do “Mega” - Agrupamento de Escolas de Alpendorada permitiu-lhe, de algum modo, consolidar um espaço de interação com a comunidade em que está inserido. As atividades organizadas pelo Agrupamento, abertas à comunidade envolvem

um número significativo de participantes e visitantes, nomeadamente a tradicional “Feira de S. Martinho”, a “Semana Aberta”, “A Semana Cultural”, “O Dia Mundial da Poesia” e o “Sarau de Final de Ano”. Segundo o Projeto Educativo de Agrupamento, a realização destes espaços de interação com a comunidade é um mecanismo de sensibilização, de normalização e de publicitação que transmite uma mensagem de estreita cooperação e participação efetiva de todos os seus intervenientes, de modo a eliminar qualquer barreira psicológica ou social. Será sempre necessário fomentar atividades abertas à comunidade com projetos criativos e ambiciosos, que marquem pela diferença, que cortem em definitivo com o previsível e para que o espaço Escola/Agrupamento seja sinónimo de pluralismo. (PEA, 2011/2015)

No Agrupamento de Escolas de Alpendorada, o envolvimento com a comunidade tem igualmente passado por algumas parcerias estabelecidas com o tecido empresarial do concelho, com a Unidade de Saúde Familiar de Alpendorada; o Centro de Saúde do Marco de Canaveses; com o projecto “PRESSE”; com o projecto “PASSE”, que tem como objectivo promover uma alimentação saudável em crianças do 1º ciclo; com a Guarda Nacional Republicana de Alpendorada; com a Cruz Vermelha Portuguesa – Núcleo de Alpendorada; o Instituto Português da Juventude; a Associação de Luta contra a SIDA Abraço; a Evax; e com a ótica Rogério.

O Agrupamento pretende fomentar um desenvolvimento integral e saudável dos seus alunos, assinando por isso protocolos com diversas entidades desportivas, ao abrigo do Programa do Desporto Escolar. É de referir, o protocolo estabelecido com a Associação Recreativa e Cultural de Alpendorada (ARCA). De citar o protocolo de colaboração com o agrupamento de Escolas do Cerco, no sentido de definir os termos de intercâmbio entre as duas escolas no âmbito da “Escola de Referência Desportiva”, na modalidade de Boccia, Tal protocolo potenciará o desenvolvimento físico e desportivo dos alunos com deficiência motora da escola, nomeadamente alunos com Paralisia Cerebral.

De mencionar ainda o protocolo de cooperação com o Ginásio Clube de Alpendorada, com o objetivo de promover a prática desportiva na área dos desportos náuticos, nomeadamente na canoagem.

Neste âmbito é de salientar ainda projecto com a Câmara Municipal do Marco de Canaveses e com a Academia de Música de Castelo de Paiva, na prática do ensino articulado da música, em que a academia e a “escola regular”, se articulam entre si.

É de referir ainda o protocolo com o “CFAE” – Centro de Formação do Marco e Cinfães, no projecto do PTE, que interliga de forma integrada e coerente a infra-estruturação tecnológica das escolas, na disponibilização de conteúdos e serviços em linha e no reforço das competências TIC de alunos, docentes e não docentes.

No âmbito dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, com o objetivo de proporcionar uma resposta multidisciplinar e que vá ao encontro das especificidades de cada criança/jovem, a escola estabeleceu um projeto de cooperação com a CERCIMARCO, que disponibiliza a intervenção de técnicos especializados de terapia da fala e terapia ocupacional junto dos alunos que delas necessitam. É ainda de referir a parceria da escola com a Fundação Santo António no âmbito do seu Projeto Oportunidade, que tem por finalidade promover a inclusão social dos cidadãos, de forma multisectorial e integrada, através de ações a executar em parceria, de forma a combater a pobreza persistente e a exclusão social em territórios deprimidos

Segundo o PEA, o desenvolvimento gradual de uma política de parcerias, protocolos e colaborações com entidades externas à escola, proporcionadas por vários fatores, que partem quer da iniciativa do Agrupamento, quer por vezes, das entidades externas em causa, assume um verdadeiro espírito de entre – ajuda, que beneficia todos os intervenientes neste processo de ensino e aprendizagem.

É de salientar que no âmbito organizacional o Agrupamento apresenta alguns problemas nomeadamente ao nível da insuficiência de espaços livres para a realização de atividades de complemento curricular; de espaços reservados ao desenvolvimento do trabalho dos professores, quer individualmente, quer em equipa; da falta de organização e rentabilização de espaços/recursos que favoreçam a socialização; de espaço exterior para estacionamento; de uma paragem de autocarro coberta; de dificuldades na constituição de equipas de trabalho docente, em horários comuns e de escassez de Assistentes Operacionais. (PEA, 2011-2015)

É também de salientar que alguns fatores poderão condicionar estes problemas nomeadamente a instabilidade do corpo docente; a necessidade de formação docente para a área das Tecnologias da Informação e Comunicação, face à rápida evolução dos meios tecnológicos e a necessidade de formação docente na área da Educação Sexual, tendo em conta a Lei nº 60 / 2009 de 6 de Agosto que estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar; bem como a falta de formação adequada para os Assistentes Operacionais.

Não se poderia deixar de mencionar o âmbito psicossocial e comunitário gerador de algumas situações identificadas como problemáticas e que dizem respeito a integração num meio onde se registam algumas situações de pobreza; o desemprego/emprego precário; a desarticulação familiar; as baixas habilitações académicas; a pouca valorização da escola, favorecendo as baixas expectativas dos Encarregados de Educação face à mesma; o alheamento por parte de alguns Encarregados de Educação face ao percurso escolar dos seus educandos assim como, o pouco envolvimento dos Pais / Encarregados de Educação nas atividades da Associação de Pais.

1.2 Descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição

Nos últimos anos tem-se assistido a um processo de sucessivas mudanças socioeconómicas e culturais que têm vindo a afetar a nossa forma de viver em sociedade.

Na opinião de Hargreaves (2003)

“Vivemos num tempo de insegurança, mudança acelerada, de rápida evolução científica, diversidade cultural, complexidade tecnológica. A complexidade da escola de hoje tem a ver com a complexidade do mundo atual. Espera-se que as escolas se adaptem e tenham sucesso nesta sociedade. Espera-se que “os professores construam comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam as capacidades que permitem a inovação, a flexibilidade e o empenhamento na mudança” (p.23).

Assim, as rápidas alterações na sociedade do conhecimento e as reformas sucessivas aplicadas à educação colocam à escola, e particularmente aos professores, desafios que exigem cada vez mais deste profissional.

O papel do professor na sociedade e a forma como a sociedade o vê, tem vindo a evoluir e modificar-se ao longo dos tempos. Nesta perspectiva, Herdeiro (2011) refere que,

“o professor é um profissional que procura dar respostas às situações com que se depara, movendo-se em circunstâncias complexas e contraditórias, que requerem aprendizagem e mobilização de competências específicas e um quadro de valores pessoais e profissionais considerados fundamentais no processo de mudança”.(p. 2726)

A legislação actual, mais precisamente, o estatuto da carreira docente (Decreto-Lei n.º 75/2010, de 23 de junho)⁴ preconiza e descreve as funções do profissional docente, destacando que este deve:

- Lecionar as disciplinas, matérias e cursos para que se encontra habilitado de acordo com as necessidades educativas dos alunos que lhe estejam confiados e no cumprimento do serviço docente que lhe seja atribuído;

- Planear, organizar e preparar as atividades letivas dirigidas à turma ou grupo de alunos nas áreas disciplinares ou matérias que lhe sejam distribuídas;

- Conceber, aplicar, corrigir e classificar os instrumentos de avaliação das aprendizagens e participar no serviço de exames e reuniões de avaliação;

- Elaborar recursos e materiais didático-pedagógicos e participar na respetiva avaliação;

- Promover, organizar e participar em todas as atividades complementares, curriculares e extracurriculares, incluídas no plano de atividades ou projeto educativo da escola, dentro e fora do recinto escolar;

- Organizar, assegurar e acompanhar as atividades de enriquecimento curricular dos alunos;

- Assegurar as atividades de apoio educativo, executar os planos de acompanhamento de alunos determinados pela administração educativa e cooperar na deteção e acompanhamento de dificuldades de aprendizagem;

- Acompanhar e orientar as aprendizagens dos alunos, em colaboração com os respetivos pais e encarregados de educação;

- Facultar orientação e aconselhamento em matéria educativa, social e profissional dos alunos, em colaboração com os serviços especializados de orientação educativa;

- Participar nas atividades de avaliação da escola;

- Orientar a prática pedagógica supervisionada a nível da escola;

- Participar em atividades de investigação, inovação e experimentação científica e pedagógica;

- Organizar e participar, como formando ou formador, em ações de formação contínua e especializada;

- Desempenhar as atividades de coordenação administrativa e pedagógica;

⁴ Citado no RI do Agrupamento de Escolas de Alpendorada

- Orientar o exercício das suas funções pelos princípios do rigor, da isenção, da justiça e da equidade.

No entanto, estas funções vão sendo alargadas exigindo cada vez mais do profissional de ensino.

No entender de Morgado (2005), aos professores é cada vez mais exigido um novo profissionalismo. É solicitado, que exerçam outras funções na escola tendo a seu cargo um número cada vez maior de responsabilidades, novas exigências a nível da qualidade e empenho para a promoção do sucesso educativo dos seus alunos. Torna-se necessário que os professores se dediquem cada vez mais ao desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas, tendo como principal objetivo a promoção do sucesso educativo dos alunos.

Esta atitude, segundo o autor, leva a “uma modificação profunda do seu pensamento educativo e uma rutura decidida com determinadas rotinas instaladas...” (p.23).

Perante este contexto educativo Schön (2000), refere que o professor tem de tornar-se num prático reflexivo, capaz de se adaptar a todas as situações de ensino pela análise das suas práticas, procurando através de reflexão constante, interrogar-se sobre o que faz e porque o faz.

Assim, o professor deve preparar-se para assumir novas funções, realizar um trabalho colaborativo, desenvolver práticas institucionais e participar na gestão do estabelecimento de ensino.

Segundo Santos (2007) ,

“O professor (...) não pode circunscrever a sua ação à sala de aula, não se pode limitar a transmitir secamente os seus conhecimentos científicos sem mais nada (...). Ele deve, pelo contrário, (...) estar atento às necessidades educativas e pessoais do aluno, para melhor o poder acompanhar e orientar.” “a profissão docente (...) não se esgota no tempo letivo. Ela transcende as paredes da sala de aula ou mesmo os muros da escola” (pp.105-106).

A este propósito Leite (2009) refere que “se considerarmos que o objetivo último da educação é conseguir que os alunos, entendidos como aprendentes, sejam autónomos e capazes de agir e de desenvolver processos de aprendizagem ao longo da vida, então temos de associar a educação a algo que vai para além da mera aquisição de conhecimentos disciplinares.” (p.260)

A mesma autora considera que a função da escola em geral e dos professores em particular tem evoluído,

“fazendo ampliar as suas funções de mera transmissão de conhecimentos ou de organização dos processos curriculares em função de objetivos expressos em comportamentos observáveis a curto prazo para funções que articulem o conhecimento com a sua utilidade social e que incorporem processos de leitura crítica das situações da vida e do mundo.”(op. Cit. p.260)

É nesta linha que a autora refere que, os alunos aprenderão melhor se conhecerem o sentido das aprendizagens que lhes são propostas, participando, assim, como construtores das mesmas.

Atualmente espera-se, também, que a escola seja um local inclusivo, respondendo de uma forma eficaz à multiplicidade de cenários e alunos, dando respostas aos discentes com diferentes problemas de aprendizagem e comportamento. Para isto são necessários professores preparados e empenhados com competências para responder aos desafios impostos ajudando os alunos a construir o seu conhecimento, a questionar e problematizar. Morgado (2005), designa este professor de “professor da contemporaneidade”, que deve passar de um simples “difusor de conhecimentos especializados”, (p.69), para passar a ser “um dos principais parceiros de um saber coletivo, e facilitador de situações de aprendizagem, que permitam aos estudantes participar nessa construção”,

No contexto atual, para que isto aconteça é necessário que o professor esteja em constante processo de crescimento e aprendizagem, com uma estrutura que lhe permita uma evolução no sentido da promoção do ensino e aprendizagem.

“Na atualidade, o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem assume especial acuidade, reconhecendo-se a importância da sua participação empenhada na transformação significativa do sistema educativo, particularmente em tempos de mudança.” (Herdeiro & Silva, 2011, p. 2726)

Assim, a educação do futuro, exigirá um trabalho docente qualificado, que deve ser centrado, essencialmente, no desenvolvimento profissional docente com “ênfase na colaboração, cooperação entre os professores e os outros responsáveis legais da educação” (Day & Sachs, 2004, p.7) e numa grande reflexão sobre a sua prática docente.

Este desenvolvimento profissional é também proporcionado pelo estágio profissional uma vez que todas as práticas decorrentes proporcionam um trabalho colegial e reflexivo.

Assim, tal como todos os professores, o professor estagiário deve desempenhar estas funções com o maior rigor e profissionalidade.

No decorrer da nossa Prática Pedagógica desempenharam-se várias destas funções supracitadas, nomeadamente: planificação, lecionação e avaliação das aprendizagens, procurando-se recolher informações necessárias para a reflexão da prática no sentido do seu melhoramento e reajustamento às necessidades específicas evidenciadas.

Foi efectuada, sempre, uma reflexão sobre todas as etapas do processo da prática pedagógica. Esta reflexão foi conseguida devido ao trabalho colaborativo entre o núcleo de estágio e a professora cooperante, tanto nas reuniões de pré e pós observação das aulas como na observação de aula à professora estagiária e à professora cooperante.

Foram concebidos recursos e materiais didático-pedagógicos, assim como instrumentos de avaliação dos quais se efetuou a respetiva correção.

No que concerne ao PAA o núcleo de estágio dinamizou e participou em atividades constantes no referido documento, sendo também, elementos ativos da Comissão de organização do “Dia Aberto”.

Todo o profissional de ensino deve analisar os instrumentos reguladores da Instituição e das aprendizagens dos alunos. Assim, foram analisados todos os documentos essenciais para o desenvolvimento da prática pedagógica – PEA; RI; PAA; programa da disciplina; caracterização da turma, entre outros.

Foram, também, cumpridas todas as normas vigentes na instituição de acolhimento do núcleo de estágio.

Destacamos aqui que cada vez mais é exigido aos professores, um maior empenho na formação contínua, nos saberes e competências. Neste contexto, a Prática Pedagógica assumiu-se como fulcral para o constante processo de crescimento e aprendizagem, em contexto colaborativo, partilhando saberes e experiências.

A supervisão pedagógica torna-se, assim, fundamental tanto para o supervisor como para o supervisionado, uma vez que se constitui como uma estratégia para auxiliar o professor nas mudanças necessárias, tendo como finalidade a melhoria do desenvolvimento profissional. A este propósito Moreira e Bizarro (2010) referem que os

professores participam na vida da escola, exercendo o seu direito e dever de reflexão numa busca permanente de soluções para os problemas daquele contexto, ou seja, a supervisão identifica-se com o desenvolvimento profissional numa perspetiva mais colaborativa, “menos orientada por técnicas e normas e mais baseadas no questionamento, na reflexão e assunção das decisões tomadas.” (p.20)

Em suma, a adaptação à instituição onde se realizou a prática pedagógica foi muito facilitada, uma vez que já éramos profissionais deste Agrupamento. É de salientar o alargamento das funções que desempenhávamos uma vez que passamos a desempenhar também a função de professoras estagiárias.

Estabeleceram-se boas relações com a comunidade escolar, uma vez que como profissionais da instituição já tínhamos elos de ligação. Esta boa relação com a comunidade escolar facilitou a prossecução dos objetivos estipulados no início do estágio profissional.

CAPÍTULO 2 - EXPLICITAÇÃO DO PLANO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA EM HISTÓRIA

- Caracterização da Turma⁵

Os dados sócio-culturais dos alunos permitem-nos conhecê-los como pessoas únicas e individuais pelo que se torna pertinente analisar os dados relativos à turma onde vamos leccionar, de forma a compreender melhor cada aluno em particular e a turma em geral, para deste modo, adequar as estratégias ao processo de ensino e aprendizagem.

Como anteriormente mencionado, a prática pedagógica desenvolveu-se no Agrupamento de Escolas de Alpendorada, na turma D do 10.º ano de escolaridade.

A Turma D do décimo ano de escolaridade integra o Curso Científico Humanístico de Línguas e Humanidades (DL 139/2012). No ano letivo de 2012/2013 esta foi a única turma a funcionar na Escola Secundária de Alpendorada na área supracitada.

A turma foi inicialmente constituída por 33 alunos, tendo dois mudado de turma no início do ano letivo, um aluno anulou a matrícula a todas as disciplinas no final do primeiro período, uma aluna mudou de área no final do primeiro período e uma aluna passou a integrar a turma no início do segundo período.

Dos trinta alunos que passaram a constituir a turma, três encontravam-se pela segunda vez no décimo ano. Os três alunos referidos tinham mudado de área, anteriormente (ano letivo 2011/2012) haviam frequentado o curso científico humanístico de ciências e tecnologias.

Dos alunos que constituíam a turma apenas três se encontravam a frequentar pela primeira vez uma Escola do Agrupamento de Escolas de Alpendorada. Os restantes 27 alunos tinham frequentado a Escola Secundária/3 de Alpendorada no ano letivo anterior.

Os alunos desta turma são, na generalidade, provenientes de famílias de fracos rendimentos económicos, em que os progenitores desempenham profissões diversificadas mas, em geral, pouco qualificadas. Ao nível das habilitações académicas,

⁵ Esta informação baseou-se na consulta e análise do Projeto de Turma.

podemos constatar que os pais dos discentes possuem habilitações média-baixa, correspondentes, na sua maioria, ao 1º Ciclo.

A Turma teve ao longo do ano um comportamento considerado pouco satisfatório no primeiro e segundo períodos, apenas no terceiro período o referido parâmetro foi avaliado como satisfatório. Trata-se de uma turma qualificada como imatura, com uma participação desorganizada, vários alunos não respeitaram as regras básicas de saber estar no espaço aula o que conduziu à marcação de faltas disciplinares. Para tentar colmatar as dificuldades diagnosticadas no âmbito do comportamento procedeu-se à elaboração de um código de conduta. Entre as medidas que constavam do referido código destacam-se as seguintes:

- Depois de entrar na sala, os alunos não podem voltar a sair não ser por uma razão muito forte;
- Os alunos esperam o professor à porta da sala de aula e entram ordenadamente e em silêncio;
- Os alunos não podem entrar na sala de aula com pastilhas elásticas, chapéu ou boné, a ingerir alimentos;
- Os alunos deverão levantar o braço antes de fazerem qualquer intervenção;
- As autorizações de saída para se deslocarem à casa de banho ficarão dependentes da entrega de uma declaração por parte do encarregado de educação nesse sentido.

No que diz respeito ao aproveitamento também o mesmo foi considerado pouco satisfatório no primeiro e segundo períodos, apenas no terceiro período o mesmo foi qualificado como satisfatório.

Os alunos revelaram poucos hábitos de trabalho e de estudo, falta de atenção e concentração nas aulas, bem como pouco empenho na realização de tarefas específicas, o que se refletiu no seu aproveitamento.

Para tentar alterar a situação acima descrita, o conselho de turma incentivou os alunos para a importância do estudo, atenção, concentração em aula, bem como o reforço de métodos e hábitos de trabalho, sobretudo dos alunos com mais limitações ou dificuldades de aprendizagem.

A turma beneficiou de aulas de apoio pedagógico acrescido à disciplina de Inglês e de sala de estudo às disciplinas de Português, História A, Matemática Aplicada às Ciências Sociais, Geografia A e Filosofia. No caso da disciplina de Geografia A, os

alunos deixaram de ter sala de estudo, após o dia 18 de Fevereiro de 2013, devido à reorganização dos horários.

Nas salas de estudo foram realizadas atividades de remediação, de aplicação de conhecimentos e esclarecimento de dúvidas colocadas pelos alunos.

Entre os alunos que revelaram mais dificuldades no decorrer do ano letivo seis não reuniam condições de transitar para o décimo primeiro ano de escolaridade no final do segundo período.

Os discentes em causa tiveram um desempenho escolar bastante irregular ao longo do ano letivo. Entre as lacunas apresentadas por estes alunos, salientam-se as dificuldades na aquisição e aplicação de conhecimentos, falta de estudo, estruturação incoerente do discurso e raciocínio lógico. Para além disso, nem sempre estes alunos revelaram o interesse e empenho necessários a fim de ver superadas as suas dificuldades de aprendizagem.

No final do ano letivo, apenas uma aluna não conseguiu superar as dificuldades diagnosticadas.

As estratégias aplicadas pelo conselho de turma no decorrer do ano letivo permitiram que tanto o comportamento como o aproveitamento fossem evoluindo e se tornassem satisfatórios no final do terceiro período.

Visto tratar-se de uma turma com diversos problemas ao nível do aproveitamento e comportamento considerou-se necessário efectuar uma análise pormenorizada das suas características no sentido de adequar estratégias. Assim, como se pode verificar no quadro 1, o aproveitamento e o comportamento no 2.º período foi considerado pouco satisfatório, tendo esta situação sofrido uma alteração no final do 3º período, em que o aproveitamento e o comportamento da turma foram considerados satisfatórios, o que se poderá justificar pelas estratégias implementadas pelo conselho de turma.

Quadro 1 - Aproveitamento e comportamento do 10.º D ao longo do ano

Aproveitamento Global:				Comportamento Global:			
	1º P	2º P	3º P		1º P	2º P	3º P
Bom				Bom			
Satisfatório	X		x	Satisfatório			x
Pouco Satisfatório		x		Pouco Satisfatório	x	x	
Não Satisfatório				Não Satisfatório			

Analisando o número de positivas e negativas, podemos verificar (quadro 2), que em todas as disciplinas houve uma diminuição do número de negativas, com exceção da disciplina de Inglês. No que se refere a História A, no 1º período registaram-se 87 % de positivas, no 2º período 90 % e, finalmente no 3.º período, 100% de positivas, o que vem comprovar que as estratégias adotadas surtiram o efeito desejado e ao nível da disciplina de História o sucesso foi total.

Quadro 2 - Desempenho da turma do 10.º D ao longo do ano letivo, por disciplina

Disciplinas	Período	FORMAÇÃO GERAL					ESPECÍFICA Hist. A	Disciplinas de Opção			
		Português	Inglês	Filosofia	Ed. Física	MACS		Geo.A			
Nº de Alunos	1º	30	30	30	30	30	30	30			
	2º	30	30	30	30	30	30	30			
	3º	30	30	30	30	30	30	30			
Total de Positivas	1º	24	22	26	30	26	24	23			
	2º	29	16	26	30	27	27	21			
	3º	30	19	29	30	30	29	24			
% de Positivas	1º	80	73	87	100	87	80	77			
	2º	97	53	87	100	90	90	70			
	3º	100	63	97	100	100	97	80			
Total de Negativas	1º	6	8	4	0	4	6	7			
	2º	1	14	4	0	3	3	9			
	3º	0	11	1	0	0	1	6			
% de Negativas	1º	20	27	13	0	13	20	23			
	2º	3	47	13	0	10	10	30			
	3º	0	37	3	0	0	3	20			

Com base na análise de atas do Conselho de turma é possível concluir que este sucesso na disciplina de História está relacionada com as estratégias implementadas pela docente de História, nomeadamente, o apoio prestado em horas de apoio na sala de estudo a alunos que revelavam maiores dificuldades.

- Prática Pedagógica

O período da Prática Pedagógica teve início com uma apresentação à nossa orientadora cooperante assim como uma breve apresentação da Instituição que nos acolheu e a respetiva Direção Executiva e Coordenadora de Departamento Disciplinar.

Foi realizada uma reunião inicial com vista à elaboração de um cronograma das atividades a desenvolver no Plano de Prática Pedagógica. (Quadro 3)

A prática pedagógica envolveu o desenvolvimento das seguintes ações:

- Análise dos instrumentos reguladores da Escola - RI, PE, PAA, PCTs;
 - Análise dos instrumentos reguladores da aprendizagem - Planificações, Programa;
 - Planificação de duas aulas, elaboradas antes das respectivas aulas assistidas tendo sido sujeitas a rectificação/ratificação por parte da supervisora científica e da professora cooperante;
 - Observação de duas aulas lecionadas pela professora cooperante ao 12.º ano;
 - Lecionação de duas aulas na turma D do 10.º ano do curso científico humanísticos de línguas e humanidades;
 - Observação de aulas lecionadas pela outra estudante que faz parte deste Núcleo de Estágio;
 - Reuniões de pré e pós-observação de aulas, onde foram efetuados reajustamentos, onde se analisou, discutiu e reflectiu sobre as aulas lecionadas;
 - Participação na elaboração de documentos associados à prática letiva - planificações, planos de aula, materiais didáticos, fichas de avaliação, fichas de trabalho, entre outros.
 - Correção de instrumentos de avaliação. Neste caso correção das questões elaboradas para os dois testes de avaliação;
 - Participação numa reunião de Conselho de Turma do 10.º ano, turma D;
 - Participação em reuniões de Departamento e de Grupo Disciplinar.
- Neste caso houve uma participação em todas as reuniões;

	MAIO																															
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
Observação de Aulas Lecionadas pela Orientadora História A - 12º Ano																																
- Lecionação de Aulas História A - 10º Ano																																
Observação de aulas lecionadas pelas outras estudantes que fazem parte deste Núcleo de Estágio																																
Planificação de aulas																																
Reuniões de pré-observação de aulas;																																
Reuniões de pós-observação de aulas																																
Correção de instrumentos de avaliação																																
Participação em reuniões de Conselho de Turma																																
Participação em reuniões de Departamento ou de Grupo Disciplinar																																
Colaboração na dinamização do Plano Anual de Atividades;					a)							a)									a)											
Análise dos instrumentos reguladores da Escola - RI, PE, PAA, PCT;																																
Análise dos instrumentos reguladores da aprendizagem - Planificações																																
Elaboração de atas de reuniões																																

	Junho													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Observação de Aulas Lecionadas pela Orientadora História A - 12º Ano														
- Lecionação de Aulas História A - 10º Ano														
Observação de aulas lecionadas pelas outras estudantes que fazem parte deste Núcleo de Estágio														
Planificação de aulas														
Reuniões de pré-observação de aulas;														
Reuniões de pós-observação de aulas														
Correção de instrumentos de avaliação														
Participação em reuniões de Conselho de Turma														
Participação em reuniões de Departamento ou de Grupo Disciplinar														
Colaboração na dinamização do Plano Anual de Atividades;			a)							a)				
Análise dos instrumentos reguladores da Escola - RI, PE, PAA, PCT;														
Análise dos instrumentos reguladores da aprendizagem - Planificações														
Elaboração de atas de reuniões														
Reunião de auto e heteroavaliação														

Atividade	Histórias			
Lecionar aulas	2 aulas			2h
Observar aulas do professor cooperante ou de um professor que colabore com o núcleo de estágio	2 aulas			2h
Observar aulas dos colegas de estágio *	2 aulas			2h
Reuniões pré-observação das aulas que vai lecionar	2 reuniões			2h
Reuniões pós-observação das aulas que lecionou	2 reuniões			2h
Reuniões pós-observação das aulas que observou nos colegas *	2 reuniões			2h
Planificar aulas	2 aulas			2h
Construir instrumentos de avaliação				2h
Corrigir instrumentos de avaliação				2h
Analisar resultados				2h
Reuniões de Conselho de Turma	1 reunião			2h
Reuniões de Departamento ou de Grupo Disciplinar				1 reunião
Colaborar na dinamização do PAA	1 ou mais atividade(s)			
Analisar os instrumentos reguladores da vida da escola	PEE, PCE, RI, PAA, PCT;			
Analisar os instrumentos reguladores das aprendizagens	Programas, Metas de Aprendizagem			
Elaborar atas do núcleo de estágio	2 atas	1h	2 atas	1h
Outras reuniões do núcleo de estágio, nomeadamente reunião final de auto e heteroavaliação do estágio			3h	3h
TOTAL				60 H

- a) Atividade "Personalidade da Semana"
- b) Comemoração de 25 de abril;
- c) Visita de estudo ao Convento de Alameda
- d) Dia de História

CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DE PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História: planificação, realização e avaliação das aprendizagens.

“Não é necessariamente, nem somente, ser-se isto ou aquilo, ou sequer ser-se um perito competente, mas prometer-se-lhe, comprometer-se a sê-lo.”

Derrida, Jacques (2003, p.10)

A prática pedagógica, realizou-se no 10.º ano de escolaridade, na disciplina de História A. A gestão, organização e operacionalização teve como referenciais teóricos as orientações do Ministério da Educação e Ciência, o programa da disciplina, a literatura da especialidade e investigações efectuadas no âmbito da Educação Histórica.

Segundo o programa do ensino secundário, a História tem vindo a mudar a vários níveis, nomeadamente: na formulação de novas hipóteses; na identificação de novos objectos; na diversificação de metodologias; nas relações mais amplas que se estabelecem com outros saberes e na construção de novas interpretações o que dificulta a elaboração de sínteses e a selecção de domínios que devem ser estabelecidos como objecto de estudo, no ensino secundário.

Na fase de desenvolvimento em que se encontram estes alunos é necessário encontrar

“referentes seguros que lhes permitam interpretar as realidades sociais que com eles interagem; que proporcionem fios de inteligibilidade entre as grandes questões nacionais e os problemas decorrentes de uma globalização cada vez mais envolvente; que se constituam como apoio para as escolhas que inevitavelmente terão de realizar.” (Programa de história A, 2002, p. 4)

O programa de História contempla como principais finalidades: promover o desenvolvimento de competências que permitam a problematização de relações entre o passado e o presente e a interpretação crítica e fundamentada do mundo actual; desenvolver a capacidade de reflexão, a sensibilidade e o juízo crítico, estimulando a produção e a fruição de bens culturais; favorecer a autonomia pessoal e a clarificação de

um sistema de valores, numa perspectiva humanista; desenvolver a consciência da cidadania e da necessidade de intervenção crítica em diversos contextos e espaços.

Segundo Moreira (2001), a História tem um papel informativo e formativo, devendo dar “uma perspetiva global da evolução da humanidade, mostrando a pluralidade de modos de vida, valores e sensibilidades em distintas épocas e lugares a fim de os alunos compreenderem melhor o mundo presente” [...] e “o desenvolvimento das capacidades de análise e de síntese, dos hábitos de pesquisa, de debate, e ainda o seu espírito crítico e criativo” (p. 34).

Prats (2001) refere que “En las sociedades contemporáneas la Historia tiene un papel importante. La Historia es, más que *la maestra de la vida* como la definiera Herodoto, un conocimiento.” (pp. 12, 13) Este autor, refere ainda que, o estudo da História pode servir para: facilitar a compreensão do presente, já que não há nada no presente que não possa ser melhor compreendido do que conhecendo os antecedentes, servindo, desta forma, para explicar o presente, oferecendo uma perspectiva que ajuda à sua compreensão (permite analisar questões temporárias, estuda as causas e consequências dos feitos históricos, estuda as mudanças nas sociedades, explica a complexidade dos problemas sociais); preparar os alunos para a vida adulta pois estimula-os a usar criticamente a informação, formando-os para a cidadania; despertar o interesse pelo passado; potenciar o sentido de identidade; ajudar os alunos na compreensão das suas raízes culturais e herança comum; contribuir para a compreensão de outros países e culturas do mundo; contribuir para o desenvolvimento mental dos alunos; enriquecer outras áreas do currículo.

Prats (2001) destaca, também, a importância do desenvolvimento do pensamento hipotético dedutivo, instrumento precioso, para aplicação de forma automática nas situações do quotidiano, sendo necessária a constante formulação de hipóteses que poderão resultar de investigações efetuadas. Mas se a formulação de “hipótesis es uno de los puntos fuertes que ha de tener la enseñanza de la historia entre los adolescentes, el otro punto es, tal como hemos dicho, el desarrollo y la estructuración del pensamiento crítico.” (p. 16)

Para Monfort, Pagès & Santisteban (2011) a o objetivo primordial no ensino da História é a formação do pensamento histórico dos alunos como forma de contribuir

para a sua formação enquanto cidadãos, capazes de analisar e interpretar criticamente o mundo actual para, desta forma, gerir melhor o futuro.

Prats e Santacana (2011) destacam que,

“En un tiempo en que el conocimiento se diluye ante la falsa contradicción instrucción-educación, la historia es cada vez más necesaria en la formación para desarrollar un criterio y una visión crítica del presente. La historia, entendida como disciplina científica, es un medio idóneo para enseñar y aprender a realizar análisis sociales (en el sentido más amplio). Permite estructurar todas las demás disciplinas sociales y hace posible la incorporación de muchas situaciones didácticas que posibilitan trabajar las diversas habilidades intelectuales y la potenciación del desarrollo personal. Por lo tanto, puede afirmarse que la historia es una materia que debe ocupar un lugar preeminente en el currículo educativo general. (p. 29)

O programa de História sustenta-se na vertente pedagógica construtivista em que,

“só o envolvimento dos alunos em experiências de aprendizagem significativas proporcionará a constituição de um quadro de referências indiscutivelmente útil, se objecto de apropriação consciente pelos jovens.” (assim que, nas metodologias que se considera indispensável promover, a análise das fontes tem um papel insubstituível. Com efeito, ela contribuirá para o desenvolvimento nos jovens de uma perspectiva crítica; e promoverá também o reforço de uma dimensão ética, já que as inferências inevitáveis de efectuar repousarão em argumentos de carácter documental. (Programa de História do ensino secundário, p. 6)

Segundo Prats e Santacana (2001) a História é uma disciplina que sem análise crítica não existiria. Assim, o ensinar e aprender História é estimular o pensamento. O desenvolvimento do pensamento crítico em História pode e deve fazer-se sempre.

Nesta linha de pensamento, Barca e Gago (2001) referem que, é necessário compreender os processos cognitivos dos alunos ao pensarem em História, verificando relações entre as ideias tácitas (ideias que os alunos constroem a partir das suas vivências) e os conceitos históricos. Referem ainda, que é importante “explorar a compreensão dos alunos quanto aos conceitos históricos quer de natureza substantiva quer de natureza epistemológica (por exemplo, interpretação de fontes). “ (p. 241)

Segundo os mesmos autores “a interpretação de fontes históricas que reflectem diversos pontos de vista constitui um elemento fundamental na progressão do

conhecimento Histórico. [...] Assim, os conceitos históricos são compreendidos pela sua relação com os conceitos da realidade humana e social que o sujeito experiencia.” (p.242)

Na Prática Pedagógica desenvolvida estiveram presentes estes pressupostos e outros relativos à Educação Histórica. No que diz respeito aos aspectos didático-pedagógicos, as duas aulas lecionadas foram concebidas tendo em conta a perspectiva construtivista, tentando promover uma aprendizagem significativa.

“Para os construtivistas a aprendizagem é um processo ativo de construir, não adquirir conhecimento e o objectivo do processo instrutivo é ajudar a essa construção, não transmitir conhecimento.” (Coutinho, 2005, p.1) É o aluno de passa de um receptor/processador do conhecimento sendo um construtor desse mesmo conhecimento. Passa a deter o papel principal, sendo o centro do processo do ensino e aprendizagem. Segundo Coutinho (2005) esta situação implica ter presente dois aspetos essenciais: a construção do conhecimento é, por um lado, uma actividade pessoal uma vez que cada aluno aprende por si próprio, mas por outro, dependente do contexto em que ocorre, pois neste processo intervêm outros alunos, o professor e o conteúdo.

A aprendizagem significativa está associada às teorias construtivistas, uma vez que, e segundo Moreira (2007) a aprendizagem significativa é um processo através do qual o aluno incorpora um novo conhecimento à sua estrutura cognitiva de maneira não arbitrária e substancial.

Para Pelizzari *et al.* (2001)

“Para haver aprendizagem significativa são necessárias duas condições. Em primeiro lugar, o aluno precisa ter uma disposição para aprender: se o indivíduo quiser memorizar o conteúdo arbitrária e literalmente, então a aprendizagem será mecânica. Em segundo, o conteúdo escolar a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo, ou seja, ele tem que ser lógica e psicologicamente significativo.” (p. 38)

Foca-se aqui as diferenças entre a aprendizagem por descoberta e a aprendizagem receptiva. A aprendizagem por descoberta refere-se à forma como o aluno recebe os conteúdos, que quanto mais se aproximar da aprendizagem por descoberta, “mais esses conteúdos são recebidos de modo não completamente acabado e o aluno deve defini-los ou “descobri-los” antes de assimilá-los; inversamente, quanto mais se aproxima do pólo da aprendizagem receptiva, (*ibidem*,39)

Depois de analisadas estas questões relativas à importância da História e ao modo como esta deve ser aprendida, passamos à planificação das aulas começando por definir algumas questões: o quê?, porquê?, como?, como sei se cheguei lá?.

Assim, torna-se necessário conceber uma aula tendo em conta estas questões, de forma a tornar a planificação num instrumento efectivo de trabalho pedagógico - didático.

Como refere Zabalza (1998), o processo de planificação didáctica implica: um apoio conceptual e de justificação, ou seja, um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o(s) fenómeno(s) a organizar; uma direcção, ou seja, um objetivo ou uma meta a alcançar; uma estratégia de procedimentos, ou seja, a definição de linhas estratégicas que incluam os conteúdos, a sequência das atividades, os meios, os recursos e as formas de avaliar tendo como objetivo final de clarificar “o quê”, “o porquê” e o “como”.

No entanto, de acordo com Zabalza (1998), uma das primeiras e principais funções da planificação é a de modificar e reorganizar as definições do currículo oficial adequando-as às características específicas de um determinado contexto educativo.

Nesta medida o ato de planificar torna-se infrutífero se não se tiver em conta os principais intervenientes – os alunos. É necessário adequar as estratégias e metodologias mediante as características específicas da turma.

Neste caso, teve-se linha de conta as características da turma (com graves lacunas ao nível do aproveitamento e do comportamento) bem como o facto de se tratar de uma turma do ensino secundário, com outro grau de exigência. Para além disto trata-se de uma turma com elevado número de alunos o que poderá dificultar todo o processo de ensino e aprendizagem, nomeadamente ao nível da promoção de um ensino mais individualizado. Perante estas constatações procedeu-se a uma planificação tendo em conta as situações preconizadas procurando-se desenvolver a motivação e interesse dos discentes.

Como professores sabemos bem o quanto é difícil reter a atenção dos alunos e motivá-los. Também na disciplina de História é necessário efetuar diversos ajustes de modo a cativar os alunos para o seu estudo.

A este propósito, Felix e Roldão (1996) afirmam que,

“É verdade que ninguém pode viver do passado, mas também é bem certo que não se pode avançar criticamente rumo ao futuro ignorando esse passado. (...) o ensino da História é entendido de forma diferente conforme se trata das perspectivas de um

historiador ou da de um professor que trabalha nas escolas com alunos, dos ensinos básico e secundário. (...) Quando se trata de uma disciplina curricular para além dos conhecimentos específicos que são próprios à disciplina científica, há ainda que ter em conta outros aspetos: uma perspectiva de ensino e de aprendizagem da disciplina, uma formação que se tem em vista, mecanismos de aprendizagem, métodos e conteúdos que se pretendem interiorizar. (p.145).

Assim, é necessário a diversificação de métodos de ensino e estratégias, na utilização das novas tecnologias e na utilização de recursos que apelem à motivação e contacto com a realidade presente.

Trazer para o ensino da História modelos integrados em tecnologias apelativas é essencial na escola atual que exige cada vez mais uma dinamização que poderá ser conseguida indo ao encontro dos interesses dos alunos, promovendo deste modo aprendizagens significativas.

As mudanças e inovações levam a escola a adaptar-se aos novos tempos, à construção de referenciais teóricos e novas respostas educativas. É uma nova porta para o mundo que se abre à distância de um clique e que se torna cada vez mais acessível e interativa.

As inovações tecnológicas criam

“um espaço de profunda renovação da escola” [...] os agentes educativos têm aqui um grande desafio: transformar o modelo escolar que privilegia a lógica da instrução e da transmissão da informação para um modelo cujo funcionamento se baseia na construção colaborativa de saberes e na abertura aos contextos sociais e culturais” (Silva, 2001, p.839).

Os nossos alunos nasceram nesta nova era da evolução acelerada dos recursos tecnológicos a que Mark Prensky (2001) designa por nativos digitais - os que nasceram na era digital e fazem das tecnologias uso permanente. Estes nativos cresceram com a *web* e com as tecnologias em geral, convivem diariamente com o computador, com telemóveis da última geração, com *ipod's*, *ipad's*, ouvem música digital, assistem a filmes *online* entre outros. Valorizam a autodescoberta em detrimento da leitura de um manual, e ainda, segundo Prensky (2001), valorizam a imagem face ao texto. Os professores podem ser considerados, como designa o autor, de imigrantes digitais que por sua vez, embora chegando tarde às tecnologias de informação, têm o dever de fazerem um esforço em se adaptar e acompanhar a sua evolução.

Segundo Coutinho & Junior (2007)

“as tecnologias da informação e comunicação criaram novos espaços de construção do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, a residência e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa, podendo, de lá, aceder ao ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, buscar fora das escolas a informação disponível nas redes de computadores e em serviços disponibilizados pela Internet que respondem às suas exigências pessoais de conhecimento.”(para.1)

Mediante esta complexidade, Coutinho & Junior (2007) referem que,

“diversidade das novas formas de aprender na sociedade da informação e do conhecimento, teremos que repensar a lógica que sustentou os modelos pedagógicos tradicionais: centrados no professor, principal fonte do conhecimento; privilegiando a transmissão da informação em detrimento da sua construção pelo sujeito que aprende; com um sistema de feedback muito hierárquico e centralizado (do professor para o aluno e deste para o professor). Estes modelos pedagógicos não se coadunam com os novos cenários interactivos.”(para.3)

Estes modelos pedagógicos na opinião de Corcoran (s/d), citado por Coutinho & Junior, 2007, terão de ser centrados no aluno, interactivos, oferecendo grande variedade de recursos tecnológicos dentro e fora do espaço físico da sala de aula promovendo uma aprendizagem significativa.

“Para que essa aprendizagem seja significativa devem estar presentes duas condições: o material da aprendizagem deve possuir significado em si mesmo, (...) o material deve ser potencialmente significativo para o aluno.” (Félix & Roldão, 1996, p.146)

Quando se refere que os alunos não são interessados e empenhados estamos a cometer, a nosso ver, um grande erro, uma vez que, estes muitas vezes interessam-se por outras áreas, as quais alguns professores desconhece. Os nossos alunos dominam a linguagem das novas tecnologias de informação tendo o professor que se adaptar, fazendo um esforço para se actualizar, devendo para isso promover junto dos alunos a investigação dessas novas tecnologias, deve orientar e coordenar todo este processo de investigação.

De seguida passaremos à descrição de cada uma das aulas, fundamentando as escolhas efetuadas, quer no que diz respeito às actividades propostas quer aos recursos didáticos construídos.

Com base na leitura, análise e reflexão da literatura da especialidade foi planificada a primeira aula que está inserida no módulo 3 – A abertura europeia ao mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI e na unidade 2 - O alargamento do conhecimento do Mundo. O tema da aula foi a “Observação e Descrição da Natureza”. A aula foi lecionada no dia 17 de abril de 2013 à turma D do 10.º ano do Agrupamento de Escolas de Alpendorada. (Anexo 4)

Depois de analisado o programa da disciplina de História A do 10.º ano, bem como as planificações anual e periódica, elaboradas pelo grupo de História e após a reunião de pré-observação da aula com a professora cooperante, foi colocada a seguinte questão estruturante: *Qual o contributo dos portugueses na observação e descrição da natureza para o alargamento do conhecimento do Mundo?*

Tendo em conta que ainda não foram homologadas as metas para o ensino secundário foram estabelecidos como principais objectivos desta aula: Sintetizar os grandes contributos da expansão marítima, nos domínios da geografia física e humana, botânica, da zoologia e cosmografia; Sublinhar o carácter experiencialista deste novo saber proporcionado pela expansão; Analisar documentos; Distinguir o experiencialismo da ciência moderna.

Apostou-se nesta aula na diversificação de recursos e estratégias. As estratégias serão “decisões programadas com a finalidade dos alunos adquirirem determinados conhecimentos ou competências. Estas decisões implicam os materiais que apresentam para serem aprendidos, a sua organização e as actividades que se desenvolvem com eles.” (Félix & Roldão, 1996, p. 149).

Segundo Roldão (2010, p. 13), citado por Morais & Miranda (2011)

“Falar de estratégias no plano da acção docente implica uma clarificação prévia do próprio conceito de ensinar, já que do que se trata é de estratégias do ensino. A mesma autora sugere que ensinar consiste “em desenvolver uma acção especializada, fundada em conhecimento próprio, de fazer com que alguém aprenda alguma coisa que se pretende e se considera necessária” (pp. 14-15).

Segundo Félix & Roldão (1996), durante muito tempo, reduziu-se o ensino da História a uma simples transmissão de conhecimentos, sem se ter em atenção como os alunos o apreendiam, ficando muitas vezes o ensino reduzido a um problema psicológico ou individual, ficando toda a estratégia didáctica subordinada às aprendizagens espontâneas realizadas pelo aluno.

As mudanças nestas concepções provocaram um reequacionamento do lugar da História no currículo e a sua função. Actualmente os novos programas referem princípios orientadores baseados no desenvolvimento do espírito crítico, na sensibilização para os problemas sociais, no desenvolvimento de atitudes e hábitos democráticos e o desenvolvimento das capacidades de desenvolver conhecimentos.

Assim e mediante este cenário, procurou-se lecionar uma aula que tivesse por base o desenvolvimento da curiosidade, do espírito crítico e do ensino pela descoberta.

Como forma de motivação e recorrendo às ideias prévias dos alunos foi projectada uma nuvem de palavras de maneira aos alunos mencionarem as principais ideias apreendidas na aula anterior.

Segundo Mortimer (1996), as ideias prévias dos alunos desempenham um papel importante, segundo a perspectiva construtivista.

Cada vez ganha mais relevância a consideração dos conhecimentos que os alunos trazem consigo para a sala de aula, conhecimentos esses adjectivados por prévios, tácitos ou substantivos, que têm sido alvo de diversos estudos. Melo (2003) define o conhecimento tácito histórico como uma conjunto de “proposições que versão aspectos da História, construídas a partir de uma pluralidade de experiências pessoais idiossincráticas e sociais” (p. 33)

A valorização das ideias prévias dos alunos torna-se essencial uma vez fomenta o interesse e a motivação sendo um instrumento precioso na construção do seu conhecimento.

“O interesse e a motivação dos alunos aumentam sempre quando estes se tornam responsáveis pelo seu próprio processo de estudo. O ensino ativo permite que o aluno desenvolva a sua capacidade de ser crítico, de se expressar, de questionar, de criar e de ter uma auto-disciplina nas tarefas escolares, contribuindo para que a actividade individual parta para a construção colectiva”. (Ferreira, 1999, p. 149)

No momento didáctico seguinte foi utilizado um friso cronológico interativo elaborado com os acontecimentos mais marcantes relacionados com a importância dos

portugueses no alargamento do conhecimento do mundo. (Anexo 5) Neste friso foi possível colocar vários recursos, desde textos a vídeos, imagens e músicas. Segundo Ferreira, 1999, os recursos multimédia, fotografias, vídeos, imagens, sons, filmes, etc. quando usados correctamente são uma mais-valia, constituindo-se como uma ferramenta de apoio para a apresentação, construção e transmissão do conhecimento histórico, resultando em novas formas de apreensão, “uma vez que estes os recursos áudio-visuais despertam a atenção dos alunos, tornando-os mais interessados e contribuindo para a melhoria da aprendizagem, estabelecendo uma relação de interacção com o conteúdo entre professores e alunos.” (Ferreira, 1999, p. 150)

Seguidamente foi analisada alguma cartografia da época (recurso “flashback” sobre a aula anterior com a colaboração dos alunos). Aqui foi promovida a interdisciplinaridade com a disciplina de Geografia, o que se manifestou muito significativo e motivante para os discentes. A aplicação destas metodologias segundo Ferreira (1999) em que o aluno interage e participa da escolha e construção dos conteúdos, o aprendizado torna-se mais eficiente.

É inegável que a aplicação de uma pedagogia ativa, centrada no aluno, é geradora de aprendizagens significativas afins ao desenvolvimento das competências específicas da História. (Moreira, 2001, p. 39)

O friso cronológico elaborado *online* no programa *tiki-toki* foi analisado passo a passo. A opção por esta estratégia prende-se com a necessidade premente de ir ao encontro dos interesses dos alunos. Como a sociedade sofre um ritmo intenso de modificações, a escola e o ensino da História em especial, tem de acompanhar esse processo sob pena de transmitir conhecimentos já ultrapassados. Para isso deve incorporar os temas e as inovações tecnológicas com que os alunos já lidam no quotidiano. (Ferreira, 1999).

Denotou-se um grande entusiasmo por parte dos alunos que nunca tinham trabalhado com um friso interativo. Devido a este facto, foi sugerido aos alunos que seguissem com o projeto e continuassem a elaboração do friso até ao final do ano letivo.

De seguida foram analisados fontes escritas com o objectivo de promover a discussão, o debate e a aprendizagem por descoberta. Segundo Prats (2001) as fontes escritas requerem uma técnica de leitura detalhada em que o aluno vai decifrando a informação histórica que o documento proporciona. Não se trata de resumir, mas de ler com mentalidade indagativa para obter notícias diretas e indiretas da época.

Na perspectiva de Monfort, Pagés & Santisteban (2011), a interpretação da fontes históricas tem um grande valor educativo uma vez que permite superar a estrutura dos manuais escolares, introduzir aspectos relacionados com o quotidiano dos povos, colocar os alunos em contato com o passado, aumentando, desta forma, a motivação dos alunos e contribuindo para a aquisição de competências históricas.

Assim, foi feita a leitura e análise, passo a passo, dos seguintes documentos: “Carta de Pêro Vez de Caminha ao rei D. Manuel, comunicando o achamento da ilha de Vera Cruz”; “O testemunho de Garcia de Orta” e o “O testemunho de Duarte Pacheco Pereira”, tentando com que os alunos apreendessem, o conceito de experiencialismo. Desta forma, foi solicitado aos alunos a apresentação da informação recolhida na leitura e análise de documentos através de um diálogo orientado.

De seguida foi visualizado um vídeo alusivo à expansão marítima. No final da visualização foi efetuada uma reflexão conjunta sobre o vídeo, como forma de síntese dos conteúdos abordados. Segundo Woelders (2007) a visualização de um filme histórico ajuda mais facilmente os alunos a compreender as fontes históricas escritas, ajudando os alunos a desenvolver o seu espírito crítico. Ajuda, também, os alunos a contruir imagens mentais sobre o passado e a compreender melhor os textos que lê.

Por fim, procedeu-se a uma avaliação formativa das aprendizagens através da realização de uma ficha onde os alunos realizaram atividades de aplicação de conhecimentos e de desenvolvimento de competências. (Anexo 6)

A correção da ficha de trabalho (Anexo 7) foi disponibilizada no *blog* criado pelo núcleo de estágio. O endereço do *blog* foi disponibilizado aos alunos de maneira a criar um espaço de partilha entre o professor e os alunos. (Anexo 15)

Segundo Silva (2012), “Utilizar o *blog* no contexto escolar pode ser uma maneira de dar continuidade ao trabalho desenvolvido na sala de aula fomentando o trabalho coletivo e motivando os alunos da turma a participarem, escrevendo posts e comentários, colocando questões, publicando trabalhos.” (p.4)

Ainda segundo Silva (2012) o *blog* enquanto recurso didático, “pode promover o pensamento crítico no aluno, permitindo que haja uma reflexão individual e interação social.” (p.4) O *blog* pode criar ambientes de aprendizagem colaborativa uma vez que permitem criar espaços de interação entre os alunos e outras pessoas, criando espaços onde os estudantes podem colaborar, trocando ideias e culturas distintas.

Segundo Gomes e Lopes (2007, p. 123.), citado por Silva (2012)

“A utilização dos blogues apenas como um “recurso pedagógico” centra-se essencialmente na possibilidade de proporcionar aos alunos formas adicionais de acesso à informação que se pressupõe actualizada e relevante. Neste tipo de exploração o aluno assume uma posição relativamente passiva, limitando-se frequentemente à leitura dos posts, eventualmente colocando algum comentário às mensagens/posts já existentes.” (p.5)

Durante a aula, e como forma de avaliação, foram sendo registados os comportamentos observados através de uma grelha criada para o efeito de modo a aferir a atenção, interesse e empenho dos discentes. (Anexo 8)

A segunda aula lecionada teve como conteúdo a pintura Renascentista inserida no tema: A reinvenção das formas artísticas. Esta aula foi pensada de maneira a ir ao encontro dos alunos promovendo a motivação/interesse no caminho de uma aprendizagem significativa.

É de salientar que esta turma apresenta algumas lacunas a nível do comportamento, aproveitamento e motivação, sendo que estes problemas foram um ponto de partida para a planificação da aula, criando e utilizando novos recursos, tentando promover inovação, motivação e dinamismo da aula.

Deste modo, foram utilizados recursos diferenciados de modo a promover uma aprendizagem mais dedutiva, ou seja, uma aprendizagem pela descoberta guiada.

A aula teve como principal propósito a utilização da imagem para que os alunos compreendessem, de forma apelativa as principais características da Pintura Renascentista.

Segundo John Berger (1999), o olhar chega antes da palavra, ou seja, o Homem, antes de aprender a falar, comunica através visão. A perceção de qualquer imagem é afetada pelos nossos conhecimentos tácitos ou pelo que acreditamos. Com isso, pode-se entender que toda imagem incorpora uma forma de ver.

Portanto, há a necessidade de se refletir sobre a possibilidade de realizar atividades com os alunos em sala de aula, levando-os a entender outras formas de linguagem, além da tradicional, na opinião de Litz (2008). Quando se apresenta uma imagem ao aluno (fotografia, pintura, gravura, etc.) ele pode associar a imagem visualizada às informações que já possui, tendo em conta o seu conhecimento prévio.

“Como toda a imagem é histórica, o aluno pode perceber a marca e o momento de sua produção.”(Litz, 2008, p.6)

Corroborando com Litz (2008), quando se trabalha com a análise de uma imagem, alguns procedimentos são necessários no processo de ensino e aprendizagem, para que não se perca a intencionalidade: usar imagens sempre como forma de aprendizagem e conhecimento. Por isso, qualquer imagem precisa ser bem utilizada e bem explorada e, quando necessário, articulada a um texto, passível de ser interpretada, pois, representa uma determinada época. Dessa forma, se constituirá como uma autêntica fonte de informação, de pesquisa e de conhecimento, a partir da qual o aluno pode perceber diferenças e semelhanças entre épocas. No processo de ensino e aprendizagem, procura-se um desenvolvimento e aprofundamento do espírito crítico, com o objetivo de possibilitar a compreensão de como a história é produzida e veiculada.

Litz (2008) refere que, “trabalhar os processos iconográficos da história em sala de aula é um caminho fascinante que pode se multiplicar em infinitas formas e possibilidades, sendo uma importante fonte de pesquisa para compreensão da história.” (p. 7)

Como aconteceu com a aula anterior, foi elaborado previamente o plano de aula, sendo analisado pela professora cooperante. (Anexo 9)

Esta segunda aula teve como base a seguinte questão estruturante: Quais as características da pintura Renascimento?

Os objetivos traçados para esta aula são os que a seguir se elencam:

- Explicar as características antropocêntricas do Humanismo;
- Exemplificar a valorização da Antiguidade pelo Humanismo;
- Analisar obras de pintura;
- Inferir das características clássicas e naturalistas da pintura renascentista;
- Identificar as características da pintura renascentista;
- Referir nomes de pintores renascentistas;

A aula iniciou-se com a recuperação dos assuntos da aula anterior, pois é importante estabelecer um elo de ligação entre os vários temas abordados na disciplina.

Assim, foi proposto aos alunos que através da utilização da técnica do *Brainstorming* e da projeção de uma imagem – pintura de Botticelli; O Nascimento de Vénus – identificassem as principais características do Renascimento.

À medida que os alunos vão identificando as características, a professora vai fazendo *Zoom* sobre a imagem e sobre as características que vão sendo enunciadas pelos discentes – possibilitada pela utilização de uma apresentação em *Prezi*. (Anexo 10) À medida que se vai fazendo *zoom*, vai-se promovendo a ativação dos conceitos já abordados, fazendo a sistematização dos assuntos lecionados. Ao mesmo tempo, esta tarefa pode servir como um importante elemento de avaliação, na medida em que, vai permitir ao professor aferir a existência de dúvidas na turma, caso os alunos tenham dificuldade em identificar as principais características do Renascimento.

A recuperação dos temas abordados anteriormente deve ser, do nosso ponto de vista, uma estratégia a implementar no início de todas as aulas. Assim, é importante diversificar as atividades utilizadas para recuperar conteúdos abordados anteriormente. Neste caso apresenta-se a “técnica do *Brainstorming*”, mas podem-se utilizar igualmente outras estratégias, tais como jogos didáticos; construção de esquemas; ou até um simples registo no quadro, utilizando as contribuições dos alunos.

Todas estas estratégias são plausíveis desde que se faça diálogo orientando que leve os alunos a refletir sobre os temas tratados anteriormente, mostrando as possíveis relações entre eles e entre os temas que serão analisados na aula que se vai iniciar.

Neste caso concreto, a atividade proposta tem como objetivo fazer a ponte entre os temas, “A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos” e a “Produção Cultural” com o tema a analisar na presente aula “Pintura Renascentista”.

De seguida é feita uma sistematização do *Brainstorming* através da projeção das diversas características do Renascimento. De salientar, que os alunos se mostraram muito motivados nesta tarefa, mostrando grande dinamismo na intervenção. Fez-se posteriormente o enquadramento espaço-temporal através da projeção de um mapa onde os alunos têm que identificar os principais focos da produção cultural do Quatrocentos e Quinhentos e um pequeno friso cronológico onde estão marcados os principais momentos desta produção cultural, especificamente no que diz respeito à pintura Renascentista. É importante insistir nesta contextualização espaço-temporal pois parece-nos ser um elemento propiciador à compreensão e articulação dos conteúdos temáticos.

A projeção deste friso tem como objetivo suscitar a curiosidade dos alunos da turma, que colocaram uma diversidade de questões sobre o que irá ser abordado na presente aula. Segundo Trejo (2011) elaborar experiências de aprendizagem para que a História tenha significado para os alunos é um propósito que o professor deve reflectir no momento de seleccionar as estratégias de trabalho. Para ensinar História de forma significativa é necessário partir de estratégias e do uso de recursos que permitam “ a los alumnos al conocimiento histórico a través do manejo del tiempo convencional, para dar paso al tiempo histórico.” (Trejo, 2011, p. 120)

Também para esta autora, dentro dos vários recursos didáticos que propõe, foca a utilização dos recursos audiovisuais no ensino da História, uma vez que podem incrementar a eficácia do docente, na medida em que se estabelece uma comunicação atrativa com os alunos, familiarizados já com estes meios desde os primeiros anos de vida. No entanto, refere que estas ferramentas só são inovadoras quando cumprem com eficácia o poder de recriar situações de aprendizagem que sejam atrativas para os alunos.

A exploração das etapas seguintes materializa o ensino por descoberta fomentando-se um diálogo ativo entre professor e alunos.

No entender de Proença (1989), o diálogo é hoje considerado como uma importante estratégia de ensino, permitindo corrigir a expressão oral dos alunos. Corroborando a opinião da autora, o diálogo torna-se, também, importante na relação educativa, uma vez que provoca uma interação estimulante tanto do ponto de vista intelectual como afetivo.

A reflexão efetuada dará o salto para o próximo momento didático, a visualização de diversas pinturas da época, de vários artistas, de maneira aos alunos conseguirem identificar as principais características e inovações da época.

A opção pela utilização desta estratégia de trabalho relaciona-se com o interesse que desperta nos alunos, visto que a imagem poderá conseguir reter uma quantidade de informação superior à descrição efetuada através da comunicação verbal. De acordo com Proença (1989) a imagem, poderá desempenhar um papel tão importante como o documento escrito quando analisada de forma a fornecer e sistematizar conhecimentos, pois através dela poderá ser possível transmitir um número quase diversificado de informações sobre culturas, costumes, cerimónias, pessoas, técnicas, arte, etc.

Procede-se, de seguida, a um diálogo orientado com os alunos, em que se apela à reflexão e ao espírito crítico para se analisar alguns aspetos fundamentais de cada uma das pinturas apresentadas, destacando-se as principais inovações. Para que esta atividade tivesse resultados efetivos foi mostrada uma pintura medieval para os alunos fazerem a comparação entre esta e as pinturas do período do Renascimento de forma a tornar mais fácil encontrar os progressos registados na produção cultural do Renascimento. Durante a realização desta actividade, a professora foi recolhendo dados para a avaliação, a partir da observação direta da participação dos alunos.

No que toca à projeção através do *Prezi*, é de referir que esta foi finalizada com uma hiperligação que levou os alunos a fazerem uma visita virtual à Capela Sistina. Foi solicitado aos alunos que apontassem algumas características referidas ao longo da aula.

Mais uma vez recorremos às tecnologias e neste caso à *Web* onde relembramos Trejo (2011) que defende que a utilização dos meios tecnológicos mais avançados, apesar de não serem garantia de um melhor ensino e aprendizagem, são ferramentas importantes na sociedade atual. Segundo a autora a *internet* é uma ferramenta que deve facilitar a aprendizagem do aluno e ao mesmo tempo proporcionar ao professor a preparação de aulas mais atualizadas e motivadoras, devendo utilizar-se para o apoio de ambientes de aprendizagem construtivistas pois serve para processar informação, promove o pensamento abstracto e pode orientar para a resolução de problemas. Estes recursos pedagógicos criam outra dinâmica pedagógica, uma maior participação do aluno, melhora a auto-estima e fomenta o trabalho cooperativo, tanto do professor como do aluno.

“Los distintos recursos tic aplicados a la enseñanza de la historia permiten favorecer los procesos de reelaboración y apropiación crítica del conocimiento, como herramientas que van a facultar al alumnado para el acceso al conocimiento de forma diferente a la tradicional.” (Trejo, 2011, p. 133)

No momento didático seguinte foi distribuída uma ficha de trabalho a cada aluno da turma relativa à comparação iconográfica de diferentes obras da pintura renascentista. (Anexo 11)

Seguidamente pretendíamos passar à correção da ficha de trabalho, em que, através das contribuições dos alunos, a professora iria preenchendo a ficha de trabalho que estava a ser projetada através do *Prezi*. (Anexo 12) No entanto, como não era possível terminar, a professora reformulou a planificação e pediu aos alunos que

concluísem em casa as tarefas descritas na ficha de trabalho. Esta tarefa deverá envolver pesquisa na internet, livros e outras fontes, a fim de se tornar uma síntese mais rica em termos de conteúdo. A correção da mesma será disponibilizada no *blog* criado pelo núcleo de estágio.

A avaliação foi feita com base na observação direta. (anexo 14) Perante uma situação educativa em que os alunos são os atores, em que os recursos mobilizados são de diferentes naturezas, em que os recursos são articulados e não simplesmente justapostos e em que se pretende que assuma um carácter significativo, é necessário recorrer a um processo de avaliação mais aberto e mais adequado à noção de competência, e que se alie um registo sistemático de dados (sobre o processo de ensino e aprendizagem) aos dados provenientes da avaliação escrita. Daí que o plano de aula apresentado se sustente frequentemente no registo da observação direta em contexto sala de aula, por se considerar que cada vez mais a avaliação deve ser fruto de uma recolha sistemática de dados em contexto sala de aula, e não se socorrer, em grande parte, das fichas de avaliação escritas.

No final da aula foi entregue aos alunos a ficha de autoavaliação ou de metacognição do trabalho realizado, que consiste num documento de reflexão quer do trabalho desenvolvido pelo aluno, quer da análise da aula em si. Esta ficha é muito importante pois procura consciencializar os alunos para as suas atitudes e procedimentos no processo ensino e aprendizagem, assim como promover um *feedback* ao professor, de maneira a reformular, se necessário, as estratégias utilizadas. (anexo 13)

Para Ribeiro (2003) o conhecimento metacognitivo é definido como o conhecimento que o aluno possui sobre si próprio, sobre os fatores ou variáveis da pessoa, da tarefa, e da estratégia e sobre o modo como afetam o resultado dos procedimentos cognitivos. Permite avaliar os resultados finais e/ou intermédios e reforçar a estratégia escolhida ou de a alterar, em função dos resultados.

A análise da ficha de metacognição aplicada, permite perceber se as estratégias e metodologias utilizadas foram as mais adequadas promovendo uma auto-avaliação no que diz respeito aos domínio cognitivo e atitudinais.

Assim sendo, os alunos autoavaliaram-se em itens como a pontualidade; empenho; autonomia; participação oral; realização antes das tarefas propostas;

comportamento e contributo para o bom funcionamento da aula; na maioria, como “Bom” e “Muito Bom”, numa escala qualitativa de “Insuficiente” até “Muito Bom”.

Nas respostas abertas da mesma ficha os alunos referem, todos, que não sentiram dificuldades cognitivas, tendo percebido os conteúdos abordados. À pergunta “o que posso fazer para melhorar o meu desempenho?”, alguns alunos, referiram-se ao facto de terem de estudar mais, participar mais. Referiram, na maioria, que gostaram de tudo, no entanto, alguns especificam o que mais gostaram: utilização dos recursos, friso cronológico interativo, *prezi* e vídeo.

O método utilizado nesta aula foi, essencialmente expositivo-dedutivo, procurando desenvolver uma aprendizagem reconstrutiva / significativa.

A avaliação dos alunos foi feita com recurso à observação direta, como já foi referido anteriormente, com registo na grelha de avaliação atitudinal. (Anexo 14)

Esta aula, tal como a anterior, foi suportada com recursos tecnológicos a que os alunos não estavam habituados – o *prezi*, incentivando a atenção/curiosidade e participação na aula.

A evolução da sociedade em geral torna urgente a evolução na conceção de recursos didácticos. No entanto, como já foi referido, a introdução de recursos tecnológicos nas aulas não seja sinónimo de qualidade pedagógica, mas “a integração das tecnologias na educação se torna essencial e urgente para o desenvolvimento integral da formação de alunos que se exige hoje, preparados para o mercado de trabalho, em constante mudança e transformação” (Cruz, 2008, p.17)

De realçar que a aula correu muito bem. Em nossa opinião, na opinião da professora cooperante e dos alunos, os recursos utilizados foram os mais apropriados, uma vez que, se denotou uma grande motivação e interesse dos alunos, que de uma forma geral, foram os atores do próprio conhecimento. No entanto, muito havia por dizer, neste tema, e daí que o plano de aula não foi na íntegra concluído, tendo sido reformulado.

Salienta-se que este facto se deveu, essencialmente, à grande participação dos alunos que se mostraram muito envolvidos nas diferentes tarefas.

O próprio educador, praticante da sua área de conhecimento, é uma ferramenta do saber do aluno. (Pelizzari *et al*, 2002, p. 42) Deve, então, optar por estratégias que promovam a participação ativa dos alunos, promovendo uma aprendizagem significativa

e enriquecedora, quer ao nível cognitivo e de aquisição de conhecimentos, quer a um nível mais profundo que tem a ver com a formação de um cidadão capaz de intervir na sociedade, que sabe ouvir e fazer-se ouvir. Para finalizar esta parte da nossa prática pedagógica, elaboramos questões para duas fichas de avaliação referentes aos conteúdos lecionados nas duas aulas supracitadas serão alvo de uma análise mais aprofundada no capítulo seguinte.

Em suma, a minha prática pedagógica correspondeu aos objectivos inicialmente previstos. Esta prática de lecionação da disciplina de História foi gratificante pois serviu para evoluir em diversos aspetos, enquanto futura docente desta disciplina. Inicialmente, denotei alguma fragilidade no que concerne ao cumprimento das planificações efetuadas. Contudo, estas debilidades foram efetivamente ultrapassadas.

3.2 Participação na escola e relação com a comunidade: colaboração em projetos em curso.

O núcleo de estágio do Agrupamento envolveu-se em várias atividades constantes no Plano Anual de Atividades.

É de salientar que o Plano Anual de Atividades (PAA) define, em função do Projeto Educativo (PE), os objetivos, as formas de organização e de programação das atividades e procede à identificação dos recursos necessários à sua execução. Constituindo-se assim, como um instrumento fundamental e estratégico de operacionalização do PE, ligado à autonomia pedagógica, administrativa e gestão financeira do Agrupamento. As linhas de ação estruturantes subjacentes à construção de todo o Plano serão sempre norteadas pelo princípio da aposta na qualidade da prestação do processo educativo. O planeamento das atividades pretende construir uma identidade de escola capaz de promover aprendizagens significativas e concretizar normas, valores, atitudes e comportamentos representativos das vivências que a Escola considera desejáveis. Esta será a forma de melhorar o sucesso escolar dos discentes, promover a imagem das escolas que integram o agrupamento e a satisfação e realização profissional dos que nelas trabalham.⁶ É nesta perspetiva que o Núcleo de Estágio de Alpendorada levou a pedagógico a proposta de quatro actividades no âmbito da disciplina de

⁶ Retirado do PEA de Alpendorada, 2011-2015

História, a saber: “A personalidade da semana”; a “comemoração do 25 de abril”; a “visita de estudo ao Convento de Alpendorada” e o “Dia da História” integrado no Dia Aberto do Agrupamento.

As atividades propostas revestiram-se de um carácter colaborativo e integrado, uma vez que reforçam a partilha inter e transdisciplinar e pretendem ser um incentivo à participação de todos os intervenientes da Comunidade Educativa, visando criar e desenvolver as condições indispensáveis para o desenvolvimento intelectual, social e afetivo dos alunos, numa perspetiva solidária e inclusiva. Assim, constituíram metas destas atividades; a cooperação entre a escola, a família e o meio envolvente; a otimização do processo de ensino e aprendizagem; a regulação de aprendizagens diversas; a diminuição de dificuldades e/ou problemas disciplinares, garantindo o bem-estar de toda a comunidade escolar; a implementação de um conhecimento multicultural, promotor do respeito pela diferença; a mobilização de saberes diversificados e a construção de um espírito criativo, participativo e de interajuda entre os jovens.

De salientar que todas estas atividades foram aprovadas em conselho pedagógico e integradas no PAA.

Para fazer um melhor acompanhamento destas atividades e dar a conhecer à comunidade o trabalho desenvolvido pelo grupo de estágio, foi - como já foi referido anteriormente - criado um *blog* onde foi colocada toda a informação e trabalho desenvolvido pelas professoras estagiárias, cujo endereço é o seguinte: <http://www.historiaalpendorada.blogspot.pt/> (Anexo 15)

A atividade “Personalidade da Semana” prevaleceu durante todo o período de estágio e pretendia lembrar datas e pessoas marcantes ao longo da história. (Anexo 16) Todas as semanas foi dada evidência a uma personalidade, que teve em conta a data de nascimento da pessoa em causa, sendo colocada uma fotografia ou desenho da mesma com um pequeno resumo do seu percurso e da sua importância ao longo do tempo. A personalidade ficou afixada na biblioteca da escola secundária e todas as semanas houve a sua atualização. Para além de estar visível na biblioteca para toda a comunidade educativa, o grupo de estágio fazia a atualização no *blog* criado para dar a conhecer as atividades desenvolvidas pelo grupo de estágio.

Assim, as personalidades destacadas foram:

- D. Pedro I (semana de 8 a 14 de abril). Foi apresentado um resumo do seu reinado e uma fotografia para associação do nome ao rosto do rei. Nesta personalidade foram destacados os seus aspetos mais marcantes, nomeadamente a sua relação com Inês de Castro;

- Leonardo Da Vinci (semana de 15 a 21 de abril). Relativamente a este artista foram destacadas as suas obras e feitos mais marcantes, com recurso a imagens e resumo da sua vivência. A seleção desta personalidade nesta semana foi bastante pertinente uma vez que coincidiu com as nossas aulas assistidas cujo tema era a arte no Renascimento. Nessas aulas foi inevitável falar deste artista e o destaque dado a Leonardo Da Vinci teve mais impacto pois foi um artista muito analisado nas aulas de História desta semana;

- Lenine (semana de 22 a 28 de abril), pela importância que teve na história da Rússia e destaque que é feito a esta personalidade nas aulas de História, tendo em conta a sua influência nos partidos comunistas de todo o mundo, e suas contribuições, que resultaram na criação de uma corrente teórica denominada leninismo;

- D. João II de Portugal (semana de 29 de abril a 4 de maio). Decidimos destacar este rei pela importância que teve na época dos descobrimentos, que foi o tema tratado na nossa primeira aula assistida, fazendo deste modo a ligação entre as atividades desenvolvidas na escola e os temas tratados em contexto de sala de aula;

- Karl Marx (semana de 5 a 11 de maio). foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. O pensamento de Marx influencia várias áreas, tais como Filosofia, Geografia, História, Direito, Sociologia, Literatura, Pedagogia, Ciência Política, Arquitetura, entre outras;

- Sebastião José de Carvalho e Melo – Marquês de Pombal. Destacamos esta personalidade, por um lado pelo facto do seu nascimento ter ocorrido a 13 de maio de 1699 e, por outro lado, por ter sido uma figura marcante para a nossa história e muito comentada e analisada nas aulas de História;

- D. Filipe II de Espanha (semana de 20 a 26 de maio). Foi rei de Espanha, a partir de 1556, e rei de Portugal, como D. Filipe I, a partir de 1580. Um dos seus

triunfos políticos foi obter a união ibérica, fazendo valer seus direitos de sucessão em 1581 nas Cortes de Tomar;

- John F. Kennedy (semana de 27 a 31 de maio), pela importância que teve na história dos Estados Unidos da América e nesta semana foi a personalidade escolhida pela facto de ter nascido a 29 de maio de 1917. Foi um o 35º presidente dos Estados Unidos (1961–1963) e é considerado uma das grandes personalidades do século XX;

- Adam Smith (semana de 3 a 9 de junho). Foi um filósofo e economista escocês. Teve como cenário para a sua vida o atribulado século das Luzes, o século XVIII.

Todas estas personalidades foram tratadas e analisadas nas aulas de História dos vários anos de escolaridade. Por isso, procuramos destacar figuras importantes da História trabalhadas em diferentes anos de escolaridade de forma a chamar a atenção todos os alunos da escola e não apenas os de determinado ano de escolaridade, pois pensamos que os alunos prestarão mais atenção se conhecerem ou analisarem nas aulas as personalidades da semana que decidimos destacar. Obviamente que procuramos dar importância a figuras relevantes para os temas das nossas aulas assistidas, nomeadamente D. João I, pela sua ligação aos Descobrimentos (tema da nossa primeira aula assistida – o contributo português para o alargamento do conhecimento do Mundo) e Leonardo Da Vinci, importante artista do Renascimento, indo assim de encontro ao tema tratado na nossa segunda aula assistida – a arte no Renascimento.

A avaliação da actividade foi feita com base na reacção da comunidade educativa e registada no relatório modelo da escola que posteriormente foi entregue à Comissão responsável pelo PAA. (Anexo 17)

A comemoração do 25 de abril fez-se a partir da exposição de um cartaz elaborado por uma aluna do curso profissional Técnico de Design. (Anexo 18) Solicitamos a colaboração de uma turma profissional ligada às artes visuais e, desta forma, articulamos a História com outras disciplinas, resultando um belíssimo trabalho, fruto da colaboração e cooperação disciplinar. Para além do cartaz que ficou exposto desde dia 24 a 26 de abril, foram colocados cravos vermelhos na escadaria de acesso ao andar superior da escola. Distribuímos também cravos com frases alusivas do 25 de abril por pontos estratégicos da escola, nomeadamente receção, biblioteca e sala de professores. A atividade pretendeu relembrar uma data marcante para a história

portuguesa e o belo cartaz afixado causou impacto e admiração por parte de alunos, professores e funcionários, que felicitaram o grupo de estágio pelo trabalho apresentado. (Anexo 19)

Em junho, para além de continuar a atividade da Personalidade da Semana, realizou-se a visita ao Convento de Alpendorada.

Foi solicitada a autorização dos Encarregados de Educação dos alunos do 10.º D para a visita ao Convento. Esta autorização serviu também de guião para os E.E., alunos e professores. (Anexo 21)

Assim, no dia 3 de junho, durante uma aula de História, professora cooperante e professoras estagiárias deslocaram-se ao Convento, que fica muito perto da escola secundária, e fizeram uma visita guiada pelo mesmo.

Como afirmam Manique & Proença (1994)

“Não é o património que tem que vir à Escola mas, ao contrário, é a escola que deve ir ao encontro do património, torna-lo objecto específico de estudo, estabelecer diálogo entre a comunidade escolar e o meio envolvente, valorizar as realidades patrimoniais no contexto ambiental em que se inserem. Não há diapositivo, fotografia ou videograma, que possa substituir a presença real do monumento ou objecto, frente aos quais o aluno se sente interpelado, envolvido e afectivamente impulsionado a, por intermédio deles, dialogar com o passado. Tal diálogo tem que estender-se ao meio local.” (p.57)

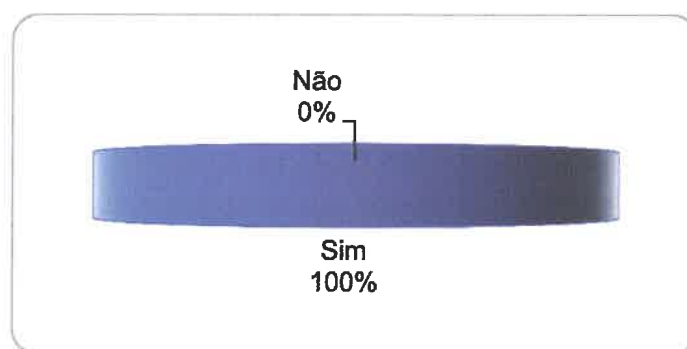
Baseado nestes pressupostos, efetuou-se esta visita de estudo que serviu para dar a conhecer uma atração da região, muito conhecida e visitada por vários turistas nacionais e estrangeiros, procurando que os alunos valorizem o património local, que é tantas vezes, por eles, esquecido. Por outro lado, esta visita serviu para rever conceitos abordados anteriormente e, tendo em conta que estamos na reta final do ano letivo, foi uma excelente forma de convívio entre alunos e professores.

Os alunos mostraram-se muito entusiasmados e maravilhados com o espaço interior e exterior do convento, com a decoração e as curiosidades que o guia ia focando. Foram colocadas várias questões por parte dos alunos, demonstrando a sua curiosidade e interesse pelo espaço e pela atividade desenvolvida pelo grupo de estágio. (Anexo 22)

Para além do procedimento normal de avaliação das atividades (relatório em modelo próprio da escola para a Comissão responsável pelo Plano Anual de Atividades

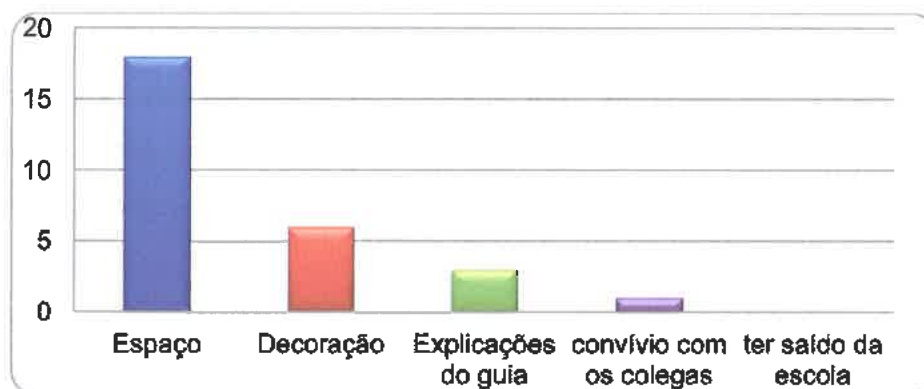
(Anexo 23), decidimos avaliar também esta visita de estudo com um questionário preenchido pelos alunos (Anexo 24). O referido questionário foi composto por seis questões, sendo que quatro eram de resposta fechada e duas de resposta aberta. A turma envolvida foi o 10º D (à qual foram lecionadas as nossas aulas observadas), composta por trinta alunos. No entanto, tendo em conta que uma aluna se encontrava a faltar, responderam ao questionário vinte e nove alunos. A primeira questão pretendia saber se os alunos gostaram da visita ao Convento de Alpendorada, à qual todos os elementos envolvidos responderam afirmativamente. (Gráfico 1)

Gráfico 1 - Respostas dos alunos à 1ª questão do questionário



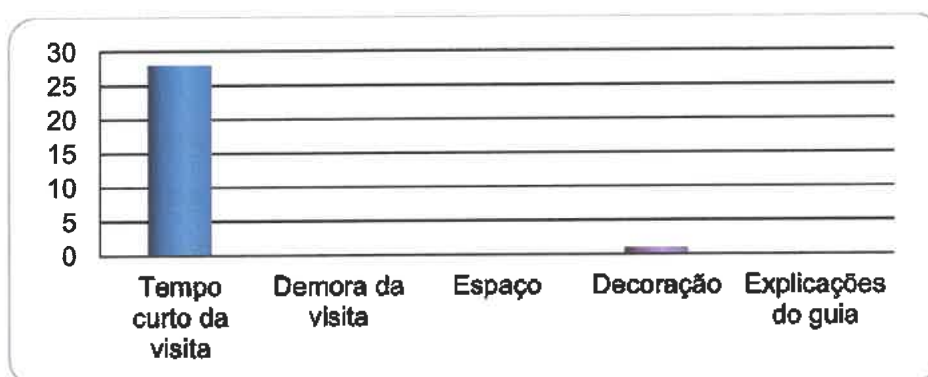
A questão número dois, de resposta fechada, tal como a primeira, solicitava que os alunos selecionassem de entre as opções apresentadas, o que mais gostaram na visita ao Convento. Como se pode verificar pelo gráfico que se segue, a maior parte dos alunos salientou o espaço do convento como o que mais gostou na visita, seguindo-se a decoração. Outras opções selecionadas pelos alunos, ainda que com menor frequência, foram as explicações do guia, o convívio com os colegas e o facto de ter saído da escola.

Gráfico 2 - Respostas dos alunos à 2ª questão do questionário



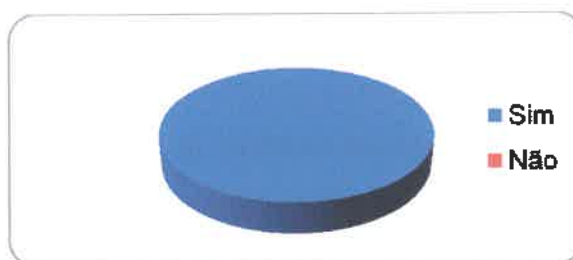
A questão três, apresentando opções de resposta, solicitava que os alunos assinalassem o que menos gostaram na visita de estudo. A esmagadora maioria referiu que o tempo curto da saída foi o que menos gostaram. (Gráfico 3)

Gráfico 3 - Respostas dos alunos à 3ª questão do questionário



Como se pode confirmar pelo gráfico 4, todos os alunos defenderam que a visita de estudo ao convento foi pertinente para o seu enriquecimento em termos históricos (questão 4).

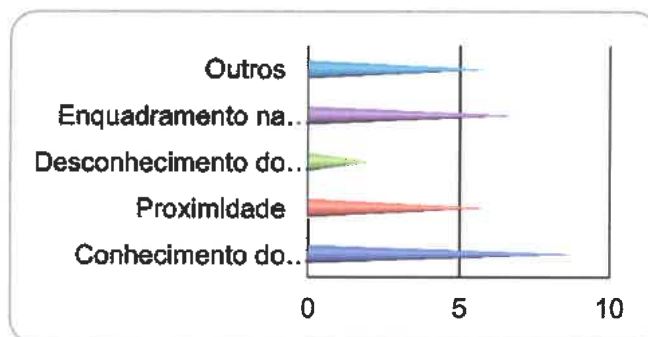
Gráfico 4 - Respostas dos alunos à 4ª questão do questionário



A questão 4.1 dava seguimento à 4 e pedia que os alunos referissem as razões da sua resposta em quatro (Pensa que a visita foi pertinente para o seu enriquecimento histórico?). Sendo uma resposta aberta os alunos poderiam ter dado inúmeras razões. No entanto, o tratamento desta questão foi bastante simples, uma vez que a maior parte dos alunos referiu que a visita foi importante para conhecer o passado, por ter ligação com os assuntos tratados nas aulas e também pelo facto de ser um local da sua região. (

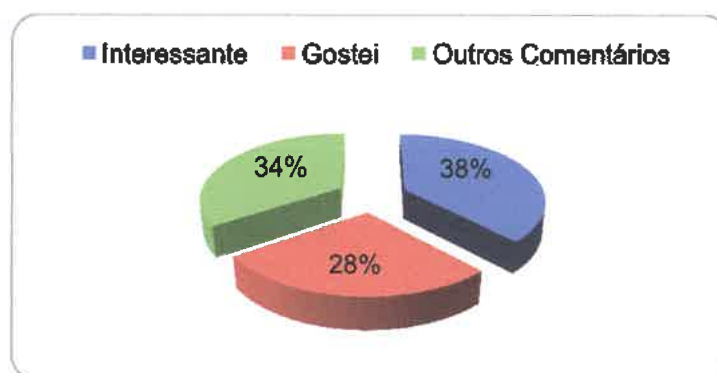
Gráfico 5)

Gráfico 5 - Respostas dos alunos à questão 4.1 do questionário



A última questão solicitava um comentário geral à visita ao convento. Estes comentários não foram muito ricos em termos de conteúdo e os alunos limitaram-se a dar a sua opinião dizendo que gostaram e que o local visitado é interessante. (Gráfico 6)

Gráfico 6 - Respostas dos alunos à última questão do questionário



Este questionário permitiu-nos verificar que os alunos gostam de atividades diferentes e alternativas à sala de aula. Por outro lado, foi possível estabelecer a ligação entre os conteúdos tratados nas aulas e o local de residência dos alunos, o que lhes despertou um maior interesse pois estavam num local concreto e próximo das suas vivências.

O núcleo de estágio também fez parte da comissão de organização do “Dia Aberto” do Agrupamento, o que permitiu uma integração e interação muito grande com a comunidade. (Anexo 25)

Assim, a atividade “Dia da História” foi realizada no dia 7 de Junho, inserida neste “Dia Aberto”, realizando-se diversas actividades culturais, dinamizadas pelos diferentes grupos disciplinares. Esta actividade foi dinamizada pelas professoras

estagiárias e por todos os professores de História em articulação com o grupo de Geografia, tendo como público-alvo desta os alunos e restante comunidade escolar.

Como se trata de um “mega”-agrupamento foram realizadas duas atividades diferentes, uma na Escola Básica e outra na Escola Secundária.

Na Escola Secundária, para assinalar este dia, foram expostos todos os cartazes elaborados, para assinalar as diversas personalidades da semana.

Na Escola Básica as estratégias utilizadas foram: elaboração de um friso cronológico pelos alunos de diferentes níveis de ensino e exposição do mesmo.

No local da exposição (polivalente) estiveram ainda afixados cartazes e trabalhos elaborados pelos alunos ao longo do ano lectivo. Foi ainda colocada uma mesa onde uma professora de História realizou diversos jogos didáticos fomentando o interesse e entusiasmo dos alunos na visita à exposição. (Anexo 26)

Os objetivos destas actividades serviram para sensibilizar os alunos para o passado histórico e enriquecer o seu conhecimento sobre o mesmo, assim como, dar a conhecer à comunidade tudo o que realizado na disciplina de História ao longo do ano. A exposição de materiais elaborados pelos alunos torna-se numa importante ferramenta para cativar os alunos de maneira a que se empenhem cada vez mais e melhor. De salientar que esta actividade promoveu uma grande dinâmica escolar.

A exposição patente nos locais acima citados foi bastante apreciada pelos diversos segmentos da comunidade educativa.

Quanto à avaliação da atividade, os professores consideram que os alunos se envolveram bastante, sendo de salientar a participação ativa dos mesmos no decorrer do dia.

Como aconteceu com as restantes atividades, foi entregue à Comissão responsável pelo PAA o respectivo relatório. (Anexo 27)

CAPÍTULO 4 - REFLEXÃO CRÍTICA FUNDAMENTADA SOBRE OS RESULTADOS DE APRENDIZAGEM OBTIDOS

Este quarto capítulo divide-se em duas componentes, pelo que a sua organização também se irá dividir em duas partes distintas. Relativamente à primeira parte iremos efetuar uma reflexão crítica acerca dos resultados de aprendizagem obtidos, assim como uma investigação embrionária no que diz respeito à perceção que os alunos têm relativamente ao ensino da História. Julgamos este tipo de reflexão importante para o nosso desenvolvimento enquanto professores, uma vez que o conceito que através da reflexão efetuada dos resultados obtidos poderemos analisar, rever e reajustar as nossas práticas de ensino. A segunda parte deste capítulo, terá como ponto de partida o desenvolvimento profissional docente, terminando com uma auto e heteroavaliação.

Análise dos resultados obtidos na ficha de avaliação

Iniciaremos este capítulo fazendo uma análise do Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, Série I que estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos, da avaliação dos conhecimentos e capacidades a adquirir e a desenvolver pelos alunos do ensino básico e secundário,

“A avaliação constitui um processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo aluno; A avaliação tem por objetivo a melhoria do ensino através da verificação dos conhecimentos adquiridos e das capacidades desenvolvidas nos alunos e da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para os níveis de ensino básico e secundário; a verificação prevista no número anterior deve ser utilizada por professores e alunos para, em conjunto, melhorar o ensino e suprir as dificuldades de aprendizagem; a avaliação tem ainda por objetivo conhecer o estado do ensino, retificar procedimentos e reajustar o ensino das diversas disciplinas aos objectivos curriculares fixados,” (artigo 23.º, p. 3481)

A avaliação não é algo de exógeno ao processo de ensino e aprendizagem, nem independente das diversas componentes que envolvem o mesmo processo.

Neste sentido Zabalza (1995) diz-nos que,

“Quando falamos de avaliação não estamos a falar de um facto pontual ou de um acto singular, mas de um conjunto de fases que se condicionam mutuamente. Esse conjunto de

fases ordenam-se sequencialmente (são um processo) e actuam integradamente (são um sistema). Por sua vez a avaliação não é (não deveria ser) algo separado do processo de ensino e aprendizagem, não é um apêndice independente do referido processo (está nesse processo) e joga um papel específico em relação ao conjunto de componentes que integram o ensino como um todo (está num sistema).” (p. 239).

A literatura atual tem manifestado um interesse crescente sobre esta tónica, ou seja, mostram a necessidade de se concetualizar a avaliação como parte integrante no processo do ensino e aprendizagem, e não como algo que lhe é indiferente, e que apenas serve para avaliar os alunos. É assim imprescindível ver a avaliação como parte integrante do processo ensino e aprendizagem.

Quando falamos em avaliação escolar, ocorre-nos imediatamente falar da avaliação do rendimento dos alunos como se esta fosse algo que recai exclusivamente sobre eles, ignorando-se os restantes intervenientes no processo de desenvolvimento de um *curriculum*. (Pacheco, 1995)

Assim, com base nestes pressupostos, fez-se uma análise sobre os resultados obtidos nas perguntas referentes às aulas lecionadas nas duas fichas de avaliação, no sentido de reflectir sobre o processo de ensino e aprendizagem e de uma possível adequação de estratégias.

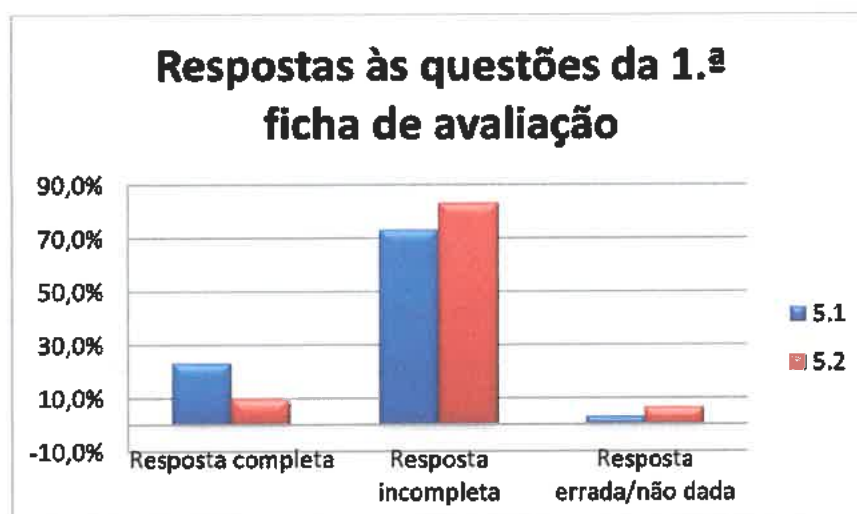
No que concerne à primeira ficha de avaliação sumativa (Anexo 28), é de salientar que todos os alunos responderam às questões de forma bastante positiva. Registou-se apenas um teste com nota inferior a dez, num universo de 30 alunos que compõem a turma. (Gráfico 7) Do total de elementos da turma, 34 % obteve notas entre os 12 e os 13 valores, 13 % notas de 14, 10 % de 15, 7 % de 16 e 20 % dos alunos tiveram notas entre os 17 e os 18 valores. A classificação mais alta da turma foi de 18 valores e a mais baixa de 7, 5 valores, sendo a média da turma de 13, 6, o que é bastante satisfatório (Anexos 29, 30 e 31). Segundo a professora cooperante, houve uma melhoria nas notas deste teste, relativamente aos anteriores.

Gráfico 7 - Resultados da 1.ª ficha de avaliação



Analisando as questões relativas aos conteúdos lecionados regista-se, a nível geral, que os alunos atingiram a maior parte das competências previstas, apesar de se registar um elevado número de respostas incompletas, o que pode advir da grande dificuldade que estes alunos apresentam neste tipo de questões que implicam uma análise de fontes e relacionamento de conceitos, articulando os conhecimentos. (Gráfico 8) Apesar destas dificuldades sentidas pelos discentes, entendemos ser dever do professor insistir no seu uso, na medida em que, segundo Pereira e Sheffner (2008) o uso de fontes na disciplina de História é extremamente importante, na medida em que a sua utilização permite apresentar às novas gerações a complexidade da construção do conhecimento histórico e permite abordar o relato histórico como uma interpretação.

Gráfico 8 - Análise das respostas às perguntas da 1.ª ficha de avaliação

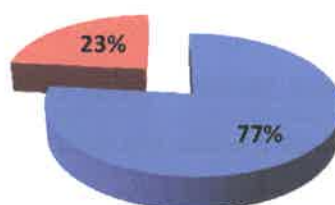


Relativamente à segunda ficha de avaliação sumativa, os alunos não corresponderam de forma tão satisfatória. (Anexo 32) Assim sendo, registaram-se sete fichas de avaliação com nota inferior a dez, no universo dos 30 alunos que compõem a turma, sendo a nota mais baixa de 7,5 valores. (Gráfico 9) Praticamente um terço dos elementos da turma, 33 %, obteve notas entre os 10 e os 12 valores, 14 % notas de 13 a 14 valores, 10 % de 15 valores, 10 % de 16 valores e 20 % dos alunos tiveram notas entre os 17 e os 18 valores. A classificação mais alta da turma foi de 17,7 valores e a mais baixa de 7,5 valores. A média da turma foi 12,9 valores, o que poderá ser atribuído à complexidade dos conteúdos abordados (Anexos 33, 34 e 35).

Gráfico 9 - Resultados da 2.ª ficha de avaliação

Resultados da 2.ª ficha de avaliação

■ Níveis superiores a 10 ■ Níveis inferiores a 10



Na questão relativa ao tema lecionado na aula sobre a pintura renascentista (questão 3.1), consideramos que os alunos obtiveram uma classificação relativamente satisfatória. (Gráfico 10)

Nesta questão foi pedido aos alunos que identificassem influências dos modelos greco-romanos a partir das produções artísticas apresentadas: O Nascimento de Vénus, c. 1485, de Botticelli; A Santíssima Trindade, c. 1427, de Masaccio; A Virgem, o Menino e Santa Ana, c. 1510, de Leonardo da Vinci.

A questão tinha a cotação de 20 pontos, tendo a maior parte dos alunos obtido nota positiva. Apenas cinco alunos, num total de 30, não conseguiram responder a esta questão. Apesar de nenhum aluno ter tido cotação total nesta pergunta, o que se deve à complexidade da mesma que apela ao relacionamento de conceitos e análise das pinturas, registou-se um significativo número de alunos que obtiveram classificações elevadas, entre os 17 e 18 pontos (de referir que a cotação do teste era de 0 a 200).

Gráfico 10 – Análise às respostas à pergunta da 2.ª ficha de avaliação



A presente análise permitiu-nos concluir que os alunos conseguiram atingir os objectivos previamente estabelecidos. Apesar da complexidade subjacente aos temas tratados, os alunos foram capazes de assimilar e aplicar os conhecimentos adquiridos. Assim, consideramos de crucial importância fazer uma reflexão sobre os resultados obtidos tendo em conta a nossa prática pedagógica tentando, assim, analisar a pertinência das opções metodológicas seguidas. Esta reflexão é deveras importante pois, tal como defende Zeichner (1993):

“A reflexão depois da ação ocorre quando se analisam os resultados e se extraem conclusões, o que contribui para a melhoria e ajustamento das aprendizagens a promover. Neste sentido, o professor deve avaliar e refletir sobre a sua prática, de forma perceber o que falhou e, conseqüentemente, proceder a uma nova planificação fundamentada nas mesmas.” (p. 20)

4.2. Análise dos resultados obtidos através do questionário administrado aos alunos

Somos uma Equipa de investigadores do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense que elaborou um questionário que foi, posteriormente, analisado e discutido com os estudantes do Mestrado em Ensino de História e Geografia (3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário) e que tem como principais objectivos de investigação: i) aferir quais as metodologias de ensino que os alunos afirmam que o professor de História mais utiliza em contexto de sala de aula; ii) identificar os temas de História preferidos pelos alunos; iii) averiguar se os alunos gostam ou não da disciplina de História e quais as razões subjacentes a esse gosto ou não e iv) identificar quais as tecnologias de informação e comunicação mais utilizadas pelo professor em contexto de sala de aula.

Todos os professores devem investir na investigação, tornando-se esta uma forma de reflexão sobre as estratégias, os métodos e as práticas, tentando melhorar o seu desempenho. Entre as várias opções passíveis de serem utilizadas, Ferreira (2003) referindo-se ao inquérito por questionário, afirma:

“...a sua natureza quantitativa e a sua capacidade de “objectivar” informação conferem-lhe o estatuto máximo de excelência e autoridade científica no quadro de uma sociedade e de uma ciência dominadas pela lógica formal e burocrático-racional, mais apropriada à captação dos aspectos contabilizáveis dos fenómenos.”(p. 167-168)

Assim após os pedidos de autorização à Diretora da escola e aos Encarregados de Educação dos alunos envolvidos (Anexos 36 e 37), aplicamos um inquérito por questionário (Anexo 38) aos alunos do curso científico humanístico, que têm no seu currículo a disciplina de História A (uma turma do 10.º ano e duas turmas do 12.º ano) no Agrupamento de Escolas de Alpendorada no mês de Maio de 2013.

O nosso estudo procura averiguar percepções dos alunos sobre a disciplina de História e o seu processo de ensino e aprendizagem, ou seja, as ideias que os alunos têm sobre os conteúdos, os recursos e as metodologias utilizadas na sala de aula. Esta aplicação foi realizada durante uma aula da professora cooperante, gentilmente cedida para o efeito, que informou os estudantes sobre a finalidade dos questionários e a importância da sua colaboração, dando as garantias necessárias de confidencialidade e do uso dos mesmos unicamente para esta investigação. Procuramos, igualmente, saber o

que consideram ser a finalidade da disciplina, bem como perceber o que pensam sobre as atividades pedagógicas levadas a cabo na sala de aula, quais delas lhes suscitam maior ou menor interesse, assim como a utilização de tecnologias por parte dos professores de História. Procuramos estabelecer uma análise comparativa entre as ideias/opiniões dos alunos do 10.º e do 12.º Anos de escolaridade, tentando encontrar aspectos comuns e/ ou diferenças entre elas.

O questionário é constituído por duas partes. A primeira parte engloba a caracterização pessoal e a segunda parte as opções metodológicas no ensino da disciplina de História, totalizando oito questões.

A nossa amostra é constituída por 70 alunos de 3 turmas, uma do 10.º ano (turma onde foram leccionadas as aulas assistidas) e duas do 12.º ano que frequentam o Agrupamento de Escolas de Alpendorada e têm o mesmo professor de História. Gostávamos de salientar que tivemos a preocupação de escolher mais do que uma turma, no sentido de enriquecer a nossa investigação com dados mais abrangentes e diversificados. Segundo Winch & Medeiros (2001), devemos salientar “a visão do aluno sobre o desenvolvimento da disciplina de história abordando diferentes aspectos, como objectivos, função, conteúdos, relação com a realidade, dinâmica das aulas, [...] no sentido de contribuir para a melhoria das práticas letivas”.

Tendo em conta as turmas escolhidas, afirmamos que foi uma amostragem não probabilística, casual ou por conveniência, uma vez que as turmas foram selecionadas de forma a responder aos requisitos exigidos, neste caso, serem turmas da professora cooperante. O questionário encontra-se dividido em duas partes distintas, tal como referido anteriormente. Na primeira parte é feita a caracterização pessoal dos alunos quanto à idade, ao sexo, ano de escolaridade, agregado familiar (idade, habilitação, profissão e situação profissional) e percurso escolar. Aqui, os alunos deveriam mencionar se tiveram retenções, se estudam História todos os dias, se têm auxílio no seu estudo e onde o realizam. Foram, igualmente, questionados relativamente ao seu aproveitamento no ano letivo anterior, nomeadamente no que diz respeito às disciplinas com mais negativas e com melhores resultados. Na segunda parte do questionário, referente às opções metodológicas no ensino da disciplina de História, os alunos deveriam responder se gostavam de História ou não, e quais os motivos e temas que mais lhes despertavam o interesse. Também nesta segunda parte se solicitava aos alunos que preenchessem uma tabela onde deveriam assinalar a frequência com que foram

realizadas determinadas atividades nas suas aulas de História. A parte final do questionário é relativa à utilização das tecnologias na sala de aula e quais as mais utilizadas.

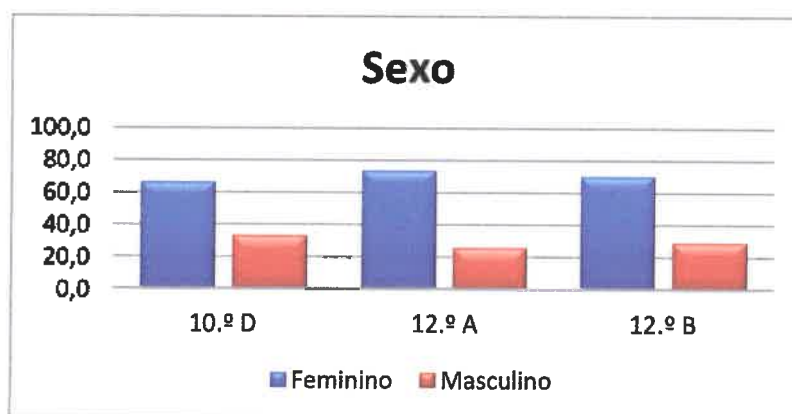
A análise dos questionários permitiu-nos tirar conclusões que nos ajudam a compreender perceções dos alunos em relação à disciplina e adequar a didática da mesma a uma construção mais significativa do conhecimento histórico.

Passaremos, de seguida, à análise dos dados recolhidos através do nosso questionário, fazendo uma análise comparativa entre as três turmas. (Anexo 39)

Tendo em linha de conta que foi no 10.º D que foram lecionadas as aulas referentes à nossa prática pedagógica, iremos proceder a uma análise dos resultados dos questionários desta turma, sendo feita a comparação com as restantes turmas da professora cooperante.

No que concerne à divisão dos alunos por sexo, dos 30 alunos inquiridos, da turma D do 10.º ano de escolaridade, 66,7% são do sexo feminino, sendo os restantes do sexo masculino. (Gráfico 11) Estes dados espelham claramente uma maioria do sexo feminino, facto que se poderá justificar por, através da nossa experiência, constatar-mos que são as raparigas quem mais opta pela área das Humanidades. Apesar de resultados percentuais ligeiramente diferentes, confirma-se nas outras duas turmas a mesma tendência.

Gráfico 11- Sexo dos alunos inquiridos

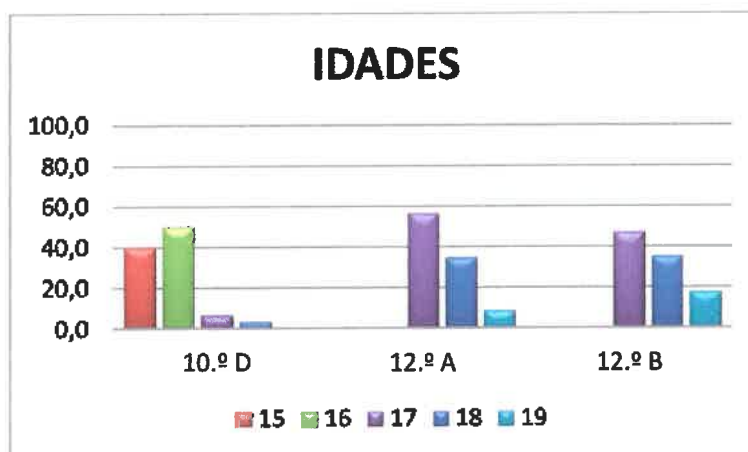


No que diz respeito à idade dos sujeitos, ela varia entre os 15 e os 19 anos. (Gráfico 12) Os alunos da turma do 10.º ano têm idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, concentrando-se 50% na faixa dos 16, 40% nos 16, 6,7% na faixa dos 17 e 3,3% na faixa dos 18. As duas turmas do 12.º ano apresentam resultantes semelhantes

entre si, variando as idades entre os 17 e os 19 anos, sendo que a maioria dos inquiridos se situa na faixa dos 17 anos.

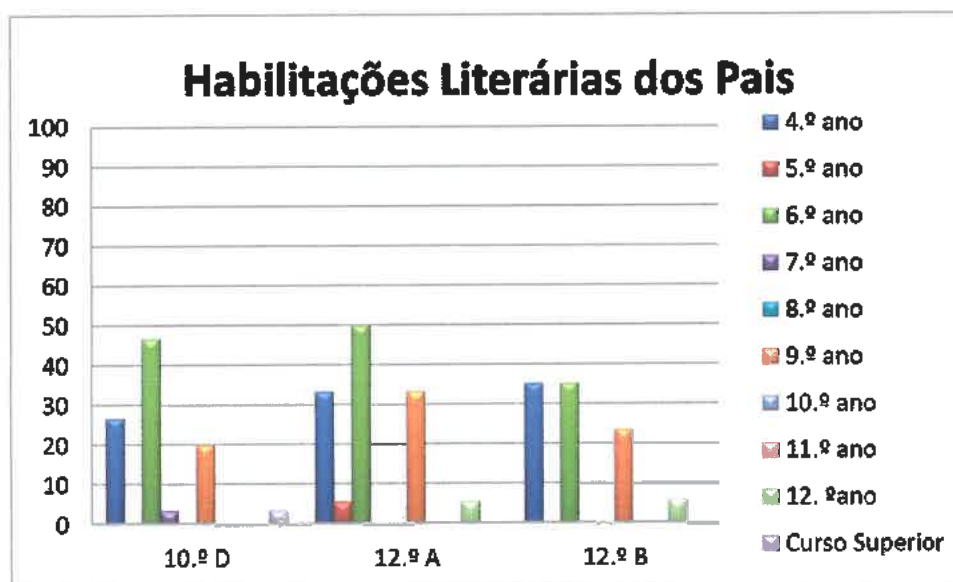
Como se pode verificar, a maioria dos alunos têm idades condizentes com o ano de escolaridade em que se encontram.

Gráfico 12 - Idades dos inquiridos



No que se refere às habilitações literárias dos progenitores, a maioria dos pais dos alunos da turma do 10º ano possui o 6º ano (46,7 %), sendo que 26,7 % possuem o 4º ano e 20 % tem o 9º ano. Apenas um dos pais tem um curso superior. (Gráfico 13)

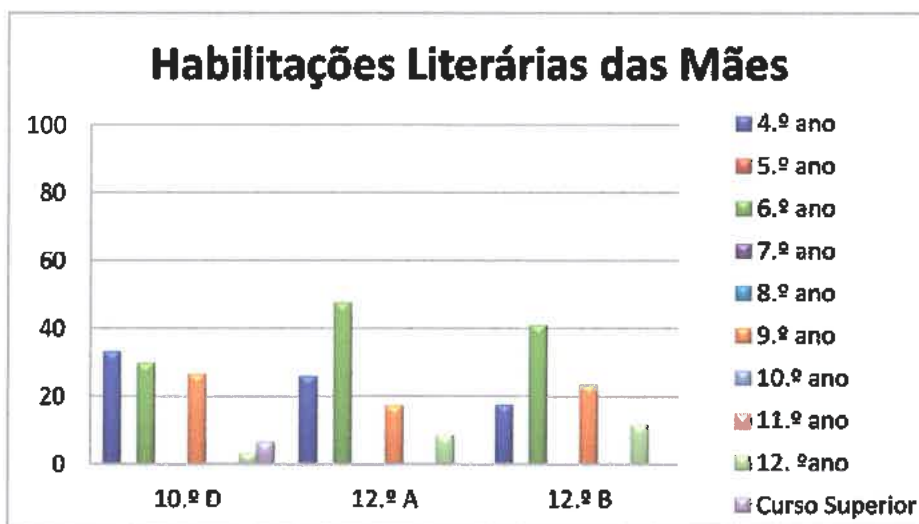
Gráfico 13 - Habilitações Literárias dos Pais



As habilitações das mães distribuem-se de forma equilibrada entre as que possuem o 4º ano (33,3 %), o 6º ano (30 %) e o 9º ano (26,7 %). Uma reduzida

percentagem das progenitoras possui o 12º ano ou um curso superior (10 %). (Gráfico 14)

Gráfico 14 - Habilitações Literárias das Mães



Como se pode verificar pelo gráfico 15, no 10º D e no 12º B a maior parte das mães está empregada, enquanto que no 12º A existe uma igualdade relativamente às mães empregadas e desempregadas. Em relação aos pais pode-se verificar pelo gráfico 16 que a maioria está empregado. Denota-se que comparativamente é o 12.º B que apresenta uma percentagem maior em relação aos pais desempregados.

Quanto ao 10.º D, oitenta por cento dos pais estão empregados e 13,3 % estão desempregados. Dois alunos não responderam relativamente à situação profissional dos pais (6, 7%). Relativamente às mães, 50%, está a trabalhar, sendo que 40 % estão desempregadas. Novamente 10 % dos alunos não respondeu a esta questão.

Gráfico 15 - Situação profissional das mães dos alunos dos 10º D, 12º A e 12º B

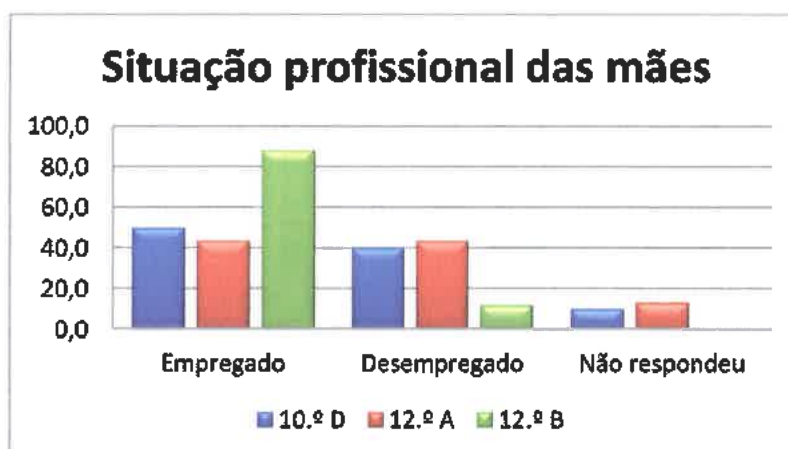
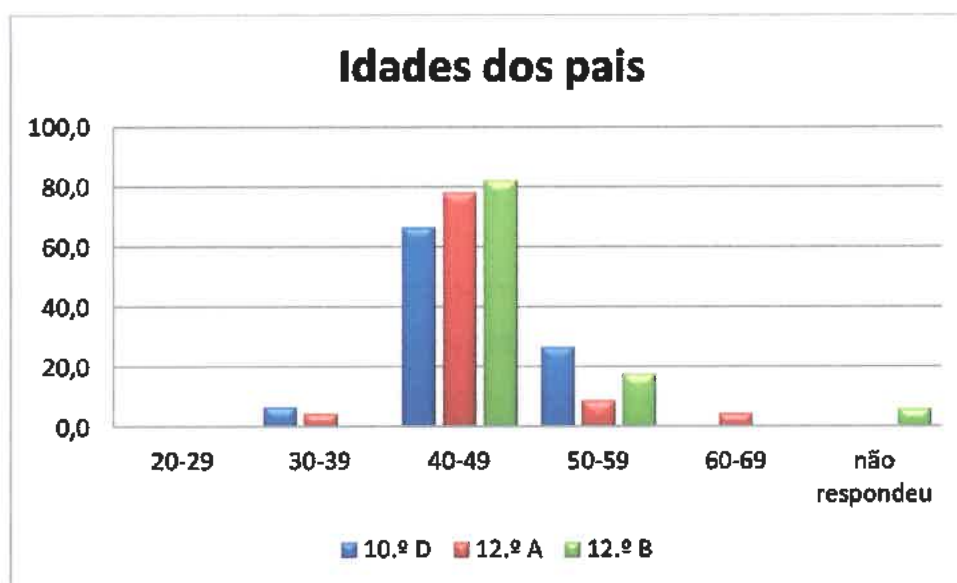


Gráfico 16 - Situação profissional dos pais dos alunos dos 10.º D, 12.º A e 12.º B



Em relação à idade dos pais do 10.º D, 66,7 % situa-se na faixa etária entre os 40 e os 49 anos, 26,7 % entre os 50 e os 59 anos e 6,7 % entre os 30 e os 39 anos. Um aluno não respondeu a este item. (Gráfico 17)

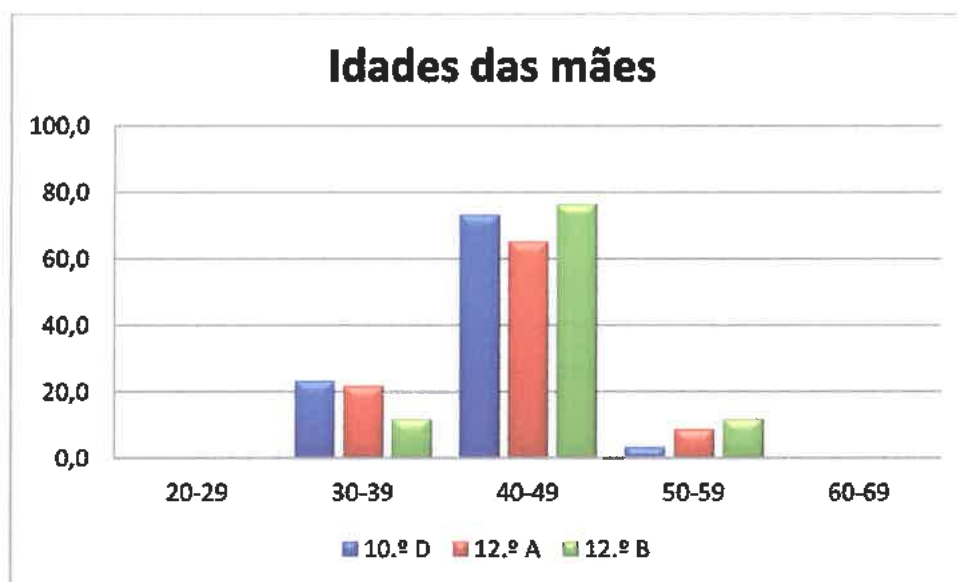
Gráfico 17 - Idades dos pais dos alunos do 10.º D, 12.º A e 12.º B



A maioria das mães têm idades compreendidas entre os 40 e os 49 anos, perfazendo um total de 73,3%. De salientar que 23,3 % das mães têm idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos e 3,3 % entre os 50 e os 59 anos. (

Gráfico 18)

Gráfico 18 - Idades das mães dos alunos do 10.º D, 12.º A e 12.º B



Em suma, pode-se verificar que a idade dos pais é bastante semelhante nas três turmas, sendo pais bastante jovens tendo em conta a idade dos seus filhos.

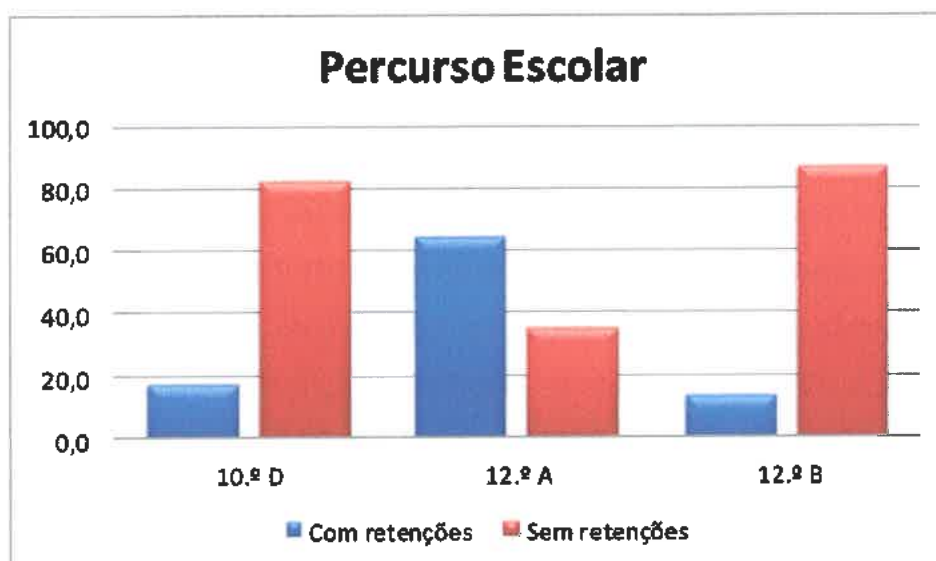
Em termos de agregado familiar e analisando conjuntamente as três turmas visto os resultados serem semelhantes, a maior parte dos alunos vive com os pais e um (a) irmão (ã), cerca de 64,3 %. 15,7% dos alunos vive unicamente com os pais. Com uma reduzida percentagem surgem os agregados familiares compostos por mãe e avós, mãe e irmão, pais e irmãos / ãs, pais, irmão e avó e pais, avós, tios e irmão. Um aluno não respondeu a este item. Assim, em termos de agregado familiar, verificamos que a maior parte da turma tem um agregado composto pelos pais e um (a) irmão (ã). (Quadro 4)

Quadro 4 - Composição do agregado familiar dos alunos dos 10.º D, 12.º A e 12.º B

	10.º D		12.º A		12.º B		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Pais	7	23,3	2	11,8	2	8,7	11	15,7
Mãe e avós	2	6,7	0	0,0	0	0,0	2	2,9
Mãe e irmão	1	3,3	1	5,9	0	0,0	2	2,9
Pais e irmão/a	13	43,3	13	76,5	19	82,6	45	64,3
Pais e irmãos/as	2	6,7	2	11,8	2	8,7	6	8,6
Pais, irmã e cunhado	1	3,3	0	0,0	0	0,0	1	1,4
Pais, irmão e avó	2	6,7	0	0,0	0	0,0	2	2,9
Pais, avós, tios, irmão	1	3,3	0	0,0	0	0,0	1	1,4
Não respondeu	1	3,3	0	0,0	0	0,0	1	1,4

Relativamente ao percurso escolar dos alunos do 10.º D, podemos verificar que, 26 deles, num universo de 30, não tiveram qualquer retenção no seu percurso escolar (82,6%), sendo de destacar que um teve uma retenção no 3.º ano, outro no 6.º ano e dois alunos ficaram retidos no 9.º ano. Um dos alunos referidos teve uma retenção repetida (no 3.º ano e no 9.º ano). Nesta turma a maior parte dos alunos não tem qualquer retenção no seu percurso escolar, assim como na turma do 12.º B. O 12.º B apresenta uma situação contrária, uma vez que a maior parte (64,7%) dos alunos já teve retenções. (Gráfico 19)

Gráfico 19- Percurso escolar dos alunos dos 10.º D, 12.º A e 12.º B



Em relação aos hábitos de estudo, 26 dos alunos do 10.º D (86,7%) referem que não estudam História todos os dias e apenas 4 (13,3%) dizem que estudam esta disciplina diariamente. (Gráfico 20) Estes resultados demonstram que os alunos do 10.º D apresentam poucos hábitos de estudo e trabalho no que se refere à disciplina de História o que vai ao encontro ao perfil da turma traçado anteriormente. No 12.º B denota-se a mesma tendência uma vez que 70,6% dos alunos admite não estudar História todos os dias.

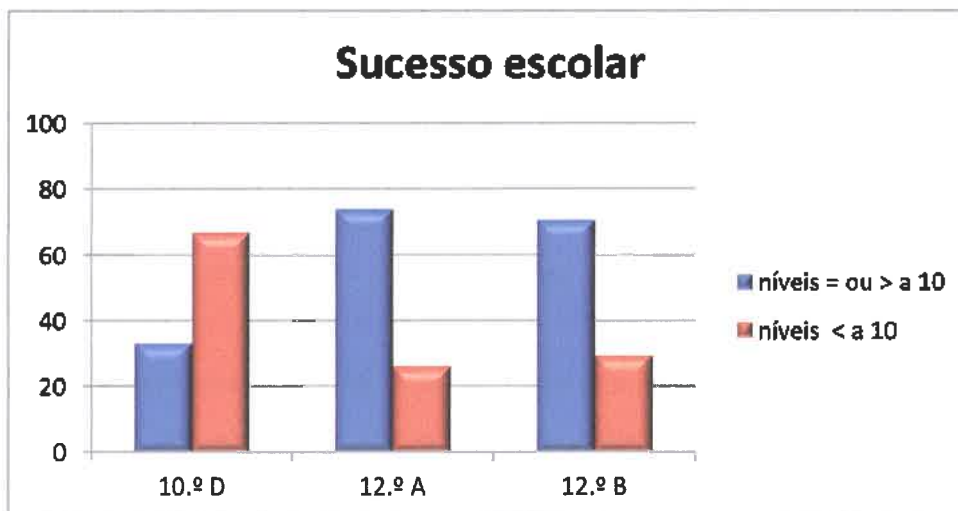
Uma tendência inversa denota-se na turma A do 12.º A uma vez que 100% dos alunos refere estudar História todos os dias, o que se reflete nos seus resultados escolares, uma vez que estes são bastante satisfatórios, ao contrário das outras turmas onde se registam alguns níveis inferiores a 10.

Gráfico 20 - Hábitos de estudo dos alunos dos 10º D, 12º A e 12º B



No que diz respeito ao desempenho escolar dos alunos do 10º D, 66,7 % refere que obteve níveis inferiores a três no ano letivo anterior (2011/2012 contra 33,3 % que afirma não ter obtido qualquer nível inferiores a três. (Gráfico 21) De destacar que os níveis inferiores a três correspondem às seguintes disciplinas: Português (33,3 %), Inglês (23,3%) e Geografia (13,3%). Ainda de referir que 57 % dos alunos afirma não ter obtido sucesso enquanto que 30% afirma que teve sucesso no ano letivo 2011 / 2012. Treze por cento dos alunos da turma não respondeu a este item.

Gráfico 21 - Sucesso escolar dos alunos dos 10º D, 12º A e 12º B



Quando comparamos a turma do 10.º ano com as de 12.º ano verificamos que a turma do 10.º D apresenta um maior número de níveis negativos, o que se poderá justificar pelo facto de serem turmas do secundário, nível de ensino com mais exigência ao nível do estudo, enquanto que os alunos de 10º ano, saídos do 3º ciclo do ensino básico, ainda estarão num período de adaptação ao ensino secundário. No entanto, esta situação poderá também estar associada ao elevado número de alunos na turma que poderá condicionar um ensino mais individualizado.

Passamos a seguir à análise da segunda parte do questionário, onde os alunos responderam a questões relacionadas mais diretamente com o ensino da disciplina de História, onde inferem a sua opinião sobre a mesma, assim como, a forma como esta é lecionada. Esta análise torna-se muito importante uma vez que nos poderá dar um *feedback* que ajudará a fazer reajustamentos às estratégias e métodos utilizados.

Em relação ao gosto pela disciplina de História e analisando o gráfico (gráfico 22) podemos constatar que todos os alunos do 10º D que responderam ao inquérito afirmaram gostar da disciplina de História. Este facto reveste-se de uma crucial importância, uma vez, que só através do gosto pela disciplina se promove a motivação/interesse pelos diferentes conteúdos de História, bem como é um caminho para a promoção do sucesso escolar.

Neste sentido, os dados obtidos são bastante satisfatórios, na medida em que se trata de uma disciplina sujeita a exame nacional no 12º ano. Nas turmas de 12º ano surgem alguns alunos que admitem não gostar da disciplina. No entanto, em todas as turmas a esmagadora maioria diz gostar de História e, talvez por isso, se encontrem em turmas de Humanidades, onde esta disciplina é fundamental.

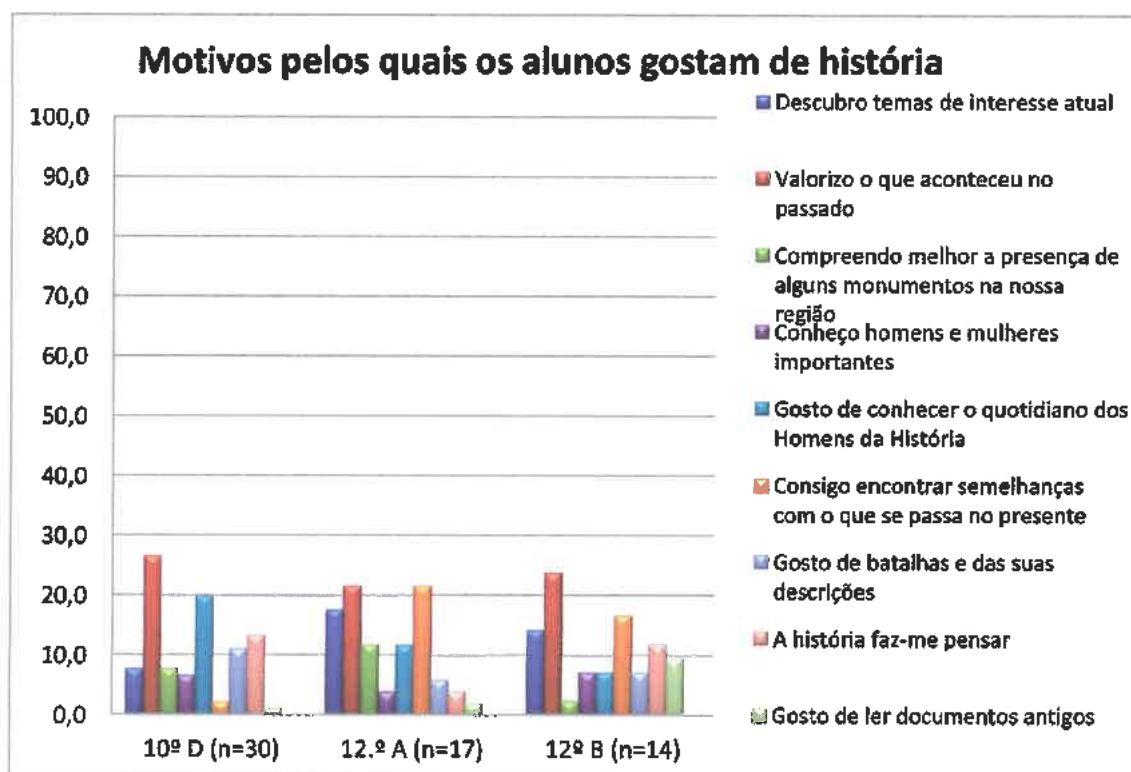
Gráfico 22 - Opinião sobre a disciplina de História dos alunos do 10º D, 12º A e 12º B



Os alunos que participaram neste estudo justificam o seu gosto pela História, apontando como motivos a valorização pelo que aconteceu no passado (26,7%); o gosto de conhecer o que aconteceu no passado (20%); admite gostar de História, uma vez que é uma disciplina que faz pensar (13,3%); gosta de batalhas e das suas descrições (11,1%); com a mesma percentagem de 7,8%, os alunos responderam que descobrem temas de interesse atual e que compreendem melhor a presença de alguns monumentos na sua região; admite que o interesse por esta disciplina lhes permite conhecer homens e mulheres importantes (6,7%); Com percentagens mais reduzidas verifica-se que apenas 2,2% diz que consegue encontrar semelhanças com o que se passa no presente; 1,1% diz que gosta de ler documentos antigos. (Gráfico 23)

Se compararmos com as outras duas turmas podemos verificar que os resultados apresentam algumas discrepâncias, apesar de a valorização dos acontecimentos passados agrada à maioria dos alunos.

Gráfico 23- Motivos pelos quais os alunos gostam de História



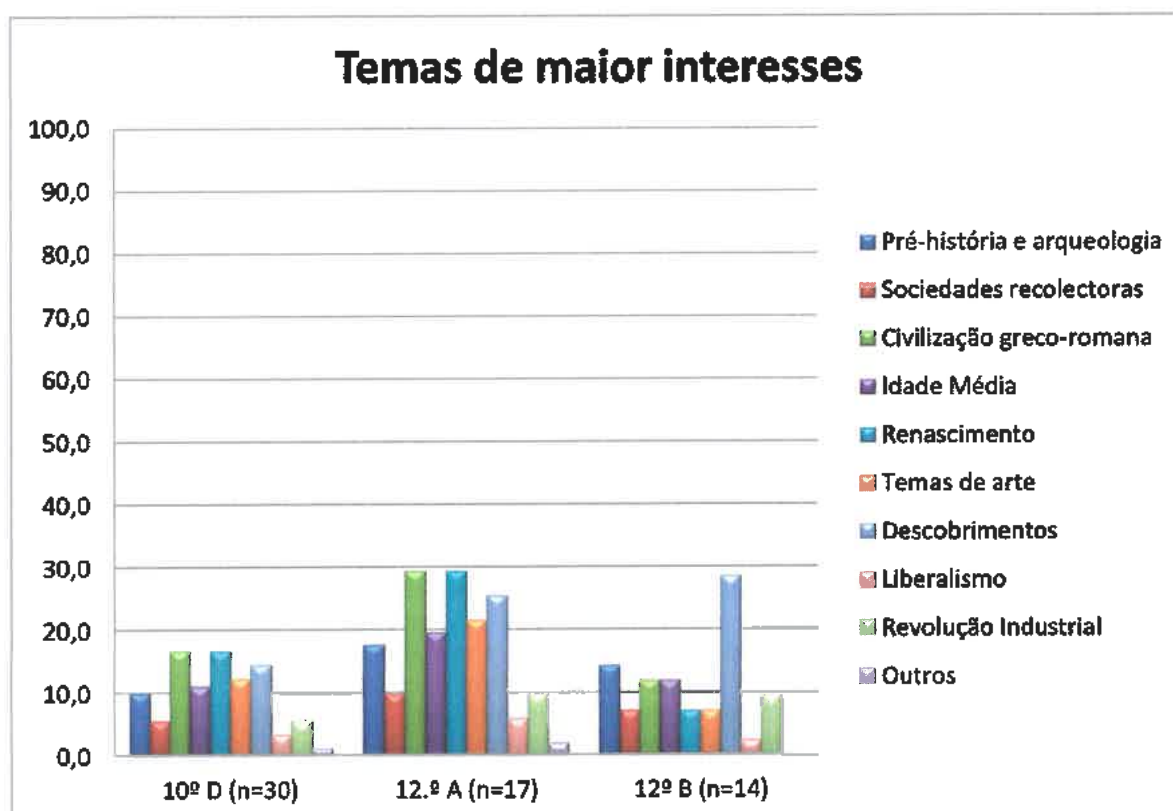
Os dados obtidos não permitem retirar conclusões significativas, uma vez que se verificam discrepância entre as três turmas, apesar de, terem a mesma docente. Podemos apenas referir que os alunos, de uma maneira geral, valorizam o que aconteceu no passado e descobrem na História temas de interesse atual.

Em relação ao gráfico dos temas que os alunos mais manifestaram gostar, (gráfico 24) os alunos do 10.º D manifestam um gosto especial pela civilização greco-romana e pela época do Renascimento tendo ainda manifestado interesse pelos Descobrimentos e temas de Arte. A turma do 12.º A, manifestou interesses muito similares aos registados na turma de 10.º ano. A turma B do 12.º ano, por seu lado, manifestou uma preferência especial pelos Descobrimentos e pelas temáticas relacionadas com a pré-história e arqueologia.

Em suma, podemos verificar que surge alguma diversidade nos temas apontados como os mais interessantes, no entanto, aparecem como temas de maior preferência os Descobrimentos, o Renascimento e a Civilização Greco-Romana.

De salientar que no momento em que foi aplicado o questionário, a turma do 10.º ano encontrava-se a lecionar o Renascimento, daí poder surgir como o tema preferido pelos alunos, pois é um tema que está mais presente no momento.

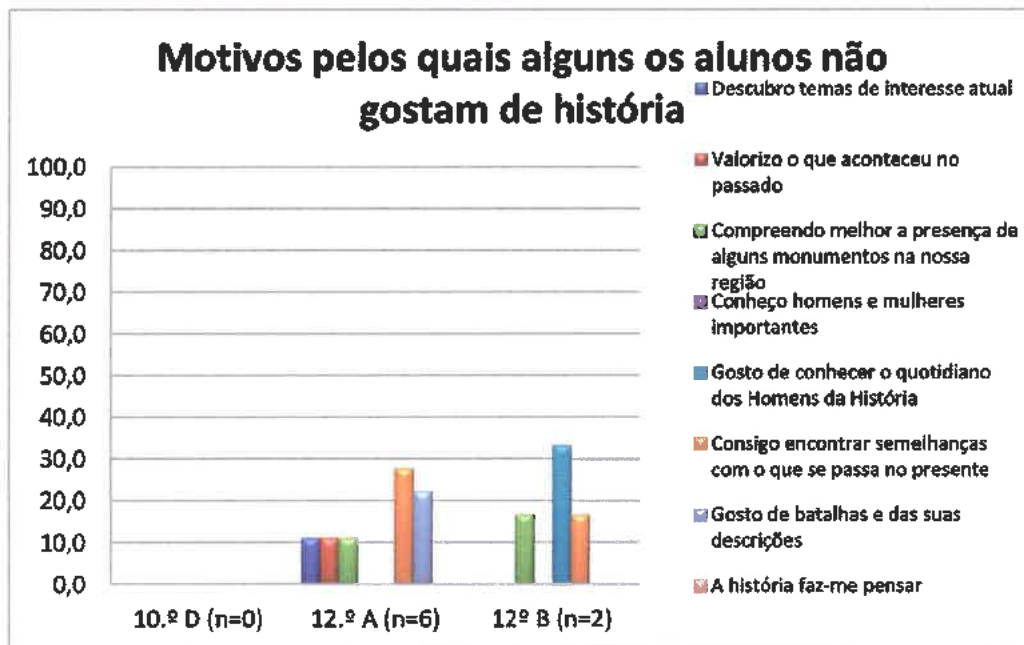
Gráfico 24 - Temas históricos que despertam mais o interesse dos alunos



Tal como foi referido anteriormente, nenhum aluno do 10.º D indica não gostar de História, pois, na opinião dos mesmos, esta é uma disciplina importante pois permite

conhecer o passado para que desta forma possam compreender, analisar e refletir sobre as questões do presente, sendo também uma disciplina que educa para a cidadania, apostando no desenvolvimento do espírito crítico. Situação inversa regista-se no 12.º ano, já que alguns alunos que alegam não gostar da disciplina, admitem que não se interessam pelo que aconteceu no passado, nem encontram nenhuma relação com o presente. (Gráfico 25)

Gráfico 25 - Motivos pelos quais alguns alunos não gostam de História

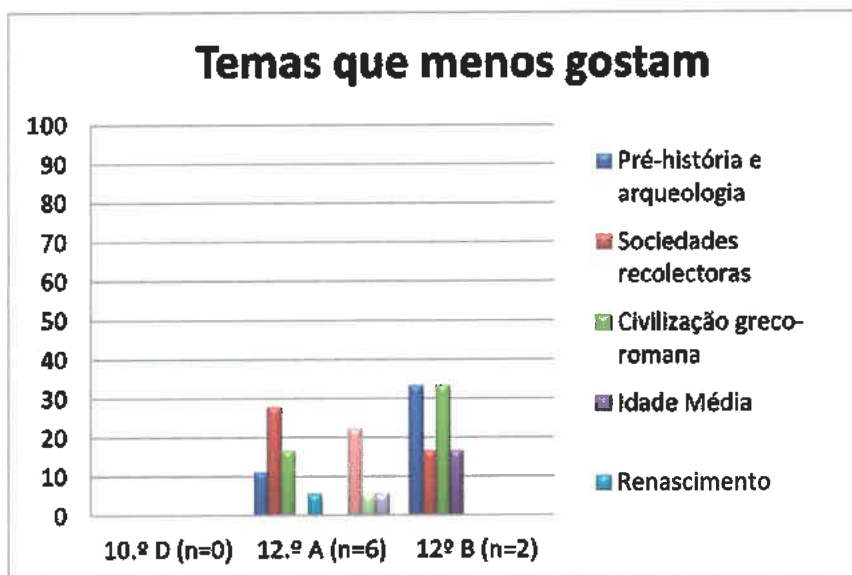


Os temas de História que os alunos, que mencionaram não gostar da disciplina são: as sociedades recoletoras (12.º A) e a pré história e arqueologia e a civilização greco romana (12.º B). (Gráfico 26)

Mesmo registando-se muito poucos alunos a não gostar da disciplina é necessário motiva-los para a sua aprendizagem e por isso, corroborando com Trindade (2011),

Sendo a História uma disciplina complexa, não linear e antagónica, é necessária a criação de mecanismos que combatam o desinteresse de que a disciplina frequentemente é alvo e que auxiliem os alunos na desconstrução dos conhecimentos que lhes são ensinados para que consigam ultrapassar as dificuldades que frequentemente surgem na relação de conteúdos históricos, sobretudo quando confrontados com a provisoriedade da História, ou seja, com a existência de múltiplas perspectivas face a um mesmo acontecimento e que podem não estar totalmente correctas. (para. 6)

Gráfico 26 - Temas históricos que os alunos gostam menos



De seguida, passamos a uma análise mais pormenorizada dos dados constantes do quadro 5 relativos à opinião dos alunos das três turmas acerca das atividades mais e menos frequentes na aula de História.

Quadro 5 - Opinião dos alunos face à frequência de atividades desenvolvidas na aula de História

Opinião dos alunos face à frequência de atividades desenvolvidas na aula de História								
	Nunca		Poucas Vezes		Algumas Vezes		Muitas Vezes	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Já desenhasse e analisasse mapas?	1	3,3	6	20,0	18	60,0	5	16,7
Já tocasse em objetos arqueológicos?	9	30,0	11	36,7	8	26,7	2	6,7
Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?	0	0,0	1	3,3	20	66,7	9	30,0
Realizas trabalhos individuais de pesquisa?	1	3,3	11	36,7	13	43,3	5	16,7
Costumas fazer a análise de documentos?	0	0,0	3	10,0	7	23,3	20	66,7
Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias?	5	16,7	14	46,7	8	26,7	2	6,7
Já trabalhaste em grupo?	0	0,0	5	16,7	14	46,7	11	36,7
Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.?	0	0,0	4	13,3	13	43,3	13	43,3
Fazes representações teatrais na sala de aula?	24	80,0	5	16,7	1	3,3	0	0,0
É habitual veres imagens/ objetos antigos?	2	6,7	12	40,0	12	40,0	4	13,3
Discutes assuntos nas aulas?	1	3,3	6	20,0	14	46,7	9	30,0
Realizas debates à volta de uma mesa?	17	56,7	11	36,7	1	3,3	1	3,3
Já descreveste a vida de personalidades?	6	20,0	10	33,3	13	43,3	1	3,3
Já fizestes um trabalho com professores de várias disciplinas?	19	63,3	6	20,0	3	10,0	2	6,7
Já elaboraste e analisaste gráficos?	6	20,0	12	40,0	8	26,7	4	13,3

Já construístes dossiers temáticos?	20	66,7	8	26,7	0	0,0	2	6,7
Já construístes um dicionário de conceitos/ glossário?	19	63,3	8	26,7	1	3,3	2	6,7
É habitual fazeres resumos?	0	0,0	4	13,3	4	13,3	22	73,3
Já fizeste visitas de estudo através da internet?	18	60,0	6	20,0	4	13,3	2	6,7
Já elaborastes trabalhos usando as tecnologias?	1	3,3	0	0,0	11	36,7	17	56,7
O professor costuma expor a matéria?	0	0,0	2	6,7	8	26,7	20	66,7
Fazes Portfolio?	24	80,0	3	10,0	2	6,7	1	3,3
O teu professor anota as tuas ideias no quadro?	12	40,0	10	33,3	8	26,7	0	0,0
Fazes trabalhos com um objetivo específico?	0	0,0	7	23,3	12	40,0	11	36,7
Resolves situações-problema?	3	10,0	15	50,0	10	33,3	2	6,7
Já simulaste situações históricas?	9	30,0	12	40,0	8	26,7	1	3,3
Constróis esquemas?	10	33,3	14	46,7	3	10,0	3	10,0
Recebes convidados nas tuas aulas?	17	56,7	11	36,7	1	3,3	1	3,3
Participas em conferências sobre temas?	17	56,7	8	26,7	3	10,0	2	6,7

Analisando os dados constantes na no quadro 5 e que resultam das respostas dadas pelos alunos da turma do 10º D, podemos concluir que as atividades realizadas *Muitas Vezes* são: fazer resumos (73,3%) análise de documentos e exposição da matéria por parte do professor (66,7%), elaboração de trabalhos usando as tecnologias (56,7%), interpretação de imagens e fotografias (43,3%), trabalhos de grupo e elaboração de trabalhos com um objetivo específico (36,7%).

Denote-se as percepções dos alunos relativas às metodologias utilizadas *Muitas Vezes* que vão ao encontro do nível de escolaridade dos alunos, apostando-se na diversidade de estratégias que permitirão motivar o aluno para o ensino da História. Neste seguimento, Trindade (2011) refere que “Quanto mais hipóteses de análise puderem ser criadas e aproveitadas, melhor poderá ser a compreensão do passado, sobretudo tendo em conta que em História se lida com pontos de vista diversos...”(para.1)

Vejamos também as metodologias seguidas nas aulas de História onde se recorre às tecnologias e que poderá estar associado ao gosto pela disciplina e que foi manifestado pelos alunos anteriormente.

Pois como refere Trindade (2012)

Aprofundando as possibilidades que as novas tecnologias podem criar no ensino, [...], poder-se-á criar uma nova forma de abordagem na relação ensino-aprendizagem nas aulas de História, favorecendo uma nova visão da disciplina bem como um possível aumento do sucesso dos alunos neste âmbito. Desde os anos 90 se tem vindo a privilegiar um ensino baseado em competências construtivistas, que pode agora beneficiar do contributo das novas tecnologias. Concretamente no ensino em História. (para.2, 3)

Em relação às percepções dos alunos relativas à *Nunca* realização de atividades é de salientar a elevada percentagem no que diz respeito à elaboração de portfólio (80%) e à realização de representações teatrais (80%). Regista-se também percentagens baixas em relação à construção de *dossiers* temáticos (66,7%), elaboração de dicionário de conceitos/glossários (63,3%), elaboração de trabalhos com professores de várias disciplinas (63,3%), visitas de estudo através da internet (60%), realização de debates à volta de uma mesa (56,7%), receção de convidados nas aulas (56,7%), conferências sobre diversos temas (56,7%).

Estes resultados parecem-nos coerentes, uma vez que as metodologias mencionadas requerem muito tempo, tanto de preparação como de conceção o que muitas vezes condiciona a sua implementação, sendo os professores levados a ter que cumprir o programa uma vez que a disciplina será sujeita a exame nacional.

As tarefas desenvolvidas *Algumas Vezes* são: o visionamento de filmes e de documentários (66,7%), desenho e análise de mapas (60%), trabalhos de grupo (46,7%), discussão de assuntos relacionados com a matéria abordada (46,7%), realização de trabalhos individuais de pesquisa e interpretação de imagens e de fotografias (43,3%), visualização de imagens e objetos antigos, elaboração de trabalhos com um objetivo específico e realização de trabalhos com recurso às tecnologias (40%).

Relativamente ao item *Poucas Vezes* cinquenta e cinco por cento das respostas incidem na opção referente à resolução de situações- problema. Uma percentagem significativa (46,7%) refere que elabora e analisa tabelas cronológicas/ cronologias poucas vezes, assim como, construção de esquemas, observação de imagens e objetos antigos, elaboração e análise de gráficos, simulação de situações históricas, contacto físico com objetos arqueológicos, realização de debates à volta de uma mesa e receção de convidados na sala de aula.

Passaremos a uma comparação das percepções dos alunos das três turmas que participaram no estudo. (Quadro 6) No entanto, devido à multiplicidade de dados constantes no questionário, decidimos comparar as atividades que os alunos referem efetuar mais vezes, bem como duas atividades que, segundo a opinião dos discentes, nunca ocorrem na sala de aula.

Quadro 6 - Opinião dos alunos das turmas do 10.º D e do 12.º A e B

Opinião dos alunos face à frequência de atividades desenvolvidas na aula de História						
	Muitas Vezes			Nunca		
	10.º D	12.º A	12.º B	10.º D	12.º A	12.º B
	%	%	%	%	%	%
Já desenhaste e analisaste mapas?	16,7	13,0	23,5	3,3	17,4	0,0
Já tocaste em objetos arqueológicos?	6,7	0,0	0,0	30,0	73,9	58,8
Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?	30,0	8,7	5,9	0,0	0,0	0,0
Realizas trabalhos individuais de pesquisa?	16,7	26,1	17,6	3,3	4,3	5,9
Costumas fazer a análise de documentos?	66,7	82,6	70,6	0,0	0,0	0,0
Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias?	6,7	4,3	5,9	16,7	17,4	23,5
Já trabalhaste em grupo?	36,7	21,7	58,8	0,0	0,0	0,0
Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.?	43,3	47,8	64,7	0,0	0,0	0,0
Fazes representações teatrais na sala de aula?	0,0	0,0	0,0	80,0	100,0	76,5
É habitual veres imagens/ objetos antigos?	13,3	4,3	0,0	6,7	21,7	0,0
Discutes assuntos nas aulas?	30,0	13,0	23,5	3,3	0,0	0,0
Realizas debates à volta de uma mesa?	3,3	0,0	0,0	56,7	78,3	52,9
Já descreveste a vida de personalidades?	3,3	4,3	0,0	20,0	17,4	23,5
Já fizestes um trabalho com professores de várias disciplinas?	6,7	0,0	0,0	63,3	82,6	70,6
Já elaboraste e analisaste gráficos?	13,3	8,7	11,8	20,0	13,0	11,8
Já construístes dossiers temáticos?	6,7	0,0	5,9	66,7	91,3	41,2
Já construístes um dicionário de conceitos/ glossário?	6,7	0,0	0,0	63,3	78,3	47,1
É habitual fazeres resumos?	73,3	69,6	58,8	0,0	4,3	0,0
Já fizeste visitas de estudo através da internet?	6,7	0,0	5,9	60,0	73,9	29,4
Já elaborastes trabalhos usando as tecnologias?	56,7	56,5	52,9	3,3	4,3	0,0
O professor costuma expor a matéria?	66,7	73,9	52,9	0,0	0,0	5,9
Fazes Portfolio?	3,3	0,0	5,9	80,0	39,1	41,2
O teu professor anota as tuas ideias no quadro?	0,0	4,3	5,9	40,0	60,9	17,6
Fazes trabalhos com um objetivo específico?	36,7	52,2	52,9	0,0	0,0	0,0
Resolves situações-problema?	6,7	4,3	23,5	10,0	21,7	17,6
Já simulaste situações históricas?	3,3	0,0	0,0	30,0	65,2	52,9
Constróis esquemas?	10,0	0,0	11,8	33,3	30,4	11,8
Recebes convidados nas tuas aulas?	3,3	0,0	0,0	56,7	82,6	41,2
Participas em conferências sobre temas?	6,7	0,0	0,0	56,7	87,0	47,1

Na análise das opções metodológicas observa-se que a professora adota metodologias/estratégias semelhantes nas várias turmas, destacando-se a análise de documentos, interpretação de fotografias, imagens, elaboração de resumos, exposição da matéria por parte do professor, elaboração de trabalhos usando as tecnologias e elaboração de trabalhos com um objetivo específico, que os alunos de todas as turmas apontam como utilizadas muitas vezes. De ressaltar que existem pequenas discrepâncias

relativamente à frequência da realização de trabalhos de grupo na turma do 12.º ano A, contrariamente à exposição da matéria que é referida nesta turma como mais recorrente que nas restantes. Esta situação poderá resultar do facto desta turma manifestar características particulares no que toca à motivação e interesse pela História, mostrando uma apetência pela descoberta.

As atividades de exposição da matéria, dependendo da turma em questão, não podem ser consideradas necessariamente desmotivantes uma vez que pode fomentar o diálogo professor-aluno e suscitar a curiosidade, podendo, assim ser vista como uma mais-valia no processo de ensino aprendizagem, lembrando para este efeito, Lopes (1991) que afirma a aula expositiva utiliza o diálogo professor-aluno para que se possa estabelecer uma relação de intercâmbio de conhecimentos e experiências defendendo que esta estratégia pode estimular a participação ativa do aluno, desenvolvendo o seu espírito crítico e a natural curiosidade científica.

As atividades mencionadas pelos alunos como nunca realizadas são as representações teatrais e a elaboração de trabalhos com professores de várias disciplinas, a receção de convidados, construção de *dossiers* temáticos e participação em conferências e a anotação das ideias dos alunos no quadro. De salientar que a elaboração de portfólios é referido como nunca utilizado na turma de 10º ano, enquanto que, as turmas de 12º ano apresentam esta atividade como realizada muitas vezes.

Estas pequenas diferenças, relativamente à alteração da frequência da realização das atividades e sobretudo em relação à sua alteração nos diferentes anos de escolaridade pode-se justificar por um lado pela adaptação das metodologias e estratégias às características de cada uma das turmas e, por outro lado, aos programas dos diferentes anos de escolaridade que contemplam conteúdos diferentes.

No gráfico que se refere à utilização dos recursos tecnológicos na sala de aula (gráfico 27) a larga maioria dos alunos da turma referiram que as mesmas são utilizadas na sala de aula, à exceção de um aluno do 12.º B, sendo as mais recorrentes a internet e o power-point. Apenas dois alunos apontam o *youtube* como uma forma de complementar o estudo dos temas lecionados. (Gráfico 28)

Gráfico 27 - Utilização das TIC na sala de aula pelo professor

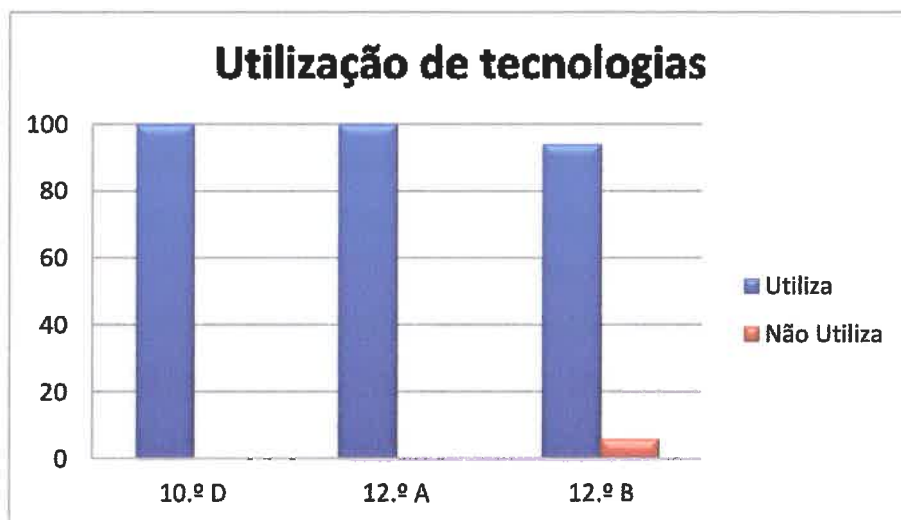
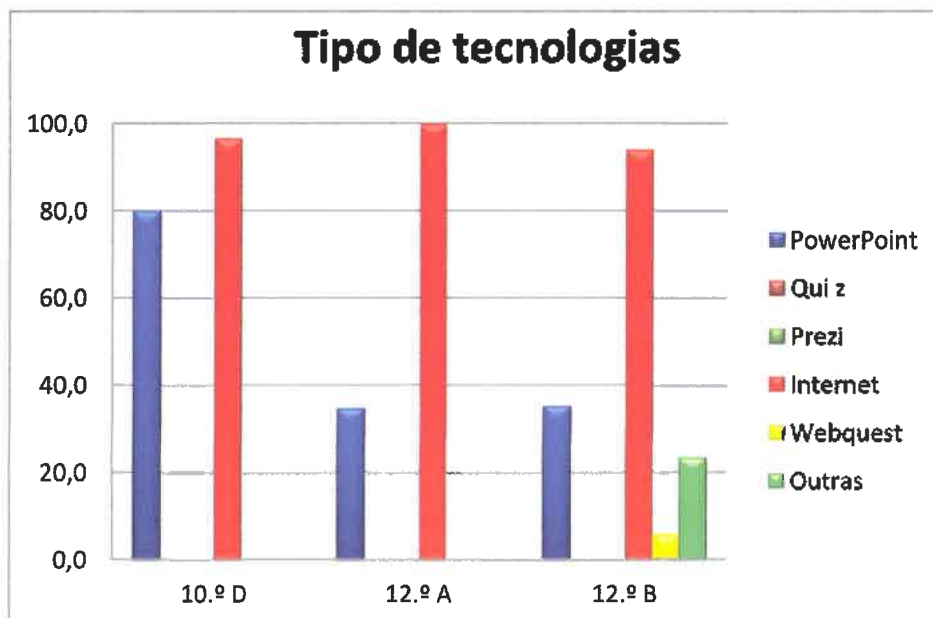


Gráfico 28 - Tecnologias utilizadas pelo professor de História



Em suma, os alunos pronunciaram-se relativamente ao uso das tecnologias na sala de aula, referindo, na sua maioria, que estas são utilizadas pela docente responsável pela leção da disciplina de História. Torna-se, assim, evidente a aposta da docente

na utilização de recursos tecnológicos diversificados, tentando cativar a participação, interesse e motivação dos alunos no seu processo de construção do conhecimento.

Urge a necessidade de cativar os alunos indo ao encontro das suas linguagens e interesses, podendo o recurso às tecnologias ser um caminho para a motivação dos alunos. A este propósito Winch & Medeiros (2001) referem que o ensino da História deve “ser mais atraente e dinâmico, comprometido com a transformação social, que leve sempre em consideração, e de forma fundamental, a participação do aluno na construção de um saber histórico escolar coerente com a realidade em que ele vive.” (p.48)

Os mesmos autores mencionam que utilização de novos recursos tecnológicos poderá ser uma das formas de motivar os alunos.

As inovações tecnológicas são hoje uma outra questão fundamental e de importante papel no ensino da História. Há de se preocupar, no entanto, em utilizá-las não como técnicas para preencher a ausência do professor, ou simplesmente técnicas, recursos para tornarem as aulas “diferentes”. Supõe-se que a tecnologia, os diversos meios de informação contribuem para uma leitura crítica da realidade ao contextualizarem passado e presente, e também estão comprometidos em tornar a disciplina de História capaz de analisar, resgatar o conjunto de lutas, anseios, frustrações e sonhos de cada um, por respeitar, inclusive, a oportunidade ou não de os alunos obterem acesso aos meios de comunicação, considerando a precariedade enfrentada nas Escolas. (p. 41)

Também a este propósito Trindade (2011) refere,

Cada vez mais se fala na necessidade de criação de um tipo de ensino diferente e apelativo, sobretudo nos tempos de hoje, em que os jovens são confrontados com meios cada vez mais diversos de fornecimento de informação. Se durante muito tempo a televisão e o vídeo serviam como ponto de partida para a análise de vários conteúdos, hoje em dia a Internet, os jogos, o multimédia em geral podem contribuir para a criação de aprendizagens inovadoras. Encontram-se alunos que demonstram[...], filmes ou livros históricos, mas que, quando questionados, indicam que não gostam das aulas de História. Normalmente verifica-se que os alunos não conseguem compreender aquilo que lhes é apresentado pois não conseguem perspectivar a informação da mesma maneira que fazem quando jogam, vêem ou lêem conteúdos históricos. Estas novas gerações de estudantes são já completamente informatizadas. Essa literacia informática tem de chegar também à sala de aula e contribuir para o ensino desta disciplina tantas vezes apelidada de “difícil”, “complicada” e “sem relação com o presente”.(para. 4,5)

Numa sociedade cada vez mais informatizada, onde a informação é transmitida “à velocidade da luz”, numa aldeia cada vez mais global, a relação da História com as Tecnologias deve ser cada vez mais estreita, uma vez que ambas poderão sair beneficiadas.

No seu estudo Trindade (2011), entende que a utilização das novas tecnologias na aprendizagem da História, no ensino secundário (o que é o nosso caso) tem-se apontado como uma estratégia amplamente utilizada pelos docentes com resultados demonstrados possibilitando “ao aluno a construção do seu conhecimento, permitem uma aproximação também aos gostos dos próprios educandos, nascidos numa era tecnológica e ainda lhes dá a possibilidade de “viver” a própria história ou, pelo menos, aproximarem-se dos conteúdos programáticos que lhes são apresentados.” (para.11)

4.3 Desenvolvimento profissional docente: reflexão, auto e heteroavaliação.

Devido aos permanentes desafios impostos pelas sucessivas mudanças no sistema de ensino é inquestionável a importância da formação inicial e contínua dos professores.

O Decreto-Lei 43/2007 de 22 de Fevereiro refere que a formação inicial visa dotar os candidatos à profissão das competências e conhecimentos científicos, técnicos e pedagógicos de base para o desempenho profissional da prática docente nas seguintes dimensões: profissional e ética; desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; participação na escola e relação com a comunidade e desenvolvimento profissional ao longo da vida (art. 13).

No entanto, esta formação inicial não é suficiente para responder aos desafios que são colocados diariamente aos docentes, visto vivermos numa sociedade da informação e comunicação, com mudanças sucessivas, devendo esta formação inicial ser aprofundada ao longo da vida, numa perspectiva de construção contínua e efectivo desenvolvimento profissional.

Para Day (2001) a maior parte das definições de desenvolvimento profissional destacam como principais objectivos a aquisição de conhecimentos e competências relativos aos conteúdos a leccionar.

No entanto Marcelo (2009) afirma que “desenvolvimento tem uma conotação de evolução e continuidade que, em nosso entender, supera a tradicional justaposição entre formação inicial e formação contínua dos professores.” [...] Assim, “o desenvolvimento

profissional docente pode ser entendido como uma atitude permanente de indagação, de formulação de questões e procura de soluções.” (p. 9)

Desta forma Day (2001) afirma que o desenvolvimento profissional é um esforço que vale a pena investir visto ser essencial para a aprendizagem, para o bem-estar pessoal e profissional dos professores e para os resultados dos alunos; é fundamental para a manutenção e desenvolvimento do próprio empenho e saber-fazer profissional, e constitui uma responsabilidade importante dos professores e empregadores.

Para Day (2001),

“o desenvolvimento profissional envolve todas as experiências espontâneas de aprendizagem e as actividades conscientemente planificadas, realizadas para benefício, directo ou indirecto, do indivíduo, do grupo ou da escola e que contribuem, através destes, para a qualidade de educação na sala de aula. É um processo através do qual os professores, enquanto agentes de mudança, revêem, renovam e ampliam individualmente ou colectivamente, o seu compromisso com os propósitos morais do ensino, adquirem e desenvolvem, de forma crítica, juntamente com as crianças, jovens e colegas, o conhecimento, as destrezas e a inteligência emocional, essenciais para uma reflexão, planificação e prática profissionais eficazes, em cada uma das fases das suas vidas profissionais” (Day, 2001, p. 20).

Marcelo (2009) refere que o desenvolvimento profissional dos professores é um processo individual e colectivo que se deve concretizar na escola contribuindo para o desenvolvimento das suas competências profissionais, através de múltiplas experiências formais e informais.

Muitas vezes os conceitos de desenvolvimento profissional e formação contínua são utilizados como sinónimos, embora não o sejam. A este respeito, Day (2001) defende que o desenvolvimento profissional não exclui a formação contínua, situa-se sim num contexto de aprendizagem mais vasto, mais centrado no e requer uma aprendizagem pessoal.

Day (2001) refere ainda que “é necessário promover o desenvolvimento profissional contínuo [...] ao longo de toda a carreira, para que estes possam acompanhar a mudança, rever e renovar os seus próprios conhecimentos, destrezas e perspectivas sobre o bom ensino.” Já que, segundo Day, uma das principais tarefas de um professor é promover a aprendizagem contínua ao longo de toda a vida dos seus alunos, também estes têm de demonstrar “entusiasmo na aprendizagem permanente.” (p.16)

“Devemos dar a responsabilidade pelo desenvolvimento profissional dos professores aos próprios” (Hargreaves & Fullan, 1996, p. 77). Ou seja, devemos promover o desenvolvimento profissional auto-dirigido, tendo os docentes o papel de “*designers*” desse desenvolvimento (Hargreaves & Fullan, 1996).

O desenvolvimento profissional deve: envolver os professores na identificação do que necessitam de aprender e na implementação de experiências de aprendizagem, nas quais irão participar; centrar-se principalmente na escola e construir-se durante o trabalho quotidiano dos docentes, envolvendo um seguimento e suporte para aprofundar as aprendizagens (suporte interno e externo à escola, que fornecem os recursos necessários e novas perspectivas); ser contínuo, acompanhando o dia-a-dia; organizar-se em torno da resolução colaborativa de problemas; fornecer oportunidades para compreender as perspectivas teóricas subjacentes ao conhecimento e às destrezas que estão a ser aprendidas; estar associado a um processo de mudança significativo e focalizado na melhoria das aprendizagens dos alunos (Zepeda, 2008).

As escolas devem ser comunidades de aprendizagem que ajudem cada indivíduo a atingir os seus objectivos, a fazer parte da sociedade e a construir um conhecimento-base vasto e não limitado (Day, 2001). Nesse sentido, e de acordo com Day (2001), têm de ser constituídas por professores que sejam aprendentes, que encorajem as crianças a aprender.

Todos os conhecimentos adquiridos ao longo de cada ano, de cada experiência partilhada, integram um todo coerente e estruturado e devem ser desenvolvidos ao longo da carreira docente, pois, tal como refere Braga (2011) o conhecimento do professor é uma construção subjetiva e idiossincrática elaborada ao longo da sua história pessoal, em função da sua interação com o meio.

Assim, os docentes devem adquirir e desenvolver, ao longo do tempo, diversas competências, entre elas (Zepeda, 2008): aprender a ensinar, aprender a pensar; aprender a ensinar a colaborar. O processo de desenvolvimento profissional, segundo Zepeda (2008) deve basear-se numa diversidade de fontes de informação, por exemplo: trabalhos de alunos (exemplos); resultados de testes, jogos; resultados da investigação-acção; informação conseguida através de observação formal e informal na sala de aula, feita por pares, ou outros líderes escolares.

Os professores aprendem naturalmente ao longo da carreira. Contudo a aprendizagem baseada apenas na experiência irá, em última análise, limitar o seu

desenvolvimento profissional. (Day, 2001, p. 17) Por isso torna-se importante que o professor se empenhe e comprometa com o desenvolvimento profissional ao longo da vida no sentido de melhorar a qualidade do ensino.

Nesse sentido, Marcelo (2009) refere que a profissão docente e o seu desenvolvimento constituem um elemento fundamental e crucial para assegurar a qualidade da aprendizagem dos alunos.(p.19)

É, ainda, necessário que o desenvolvimento profissional se incorpore na prática coletiva, num processo colaborativo onde a partilha e a experiência são fundamentais, onde se reflecta na, para e sobre a ação. Trabalhamos nesse sentido ao longo do contexto da nossa prática. Faremos assim, de seguida, uma reflexão crítica do trabalho desenvolvido que terminou no processo de auto e heteroavaliação.

Analisando, reflectindo e auto avaliando a prática pedagógica desenvolvida, posso referir que contribuí em tudo o que me foi possível para a consecução dos objetivos e metas fixados no Plano da Prática Pedagógica, trabalhando para atingir a grande meta que é estimular a consciência do papel decisivo no desenvolvimento de uma cultura de rigor e exigência, com vista à qualidade da escola na formação/educação dos alunos. Deste modo: desenvolvi a planificação das aulas, tendo em conta a articulação vertical e horizontal, a diversidade dos alunos e a utilização de recursos, instrumentos e estratégias diversificados; preparei as aulas, respeitando os conteúdos programáticos previstos nas planificações anuais, em cuja elaboração participei e respeitei os critérios de avaliação definidos; criei situações de ensino diferenciado e apoio individualizado; incentivei e apelei à aprendizagem pela descoberta; os instrumentos de avaliação utilizados foram diversificados e toda a minha ação docente convergiu para a promoção do sucesso dos alunos. Apliquei diferentes instrumentos de avaliação dando especial ênfase à avaliação formativa e ao *feedback* fornecido aos alunos, com o objetivo de ajudar a promover ou a melhorar a formação dos mesmos. Estimulei a participação de todos os alunos, especialmente daqueles que revelavam maiores dificuldades.

No domínio científico, apliquei os conhecimentos específicos da disciplina de História, atualizados e adequados aos estádios de desenvolvimento dos alunos, aproveitando conhecimentos e capacidades adquiridas pelos alunos em fases anteriores, logo fazendo a articulação com outras temáticas da disciplina ou outras áreas, nomeadamente a Geografia, a fim de melhorar as minhas práticas educativas e otimizar

o ensino na escola. Fiz uso do saber próprio da profissão baseado constantemente na investigação e na reflexão partilhada da prática educativa.

Participei, com responsabilidade e empenho, nas estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica, estando sempre disponível para colaborar em todas as tarefas.

Colaborei com todos os intervenientes no processo educativo, promovendo o desenvolvimento de relações de cordialidade, de camaradagem e de respeito mútuo entre docentes, pessoal não docente e alunos. Em Departamento, Conselhos de Turma e de grupo, colaborei com os restantes elementos em tudo o que foi realizado/decidido, adotando todos os procedimentos necessários para o bom funcionamento do processo educativo.

No que concerne à avaliação, diversificamos os elementos/instrumentos de avaliação. Foram criados momentos de autoavaliação e forneci *feedbacks* construtivos aos alunos sobre o seu desempenho. Realizamos uma avaliação formativa (durante as aulas observadas) e sumativa (ficha de avaliação). Foi feita uma análise estatística dos resultados obtidos nos testes de avaliação, tendo estes sido, posteriormente, objeto de reflexão pessoal. Todo o processo ensino e aprendizagem foi alvo de avaliação constante, integrada na própria aula, promovendo momentos de autoavaliação para que os alunos tomassem consciência dos seus comportamentos e atitudes. A avaliação foi utilizada numa perspetiva de retro e pró-atividade para os alunos e para a professora (processo de autorregulação e de reflexão crítica sobre o processo de ensino), avaliando simultaneamente o processo e o produto. Assim, desenvolvemos uma avaliação contínua, cuidada, diversificada das aprendizagens dos alunos, tendo esta sido acompanhada por uma reflexão.

No que diz respeito à operacionalização das duas aulas, a Professora Cooperante, referiu que estas correram muito bem uma vez que a aula decorreu tal como definido na planificação, previamente elaborada referindo que os objetivos de aprendizagem traçados pela docente foram plenamente atingidos. Foi utilizado o método expositivo/dedutivo e procedeu-se ao diálogo com os alunos; Referiu que os alunos utilizaram conhecimentos previamente adquiridos e os alunos demonstraram bastante interesse. O tempo disponibilizado para a exploração dos recursos supracitados foi também o adequado e gerido para que os alunos pudessem questionar, dar opiniões e trocar impressões.

Tal como definido no Plano da Prática Pedagógica, participamos numa reunião de Conselho de Turma (10ºD) e numa reunião de Departamento. Organizamos colaborativamente (com a colega estagiária e a Professora Cooperante) várias atividades, nomeadamente a construção de um *blog* de acompanhamento ao trabalho desenvolvido no estágio, a comemoração do 25 de abril, destacamos todas as semanas uma personalidade (Atividade Personalidade da Semana), fizemos uma visita de estudo ao Convento de Alpendorada e foi feita a comemoração do “Dia da História”. Durante todo o processo inerente ao desenvolvimento das atividades, estabelecemos uma boa relação com a comunidade educativa, mantendo uma atitude de abertura ao diálogo, à partilha e à cooperação.

A observação das aulas da professora cooperante mostraram-se bastante proficuas, uma vez que, permitiram adequar estratégias e melhorar alguns aspetos pedagógico-didáticos. (Anexo 40)

Relativamente às aulas observadas da professora estagiária Célia Costa (Anexo 41), constatamos que aplicou conhecimentos teóricos de História com correção e rigor, apresentando domínio dos conteúdos e conceitos que ensinou; usou conteúdos, metodologias e matérias de ensino diversificados e adequados aos objetivos. que esta identificou com rigor as ideias prévias dos alunos e dados exemplos do quotidiano. As estratégias e técnicas didáticas foram organizadas adequadamente sendo frequentemente estabelecidos pontos de articulação curricular.

De salientar que foi evidenciada flexibilidade na gestão de atividades, indicando aos alunos o tempo necessário para a realização de tarefas

Os sinais verbais e não-verbais da reação dos alunos foram analisados e tidos em conta no decorrer da aula sempre no sentido do desenvolvimento cognitivo dos alunos que foi sendo estimulado no decorrer da aula. A comunicação foi realizada de forma clara, correta e eficaz. A aula foi gerida de forma a conseguir a eficácia das aprendizagens pretendidas. Foi efetuada diferenciação pedagógica em resposta às necessidades individuais dos alunos.

De salientar que a professora, diversificou as tarefas de acordo com o contexto. Os alunos mostraram muito entusiasmo, interesse e motivação pelas atividades desenvolvidas.

No que concerne à heteroavaliação, a estagiária Célia Costa elaborou uma reflexão sobre as aulas lecionadas por mim. Assim, referiu que *apliquei conhecimentos*

teóricos de História com correção e rigor, apresentando domínio dos conteúdos e conceitos; usei conteúdos, metodologias e matérias de ensino diversificados e adequados aos objetivos.

CONCLUSÕES

A Prática Pedagógica assume-se como fundamental na formação inicial de professores, permitindo desenvolver competências a diversos níveis, criando oportunidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação teórica. Revela-se como etapa fundamental no desenvolvimento pessoal e profissional, visto ser um marco importante no enriquecimento dos conhecimentos científicos e pedagógicos, promovendo mudanças que advêm do contato com a realidade do ensino e aprendizagem, da relação com os alunos e com todos os elementos da comunidade escolar.

A prática pedagógica constitui-se, também, como promotora de reflexões contribuindo para o nosso desenvolvimento reflexivo e autónomo, bem como, para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

Como refere Perrenoud (2002),

A formação, inicial e contínua, embora não seja o único vetor de uma profissionalização progressiva do ofício do professor, continua sendo um dos propulsores que permitem elevar o nível de competência dos profissionais. Além de aumentar seus saberes e seu *savoir-faire*, ela também pode transformar a sua identidade, sua relação com o saber [...] sua visão de cooperação e da autoridade, seu senso ético. [...] (p. 12)

Este estágio profissional contribuiu para uma análise e reflexão sobre as práticas de ensino, assim como, para a renovação das mesmas no sentido do contínuo desenvolvimento profissional docente.

Para que isto fosse possível contribuíram também os intervenientes em todo este processo, os colegas e supervisores, que tornaram efectiva a criação de uma aprendizagem colegial, baseada na partilha e troca de experiências. Neste contexto, Formosinho (2001, p. 58) salienta a importância dos supervisores, destacando que, “o seu papel na construção de uma profissionalidade adequada e empenhada, na apropriação das dimensões técnica, moral e relacional do desempenho profissional não é substituível”.

Esta profissionalização visou um enriquecimento cultural e profissional assim como a um complemento à área curricular de Geografia, a qual já lecionamos há onze anos, sendo que estas duas disciplinas se complementam tornando-se uma mais-valia.

Procuramos ao longo da prática pedagógica desenvolver atividades motivadoras para os alunos e para isso apostamos na aplicação de diversos recursos tecnológicos, tendo sempre em conta as características da turma.

Assim, teve-se em conta o facto de se tratar de uma Prática Pedagógica desenvolvida no ensino secundário e a este propósito, Trindade (2011) refere:

“O curriculum do ensino secundário exige aos alunos a capacidade de compreensão e análise de temáticas complexas com base em informação incompleta e contraditória. A História é a disciplina onde essas capacidades podem ser mais cabalmente desenvolvidas. As novas tecnologias podem e devem desempenhar um papel central no ensino e aprendizagem da História. Adicionalmente, as competências associadas ao “pensar histórico” contribuem para uma participação informada e alerta na sociedade de informação contemporânea.” (para. 1)

Assim, tratando-se de uma Prática Pedagógica no ensino secundário e analisando as possibilidades que as novas tecnologias podem criar no ensino, em particular no que diz respeito à disciplina História concluímos que a professora destes alunos utiliza estes meios tentando promover um maior interesse e motivação pela disciplina.

E como refere Moura (2009),

“ensinar História é fazer que os alunos construam o próprio ponto de vista. Os acontecimentos históricos não podem ser estudados isoladamente, pois o processo histórico é dinâmico e não estático. É necessário ensinar aos estudantes a ação do pensar/refletir historicamente. [...] Ensinar o aluno a pesquisar, a confrontar diferentes versões históricas e valorizar o seu saber, a sua vivência e suas interpretações é “preciso desenvolver uma história na perspectiva crítico-dialética, olhar o passado construindo o presente. (...)” (p.3)

Esta perspectiva construtivista pode ser alcançada com recurso às novas tecnologias, uma vez, que estas vão ao encontro dos interesses dos alunos, actualmente integrados numa comunidade global onde é impossível dissociar a área digital da área educacional.

No entanto, Ferreira (1999) chama a atenção para o facto,

“ do mero uso dos recursos tecnológicos não é garantia de que ao serem postos em prática vão estar contribuindo para uma nova postura do professor em sala de aula. Aliado a estes recursos, o professor deve ter domínio dos conteúdos e das diversas metodologias, dentre as quais possa escolher a que melhor se aplica à construção do conhecimento histórico.” (p.147)

Segundo Moura (2009), o uso dos recursos tecnológicos deve estar associado ao domínio de conteúdo e metodologias para que se possa escolher a mais adequada à construção do conhecimento histórico. (pp. 5,6)

No nosso entender os recursos tecnológicos estão a ser aplicados ao processo de ensino e aprendizagem da História, no entanto, verifica-se a necessidade da diversificação dos mesmos no sentido da promoção do gosto pela aprendizagem da disciplina, na perspetiva de olhar o passado para construir o futuro, contribuindo para a integral formação dos discentes, como cidadãos críticos e ativos na sociedade.

A este propósito Trindade (2011) refere que,

“a aplicação das Novas Tecnologias na aprendizagem de História no ensino secundário tem sido cada vez mais uma estratégia desenvolvida por professores, não só em Portugal como noutros países, com resultados bastante positivos pois possibilitam ao aluno a construção do seu conhecimento, permitem uma aproximação também aos gostos dos próprios educandos.” (para. 10)

Em suma, esta Prática Pedagógica revelou-se bastante profícua, uma vez que contribuiu para a aquisição de novas competências, promovendo uma maior reflexão sobre as práticas que já vinham sendo aplicadas ao longo da carreira profissional, uma partilha de experiências o que veio a contribuir para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. De salientar o papel da professora cooperante, elemento fulcral em todo o processo, uma vez que o seu feedback constante ajudou e determinou o desenvolvimento de competências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, Isabel. (2000). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? Publicado em *Cadernos de Formação de Professores*, Nº 1, pp. 21-30, 2001. Texto resultante de intervenção no Colóquio sobre "Formação Profissional de Professores no Ensino Superior", organizado pelo INAFOP. Aveiro, 24 de Novembro de 2000.
- Arends, R. (1999). *Aprender a Ensinar*. Amadora: Editora McGraw Hill de Portugal, Lda.
- Azevedo, J. (1994). *Avenidas de Liberdade. Reflexões sobre Política Educativa*. Porto: Edições ASA.
- Bakhtin, M. (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7.ed. Hucitec, São Paulo.
- Barca, I. & Gago, M. (2001). Aprender a pensar em História. Um estudo com alunos no 6.º ano de escolaridade. *Revista Portuguesa de Educação*. 14. p. 239-261.
- Barbosa, E., Serpa, M., Botelho, F. Rodrigues, G., Cabral, C e Raposo, E (1999). Processos de Planificação do Ensino na Formação Inicial. In *Arquipélago Ciências da Educação*, nº2, pp. 115 152.
- Barros, D. M.V. (2011) Estilos de aprendizagem na atualidade-volume 1, Estilos de aprendizagem de futuros professores e estratégias de ensino da matemática no 1.º ciclo do ensino básico. CIEC_ Universidade do Minho, ESE_ Instituto Politécnico de Bragança.
- Berger, J. (1999). *Modos de Ver*. Rio de Janeiro. Rocco.
- Carvalho, A. (2001). Princípios para a elaboração de documentos hipermedia. In Paulo Dia e Varela de Freitas (Org.). *Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação – Challenges' 2001*. Braga: Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho.
- Coutinho, C. (2005). Construtivismo e investigação em hipermedia: aspectos teóricos e metodológicos, expectativas e resultados. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4386/1/CISCI%202005.pdf>. Acedido em 15 de julho de 2013.
- Coutinho, C. & Junior, J. B. B. (2007). A complexidade e os modos de aprender na sociedade do conhecimento. disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6501/1/Afirse%202007%20Final.pdf>, acedido em 15 de julho de 2013.

- Coutinho, C. & Lisboa, E. (2011). Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. *In* Revista de Educação, Vol. XVIII, nº 1. Pp. 5-22.
- Cunha, M. I. (1992). *O Bom Professor e Sua Prática*. 2 ed. Campinas, SP, Papyrus Editora.
- Cruz, S. (2008). "Blogue, Youtube". Em Ana Amélia A. Carvalho (org.), *Manual de ferramentas da web 2.0 para professores*. Ministério da Educação e DGDC. 15-40. Consultado a 29 de junho de 2013 em www.crie.min-edu.pt/publico/web20/manual_web20-professores.pdf.
- Day, C. (2001). *Desenvolvimento Profissional Docente: Os desafios da aprendizagem permanente*. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto. Porto Editora.
- Day, C. e Sachs, J. (2004). Professionalism, performativity and empowerment: discourses in the politics and purposes of continuing professional development, in C. Day e S. Sachs (Org.), *International Handbook on the Continuing of Teachers*. Maidenhead: Birks, Open University Press.
- Derrida, J. (2003). *A universidade sem condição*. Coimbra: Angelus Novus.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.
- Félix, N. e Roldão, M. C. (1996). *Dimensões Formativas de Disciplinas do Ensino Básico – História*. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional.
- Ferreira, C. A. L. (1999), A importância da novas tecnologias no ensino de História. *In* *Universa, Brasília*, nº 1, pp. 125-137.
- Flores, M. A. e Simão, A. M. (2009). *Aprendizagem de desenvolvimento profissional de professores: Contexto e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Hargreaves, A., (2003). *O Ensino na Sociedade do Conhecimento – A educação na era da insegurança*. Porto: Porto Editora.
- Herdeiro, R. & Silva, A. M. (2011). Desenvolvimento Profissional Docente: contextos e oportunidades de aprendizagem na escola. In A. B. Lozano et al (orgs.), *Libro de Actas do XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Coruña: Facultad de Ciências da Educación, pp. 2717-2728.
- Leite, C. (2009). Ser professor nos dias de hoje... Formar professores num mundo em mudança. Artigo em Revista Científica Internacional. Disponível em, <http://hdl.handle.net/10216/17773>. Acedido em 30 de junho de 2013.

- Litz, V. G. (2008). O uso da imagem no ensino de história. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>, acedido a 15 de Julho de 2013.
- Manique, A. & Proença, M. C. (1994). *Didática da História: Património e História Local*. Lisboa, Texto Editora.
- Martins, V. M. T. (2003). Para um projecto educativo. *Millenium*, n.º 27.
- Matta, A. (2001) Procedimentos de autoria hipermídia em rede de computadores, um ambiente mediador para o ensino-aprendizagem de história. Disponível em http://www.matta.pro.br/pdf/tese_alfredo_matta.pdf. acedido em 12 de Março de 2013
- Melo, M. (2001). O conhecimento tácito substantivo histórico dos alunos – no rasto da escravatura. Actas das I Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga, Universidade do Minho, pp. 50-61.
- Melo, M. (2003). *O Conhecimento Tácito Histórico dos Adolescentes*. Braga, Universidade do Minho.
- Monfort, N., Pagès, N., Santisteban, A. (2011). Cómo evaluar el pensamiento histórico del alumnado? In P. Martínez, S. Puche, A. Fernández (Eds.), *La evaluación en el proceso de enseñanza y aprendizaje de las ciencias sociales* (pp. 221-231). Murcia: Asociación Universitaria de Profesorado de Didáctica de las Ciencias Sociales.
- Moreira, M. (1997). Aprendizagem Significativa: um conceito subjacente. In M. Moreira, M. Palmero, M. Sahelices (Coords), *Actas del Encuentro Internacional sobre el Aprendizaje Significativo* (pp. 19-44). Burgos: Universidad de Burgos. pp. 19-44.
- Morgado, J. (2005). *Currículo e Profissionalidade Docente*. Porto: Porto Editora
- Mortimer, E. (1996). Construtivismo, Mudança Conceptual e Ensino de Ciências: para onde vamos? *Investigações em Ensino de Ciências*, 1, 20-39.
- Moura, M. J. F. (2009). O Ensino de História e as Novas Tecnologias: da reflexão à ação pedagógica. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza.
- Pacheco, J. (1995). *Avaliação dos alunos na perspectiva da reforma* (2ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Prats, J. et al. (2011). *Enseñanza y aprendizaje de la Historia en la Educación Básica*. Dirección General de Desarrollo Curricular, Secretaría de Educación Pública, Argentina.

- Prats, (2001). Enseñar historia: notas para una didáctica renovadora. Mérida. Junta de Extremadura. 2001
- Pelizzari, A, Kriegl, M., Baron, M., Finck, N., Dorocinski, S. (2002). Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. Textos seleccionados manual do candidato. Ver. PEC, Curitiba. V. 2, n.º 1, pp. 37-42.
- Perrenoud, P. (2002). A prática reflexiva no ofício de professor – Profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre. Artemed Editora.
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants, Part I. Obtido em 30 de maio de 2013, www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants, Part II: Do They Really Think Differently? Obtido em 30 de maio de 2013, de twitchspeed.com: <http://www.twitchspeed.com/site/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part2.htm>
- Proença, M. C. (org.). (1989). *Didáctica da História – textos complementares*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, C. (2003). *Metacognição: Um Apoio ao Processo de Aprendizagem*, Psicologia: Reflexão e Crítica, 16(1), pp. 109-116, Universidade Católica Portuguesa.
- Shon, D., (2000). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artemed Editora.
- Silva, B. (2001). A tecnologia é uma estratégia. In Paulo Dias & Varela de Freitas (org.), *Actas da II Conferência Internacional Desafios 2001*. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio, pp. 839-859.
- Silva, B. (2002). A Tecnologia é uma Estratégia para a Renovação da Escola. Movimento. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, nº 5, Tecnologia Comunicação e Educação. Rio de Janeiro, Brasil, pp. 28-44.
- Silva, L. F. (2012). Tecnologias digitais e ensino: o uso pedagógico do blog para o ensino e aprendizagem de língua materna. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758. Disponível em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/724.pdf>, acedido em 14 de Julho de 2013.

- Trejo, V. A. (2011). Cómo se enseña la historia en la educación básica. *in. Enseñanza y aprendizaje de la Historia en la Educación Básica*. Dirección General de Desarrollo Curricular, Secretaría de Educación Pública, Argentina.
- Trindade, S. (2011). As novas tecnologias ao serviço da complexidade no ensino de história. *In VII Conferência Internacional de TIC na Educação*. Universidade do Minho. Disponível em http://www.academia.edu/889147/As_novas_tecnologias_ao_servico_da_complexidade_no_ensino_da_Historia
- Winch, M. V. & Medeiros, E. W. (2001). O Ensino da História: o Olhar do Aluno. *Disciplinarum Scientia – Série Ciências Sociais e Humanas*, 2(1), 37-48.
- Woelders, A. (2007). Using Film to Conduct Historical Inquiry with Middle School Students. *The History Teacher*, 40(3), 364-395.
- Zabalza, M. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Legislação consultada:

- Agrupamento de Escolas de Alpendorada (2012- 2013). Plano Anual de Atividades [PAA]. Porto
- Agrupamento de Escolas de Alpendorada (2012). Projeto Educativo [PE].
- Agrupamento de Escolas de Alpendorada (2011-2013). Regulamento Interno [RI].
- Programa de História A, 10º, 11º e 12º anos. Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas. Formação específica, homologado a 16/03/2001
- Decreto-Lei n.º 43/2007 de 22 de Fevereiro. Diário da República, 1.ª série, N.º 38, pp 1320 – 1327 (Define as condições necessárias à obtenção de habilitação profissional para a docência)
- Decreto-Lei n.º 15/2007 de 19 de Janeiro. Diário da República, 1.ª Série, N.º 14. pp 501 – 547. (Estatuto da Carreira Docente dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário)
- Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de Agosto. Diário da Republica, I série A, N.º 201, pp 5569 – 5572.(Define perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário)
- Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro. Diário da Republica, I série, N.º 237, pp 3067 – 3081.(Lei de Bases do Sistema Educativo)

ANEXOS

Anexo 1 – Pedido de autorização para divulgação do nome da escola

Pedido de Autorização

Divulgação do nome da Escola

Exma. Sr. Diretora

No âmbito do Estágio Pedagógico em Ensino da História e Geografia, da Universidade Portucalense, desenvolvido nesta escola ao longo deste ano letivo, vimos solicitar autorização para divulgar o nome da Escola nos relatórios escritos das estagiárias: Célia Monteiro Costa e Elisabete Muche.

Alpendorada, maio de 2015

Pedem Deferimento

Célia Costa
Elisabete Muche



Anexo 2 – Número de alunos, turmas e discentes com NEE por ano de escolaridade / tipologia de curso

Ano de Escolaridade/ Tipologia de Curso		Nº de Alunos	Nº de Turmas	Alunos NEE
Pré - escolar		397	20	0
1º CEB	1º Ano	151	35 a)	---
	2º Ano	194		2
	3º Ano	161		4
	4º Ano	164		5
2º CE B	5º Ano	237	10	5
	6º Ano	210	8	4
3º CEB	7º Ano	240	10	4
	8º Ano	175	7	---
	9º Ano	176	7	3
Secundário	10º Ano	147	6	1
	11º Ano	147	7	1
	12º Ano	127	6	1
Cursos Profissionais	Profissional de Técnico de Animação Sócio Cultural	25	1	---
	Profissional de Design Gráfico	25	1	1
	Técnico de Restauração Variante Restaurante e Bar	20	1	1
	Turismo	19	---	---
	Técnico de Contabilidade	27	2	---
CEF Nível 2 9º Ano	Mesa Bar	10	1	---
	Desenho assistido por computador/construção civil	16	1	---
	Práticas técnicas – comerciais Básica	13	1	2
	Electricista de instalações Básica	13	1	---
	Assistente Administrativo Básica	17	1	---
EFA	B3	12	---	---
TOTAL		2723	126	34 (1,2%)

Anexo 3 – Oferta curricular e respetiva distribuição dos alunos

		NÚMERO DE ALUNOS
ENSINO REGULAR	PRÉ – ESCOLAR	397
	1º CEB	672
	2º CEB	447
	3º CEB	593
	SECUNDÁRIO	739
CEF	ASSISTENTE ADMINISTRATIVO	18
	DESENHO ASSISTIDO POR COMPUTADOR/ CONSTRUÇÃO CIVIL	17
	SERVIÇO DE MESA	10
	ELECTRECISTA DE INSTALAÇÕES	13
	PRÁTICAS TÉCNICO-COMERCIAIS	13
CURSOS PROFISSIONAL AIS	PROFISSIONAL DE TÉCNICO DE ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL	25
	PROFISSIONAL DE DESIGN GRÁFICO	
	TURISMO	
	TÉCNICO DE RESTAURAÇÃO VARIANTE RESTAURANTE E BAR	12
	TÉCNICO DE CONTABILIDADE	27
EFA		12

Anexo 4 – Plano da 1ª aula observada



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE



GOVERNO DE PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



agrupamento de escolas de
ourense
código 150824

Estágio Ensino da História e da Geografia

PLANO DE AULA

Disciplina : História A

Ano 10º Turma D

Módulo 3 – A abertura europeia ao mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI

Unidade 2 - O alargamento do conhecimento do Mundo

Data: 17 de abril de 2013

Professora observada : Elisabete Susana de Jesus da Silva Muche

Professora Cooperante: Isabel Carla Brito

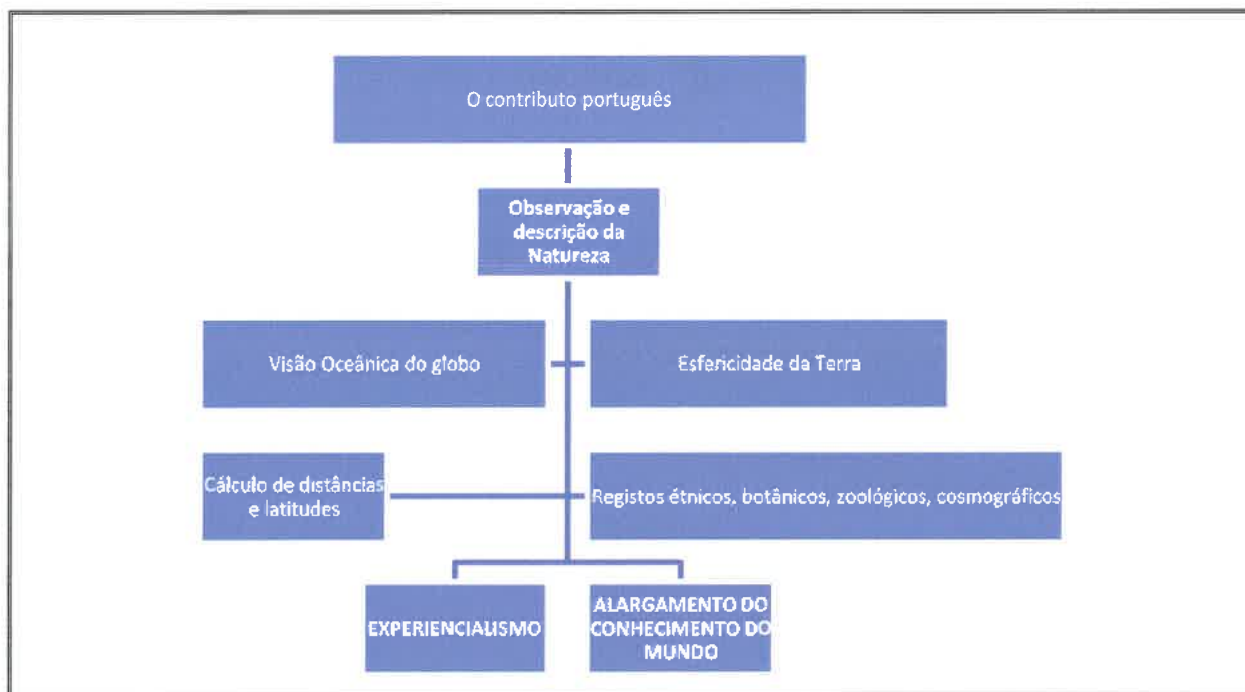
Conceito-chave e situação-problema / desafio

Situação problema – Caracterizar o contributo português no conhecimento do Mundo

Questão Estruturante - Qual o contributo dos portugueses na observação e descrição da natureza para o alargamento do conhecimento do Mundo?

Conceitos-Chave: Experiencialismo

Esquema conceptual para a aula



Informação nova / conteúdos

<p>Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Visualização de uma nuvem de palavras sobre os conhecimentos prévios dos alunos; - Diálogo com os alunos relativamente aos descobrimentos portugueses e ao contributo português na expansão;
<p>Conceitos novos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Experiencialismo

Objetivos de aprendizagem

<ul style="list-style-type: none"> - Sintetizar os grandes contributos da expansão marítima, nos domínios da geografia física e humana, botânica, da zoologia e cosmografia; - Sublinhar o carácter experiencialista deste novo saber proporcionado pela expansão; - Analisar documentos; - Distinguir o experiencialismo da ciência moderna.

Sequenciação a dar à aula: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias**Método expositivo / dedutivo****Estratégias:**

Diálogo professor/aluno a fim de:

- Promover a leitura e análise de uma nuvem de palavras;
- Exploração de um friso cronológico interativo sobre os antecedentes e as principais etapas da expansão portuguesa;
- Análise de cartografia da época (recurso “flashback” sobre a aula anterior com a colaboração dos alunos);
- Descrição da cartografia apresentada;
- Leitura e análise de um documento: Carta de Pêro Vez de Caminha ao rei D. Manuel, comunicando o achamento da ilha de Vera Cruz;
- Leitura e análise dos documentos 9 (O testemunho de Garcia de Orta) e 10 (O testemunho de Duarte Pacheco Pereira)
- Solicitar aos alunos a apresentação da informação recolhida na leitura e análise de documentos;
- Visionamento de um vídeo alusivo à expansão marítima para a síntese de conteúdos;
- Realizar actividades de aplicação de conhecimentos e de desenvolvimento de competências.

Recursos / Fontes

- Manual do aluno;
- Friso cronológico interativo;
- Computador;
- Projetor;
- Ficha de trabalho.

Avaliação intercalar

- Questões colocadas aos alunos (oralmente);
- Grelha de avaliação atitudinal.

Diferenciação pedagógica

Questões colocadas oralmente aos alunos com mais dificuldades de forma a motivar os mesmos para a temática.

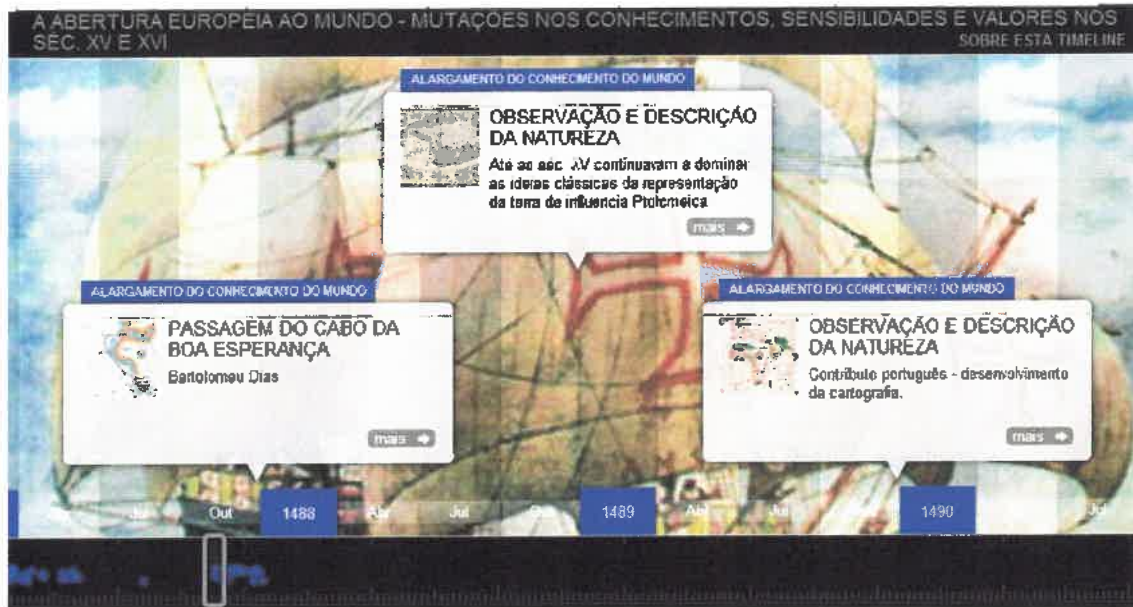
Avaliação final

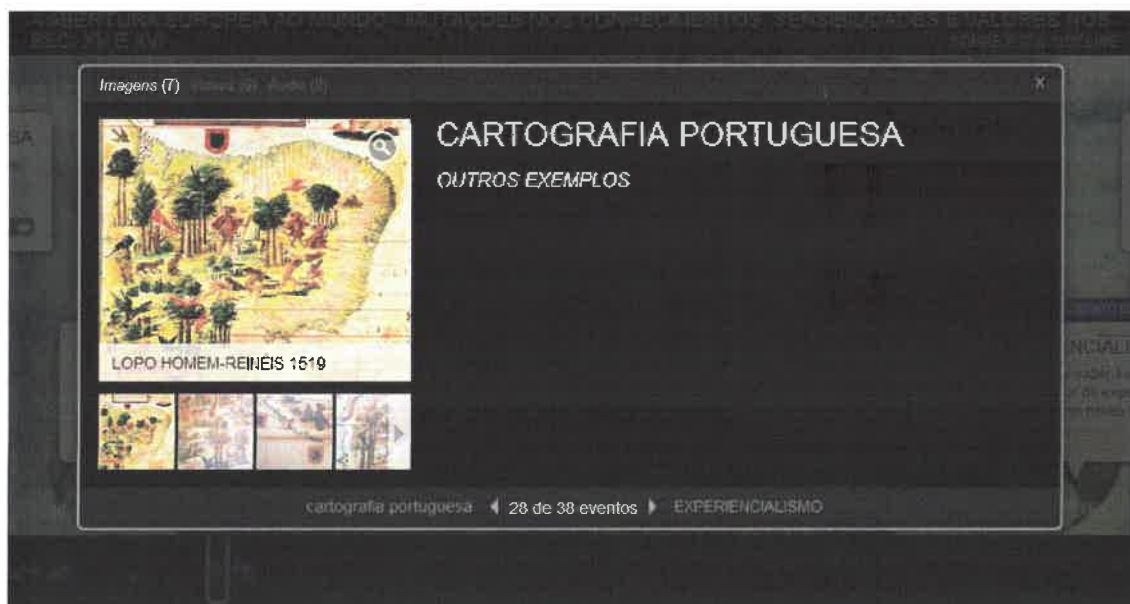
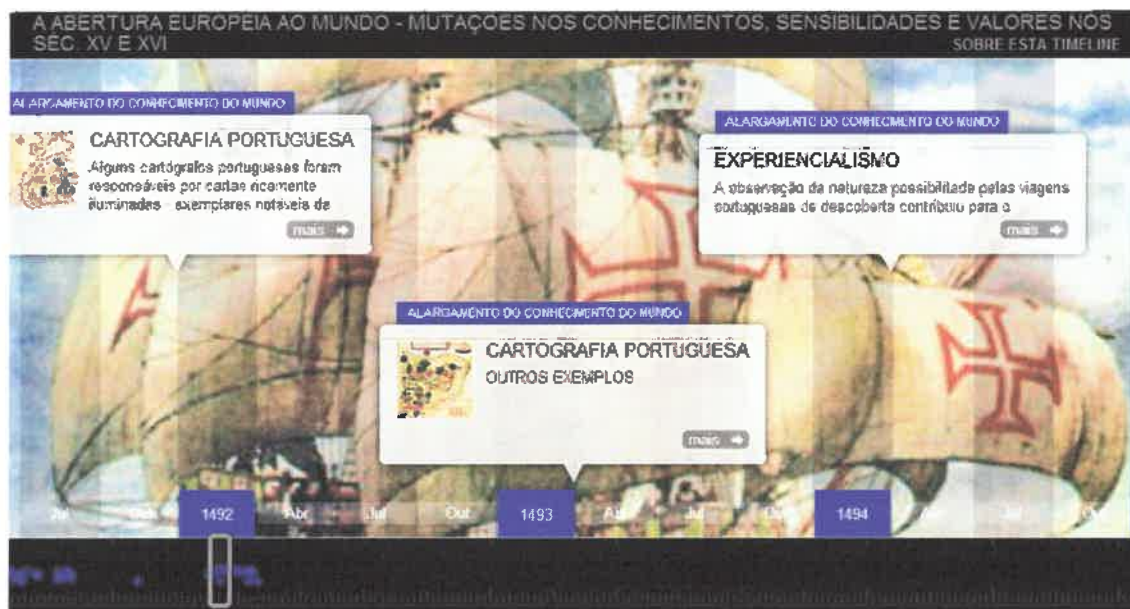
- Ficha de avaliação de conhecimentos.

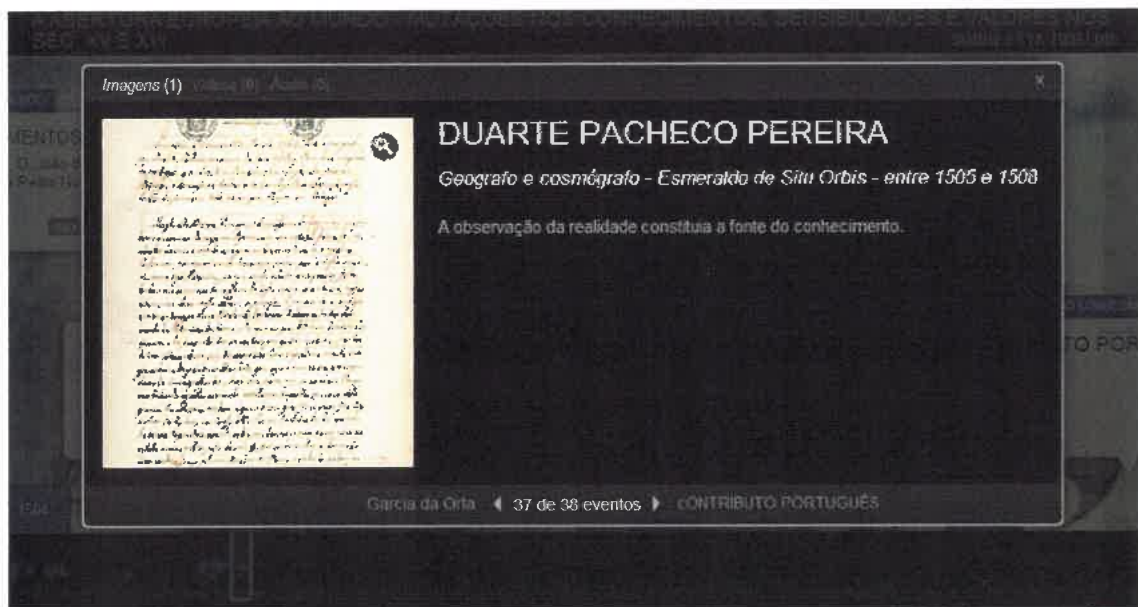
Sumários

O contributo português : observação e descrição da natureza.

Anexo 5 – Friso cronológico interativo









<https://sites.google.com/site/geoforceupt/didatica-aplicada-ao-ensino-da-historia>

DOC A "NOVA" GEOGRAFIA

A – Cabo da Boa Esperança; o qual se aparta em ladeza, do círculo da equinocial contra o pólo Antártico, trinta e quatro graus e trinta minutos, que fazem um meio grau, segundo e já dito no item acima fica.

Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, p. 183

B – E muitos cuidam que este nome de Serra Leoa lhe foi posto por aqui haver leões, e isto é falso; porque Pero de Sintra (um cavaleiro do Infante D. Henrique, que per seu mandado, esta terra descobriu), por ver ua terra tão áspera e brava, lhe pôs o nome Leoa, e não por outra causa. E isto se não deve duvidar, porque é verdade, porque ele mo disse assi.

Esmeraldo, p. 119

C – Adiante desta terra do Congo, à parte do Nordeste, é sabida outra província, a que chamam de Anzica... Estes são negros como os do Congo, e são ferrados na testa ou fronte, em roda, maneira de caracol. E as mais das vezes tem guerra com Manicongo; qualquer homem que morra na guerra, ora seja dos seus ora dos alheios, logo o comem, e assi comem qualquer outro que é doente em tal extremo que lhe parece que pode morrer.

Esmeraldo, p. 171.

DOC OS "TRABALHOS" DE PEDRO NUNES

(...) Modernamente, a carta com essa propriedade costuma chamar-se "carta de atitudes crescidas" ou "carta de Mercator", do nome do cartógrafo flamengo Gerard Mercator (1512-1594), que em 1569 publicou um mapa do mundo com a referida intenção. Mas o primeiro autor a descrever com exatidão o processo matemático de desenhar cartas em que as linhas de rumo são representadas por linhas retas foi o inglês Edward Wright (1558-1615), em 1599, num livro em que cita abundantemente Pedro Nunes.

Como observação final, note-se que os trabalhos de Pedro Nunes sobre náutica foram sobretudo, pelo seu rigor e precisão, trabalhos de matemática pura. Pouco ou nenhum interesse terão tido para o esforço das navegações do tempo, condicionadas por ventos, correntes e incertezas quanto à posição dos navios. Mas é precisamente o seu rigor e precisão que os torna importantes a longo prazo. De facto, só séculos depois, com a navegação motorizada, e com o aperfeiçoamento dos métodos de determinação de posições, é que ideias como a navegação por rumos ou por arcos de linhas de rumo tiveram integral aplicação. Como alguém disse, não há nada mais prático do que uma boa teoria.

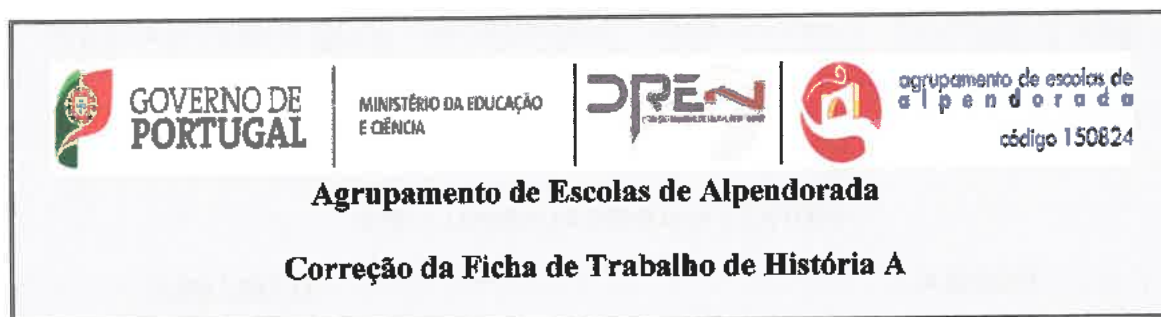
João Filipe Queirós, *Pedro Nunes e as Linhas de Rumo*, *Gazeta da Matemática*, Universidade de Coimbra, 143, pp. 42-47, Julho de 2002.

- 1.1 – A partir dos documentos apresentados, **indique** as viagens que, nos séculos XV e XVI, contribuíram para um melhor conhecimento do mundo.
- 1.2 – **Aponte** a nova mentalidade científica exposta nos três textos de *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira.
- 1.3 – **Descreva** os instrumentos e inventos que permitiram aos portugueses melhorar a navegação.

Bom Trabalho !
FIM

A Professora
Elisabete Muche

Anexo 7 – Correção da ficha de trabalho



MODULO 3





UNIDADE 2 – O ALARGAMENTO DO CONHECIMENTO DO MUNDO

1.1 - De exploração da costa ocidental africana, principalmente a de Bartolomeu Dias, de Cristóvão Colombo, de Vasco de Gama, com a descoberta do caminho marítimo para a Índia, e de Pedro Álvares Cabral. Pode ainda referir-se a viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães.

1.2 – Há a preocupação de rigor e de exactidão na descrição geográfica e na descrição de povos africanos.

1.3 – O astrolábio permitiu o cálculo da latitude de um lugar; a bússola apontou o norte, a balestilha permitiu calcular a latitude através da leitura da altitude dos astros.

Anexo 8 – Grelha para avaliação das atitudes em contexto de sala de aula

	GOVERNO DE PORTUGAL		MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA			agrupamento de escolas de alpendorada código 150824
Agrupamento de Escolas de Alpendorada						
GRELHA DE AVALIAÇÃO ATITUDINAL – 10º D						
História A				17 / 04 / 2013		

Nº	ALUNO	ATENÇÃO /CONCENTRAÇÃO	INTERESSE	EMPENHO
1	A	+	+	+
2	B	+	+	+
3	C	+	+	+
4	D	+	+	+
5	E	+	+	+
6	F	+	+	+
7	G	+	+	+
8	H	+	+	+
9	I	+	+	+
10	J	+	++	+
11	K	+	+	+
12	L	+	++	+
13	M	+	+	+
14	N	+	++	+
15	O	+	+	+
16	P	+	++	+
17	Q	+	++	+
18	R	+	+	+
19	S	+	+	+

20	T	+	+	+
21	U	+	+	+
22	V	+	+	+
23	X	+	+	+
24	Y	+	+	+
25	Z	+	+	+
26	AA	+	+	+
27	BB	+	+	+
28	CC	+	++	+
29	DD	+	++	+
30	EE	+	+	+

Anexo 9 – Plano da 2ª aula observada



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



agrupamento de escolas de
alpendorada
código 150824

Estógio Ensino da História e da Geografia

PLANO DE AULA

Disciplina : História A

Ano 10º Turma D

**Módulo 3 – A abertura europeia ao Mundo – mutações nos conhecimentos,
sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI**

Unidade 3 – A produção cultural

Data: 26 de abril de 2013

Professora observada : Elisabete Muche

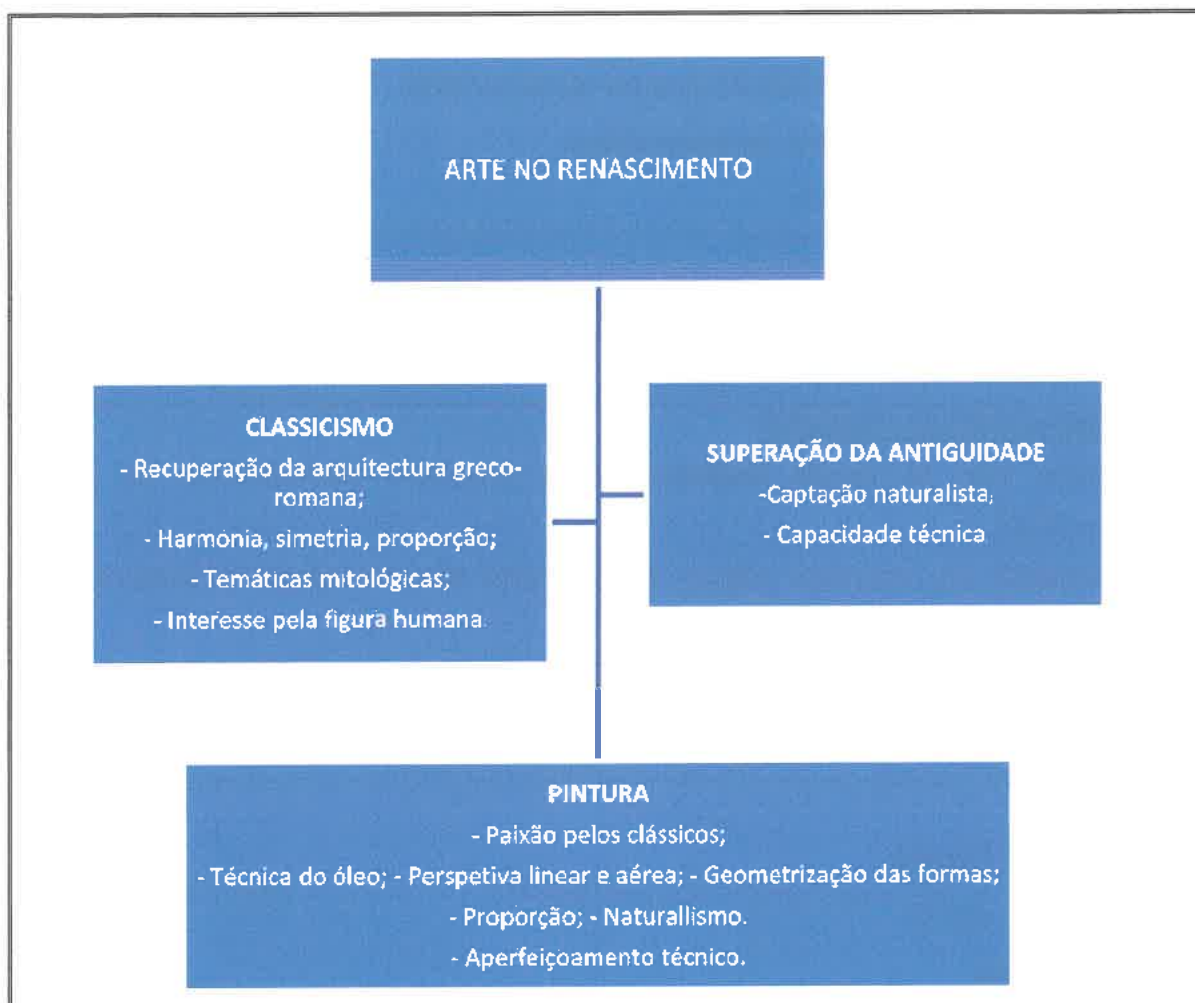
Professora Cooperante: Isabel Carla Brito

Conceito-chave e situação-problema / desafio

Situação problema – Caracterizar a pintura no Renascimento

Questão Estruturante – Quais as características dominantes na pintura do Renascimento?

Conceitos-Chave: Classicismo / Naturalismo / Pintura / Perspetiva

Esquema conceptual para a aula**Informação nova / conteúdos**

Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)	- Diálogo com os alunos relativamente às principais características do Renascimento e interligação com as principais características da pintura renascentista.
Conceitos novos	- Classicismo; - Naturalismo; - Pintura; - Perspetiva.

Objetivos de aprendizagem

- Definir conceitos;
- Explicar as características antropocêntricas do Humanismo;

- Exemplificar a valorização da Antiguidade pelo Humanismo;
- Analisar obras de pintura;
- Inferir das características clássicas e naturalistas da pintura renascentista;
- Identificar as características da pintura renascentista;
- Referir nomes de pintores renascentistas;
- Ordenar acontecimentos.

Sequenciação a dar à aula: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias

Método expositivo / dedutivo

- Diálogo com os alunos relativamente às principais características da arte renascentista;
- Exploração de um prezi relativo às principais características da pintura do Renascimento;
- Observação e análise de pinturas renascentistas;
- Ficha de trabalho.

Recursos / Fontes

- Manual do aluno;
- Computador;
- Videoprojetor;
- Prezi;
- Ficha de trabalho.

Avaliação intercalar

- Observação da atenção / concentração;
- Observação do interesse;
- Observação do empenho;
- Observação da participação;
- Espírito crítico;
- Ficha de trabalho;
- Ficha de auto-avaliação;
- Grelha de avaliação atitudinal.

Diferenciação pedagógica

Questões colocadas oralmente aos alunos com mais dificuldades de forma a motivar os mesmos para a temática.

Avaliação final

- Teste de avaliação sumativa.

Sumário

A reinvenção das formas artísticas – imitação e superação dos modelos da Antiguidade.

A pintura.

Anexo 10 – Prezi relativo à 2ª aula observada



Refere três elementos clássicos presente na obra O Nascimento de Vénus



Boticelli - O Nascimento de Vénus, c.1485

Prezi

This slide features a central image of Sandro Botticelli's 'The Birth of Venus' (c.1485). Above the image is the text 'Refere três elementos clássicos presente na obra O Nascimento de Vénus'. Below the image is the caption 'Boticelli - O Nascimento de Vénus, c.1485'. The slide is part of a Prezi presentation, indicated by the Prezi logo and navigation arrows.

REVOLUÇÃO PICTÓRICA

Na pintura europeia do Renascimento, os pintores que prepararam o caminho para a revolução artística foram:



Trecento

Quattrocento (1420-1500)

Cinquecento 1500-1530

Leonardo da Vinci
Michelangelo
Rafael

Prezi

This slide is titled 'REVOLUÇÃO PICTÓRICA' and discusses the artists who paved the way for the artistic revolution in European Renaissance painting. It features a horizontal timeline with three main periods: 'Trecento' (14th century), 'Quattrocento (1420-1500)', and 'Cinquecento 1500-1530'. The timeline is marked with blue circles and arrows. Key artists mentioned include Leonardo da Vinci, Michelangelo, and Rafael. The slide also includes the Prezi logo and navigation arrows.

Inovações e características da Pintura Renascentista



Prezi

This slide is titled 'Inovações e características da Pintura Renascentista' and features a large, detailed image of the interior of the Sistine Chapel. The image shows the iconic ceiling fresco by Michelangelo and the walls covered in various Renaissance paintings. The Prezi logo is visible in the bottom left corner.



A terceira dimensão/ Perspetiva Estudada matematicamente

Consiste na criação de um espaço tridimensional que pode ser obtido de duas maneiras:

Perspetiva linear:

criação de um espaço geométrico em que as linhas convergem para um fundo, o chamado ponto de fuga no qual as figuras mais afastadas são representadas com menor dimensão



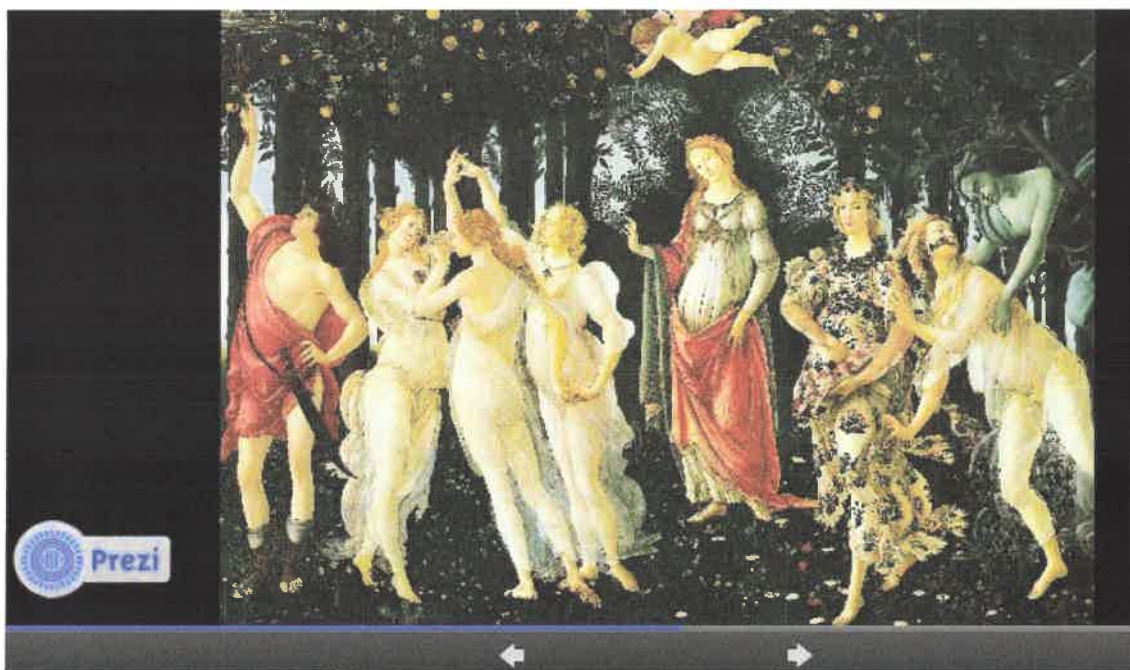

Franz Angelico
A Anunciação
c. 1443




Piero della Francesca, A Flagelação - c. 1455



Santissima Trindade de Masaccio - 1425-26



Anexo 11 – Ficha de trabalho



Aggrupamento de Escolas de Alpendurada

Ficha de trabalho de História A

 Nome: _____ Nº: _____ Turma: 10º D

ATIVIDADE DE COMPARAÇÃO DE OBRAS ICONOGRÁFICAS

DOC 1 - CIMABUE, MADONNA, c. 1260



Esta obra é um painel de madeira policromado, 1,24 m x 1,26 m, realizado em 1260, hoje na Galeria de Arte, Paris. Cimabue é descrito como o primeiro a aproximar-se da tradição de Giotto para criar esculturas com volume, embora este painel ainda se mantenha demasiado semelhante à iconografia bizantina. Segundo Maria Elzabete, ao contrário de Giotto

DOC 2 - RAFAEL, A REIA JARDINEIRA, 1507





O significado religioso atribuído a esta obra

Esta obra de Jesus, sempre com a Maria, se encontrada, com outros santos que são São João Batista, primo de Jesus, e João o primogénito de Maria. Maria e o filho de Jesus são os dois personagens, os santos que simbolizam a natureza humana e divina.

São João primogénito, da família e estado de Iluzão, simboliza a natureza humana e divina em correspondência com a família. São João Batista é a primeira criança de Jesus e o primeiro para ser salvo a floresta.

Finalmente, esta obra de Jesus e Maria, representada em um cenário plano, como se fosse uma paisagem, para ser a natureza humana e divina em correspondência com a família.



1. Compare as obras tendo em conta os aspectos que constam no quadro seguinte:

	CIMABUE	RAFAEL
a) Título e Tema		
b) Autor		
c) Século		
d) Dimensões		
e) Suporte e técnica de pintura		
f) Cores dominantes		
g) Descrição e número das personagens		
h) Disposição das personagens e outros elementos no espaço do quadro Desenhe, no espaço da coluna de cada obra, um esboço das linhas de composição, procurando evidenciar a simetria e geometrização das mesmas no espaço da composição.		
i) Atitudes		
j) Decoração e ambiente da cena k) Elementos que mostram profundidade e volume.		


Bom Trabalho

A professora: Elisabete Muche

Anexo 12 – Correção da ficha de trabalho

	CIMABUE	RAFAEL
a) Título e Tema	Mãe e A Virgem e o Menino em majestade	A Virgem e o menino, com São João Batista, ou o Belo Jerônimo, Museu de Louvre, Paris
b) Autor	Cimabue	Rafael, 1507
c) Século	c. 1280 (século XIII)	Século XVI
d) Dimensões	Um painel com 4,24m x 2,76m	122cmx60cm
e) Suporte e técnica de pintura	Madeira Têmpera	Madeira Óleo
f) Cores dominantes	Azul, vermelho, dourado e castanhos	Azul, vermelho e castanhos
g) Descrição e número das personagens	Mãe, A Virgem e o Menino em majestade Anjos	A Virgem e o menino, com São João Batista
h) Disposição das personagens e outros elementos no espaço do quadro Desenhe, no espaço da folha de cada obra, um esboço das linhas de composição, procurando evidenciar a simetria e geometrização das mesmas no espaço da composição		
i) Atitudes	Figuras em pose predominantemente estática embora se adivinhe o esboço do movimento das mãos e do rosto. Faces pouco individualizadas. Os rostos expressam serenidade e doçura, é a figura feminina segura afectuosamente o filho.	Figuras em pose de conjunto, surpreendidas num momento de contemplação e de simplicidade mútua, ligados pela alhar. Rostos serenos e expressivos.
j) Decoração e ambiente do	Ambiente de interior, com os	Ambiente exterior, elementos
l) Elementos que mostram profundidade e volume.	Figuras dispostas em torno da trono, que serve de enquadramento à cena e lhe dá também volume e perspectiva. fundo decorado.	naturalistas da paisagem: tenta em fundo o que podemos supor o curso de água que remete para o rio Jordão e para as águas purificadoras do baptismo. Os olhares recíprocos das personagens revelam a cumplicidade no destino das três figuras. Tratamento dos volumes, do tecido e dos corpos com naturalismo Realce para a cena central numa composição em pirâmide. Fundo paisagístico que se vai esbatendo em profundidade e distância (sfumato).

Anexo 13 – Ficha de autoavaliação


Agrupamento de Escolas de Alpendorada Ficha de Autoavaliação de História A
Nome : _____ Nº _____ Turma: 10º D

1. À frente de cada item assinale uma só opção, colocando uma cruz (X).

	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
Pontualidade				
Empenho				
Autonomia				
Participação (oral)				
Realização das tarefas propostas				
Comportamento				
Contribuo para o bom funcionamento da aula				

2. Preencha os seguintes itens.





O que mais gostei de fazer foi:	Senti mais dificuldade em: Motivos:	O que posso fazer para melhorar o meu desempenho:
---------------------------------	----------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------

Bom Trabalho!

FIM

A Professora: *Tália Monteiro Costa*

Anexo 14 – Grelha de avaliação de atitudes

	GOVERNO DE PORTUGAL		MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA			agrupamento de escolas de alpendorada código 150824
Agrupamento de Escolas de Alpendorada						
GRELHA DE AVALIAÇÃO ATITUDINAL – 10º D						
História A				26 / 04 / 2013		

Nº	ALUNO	ATENÇÃO CONCENTRAÇÃO	EMPENHO	ESPÍRITO CRÍTICO
1	A	+	+	+
2	B	+	+	+
3	C	+	+	+
4	D	+	+	+
5	E	+	+	+
6	F	+	+	+
7	G	+	+	+
8	H	+	+	+
9	I	+	+	+
10	J	+	++	+
11	K	+	+	+
12	L	+	++	+
13	M	+	+	+
14	N	+	++	+
15	O	+	+	+
16	P	+	++	++
17	Q	+	++	++

18	R	+	+	+
19	S	+	+	+
20	T	+	+	+
21	U	+	+	+
22	V	+	+	+
23	X	+	+	+
24	Y	+	+	+
25	Z	+	+	+
26	AA	+	+	+
27	BB	+	+	+
28	CC	+	++	++
29	DD	+	++	+
30	EE	+	+	+

Anexo 15 – Blog do Grupo de Estágio

História

Terça-feira, 28 de Maio de 2013

PERSONALIDADE DA SEMANA DE 27 A 31 DE MAIO

John F. Kennedy

29 de Maio de 1917



John Fitzgerald Kennedy (nasceu em 29 de maio de 1917 — De 21 de novembro de 1963) foi um 35º presidente dos Estados Unidos (1961-1963) e é considerado uma das grandes personalidades do século XX. Ele era conhecido como John F. Kennedy ou Jack Kennedy por seus amigos e pelo público em geral.

Em 1950, Kennedy tornou-se o segundo mais jovem governador da história dos Estados Unidos.

História

Work Online!

May 2013

S	M	T	W	T	F	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

WARNING:

FOR The 99% ONLY

Watch NOW >>>

Arquivo do blogue

- ▼ 2013 (16)
- ▶ Junho (2)
- ▼ Maio (4)
- PERSONALIDADE DA SEMANA DE 27 A 31 DE MAIO
- PERSONALIDADE DA SEMANA DE 27 A 31 DE MAIO

História

Sexta-feira, 7 de Junho de 2013

Visita de estudo ao Convento de Alpendorada

No passado dia 3 de junho, dando cumprimento a planificação do núcleo do estágio de História, a turma do 10º D da Escola Secundária de Alpendorada, visitou o Convento de Alpendorada. Os alunos foram acompanhados pelas professoras estagiárias e pela professora coorientadora, Isabel Emílio. A visita contemplou espaços interiores e exteriores do Convento e foi guiada pelo Sr. José. A turma mostrou grande entusiasmo pelo local, colocando várias questões relativamente à história do convento e eventos realizados atualmente.






História

Get Paid To View Ads

July, 2013

S	M	T	W	T	F	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Click Ads and earn up to \$0.01 per Click and up to \$0.038 per Ref. Click

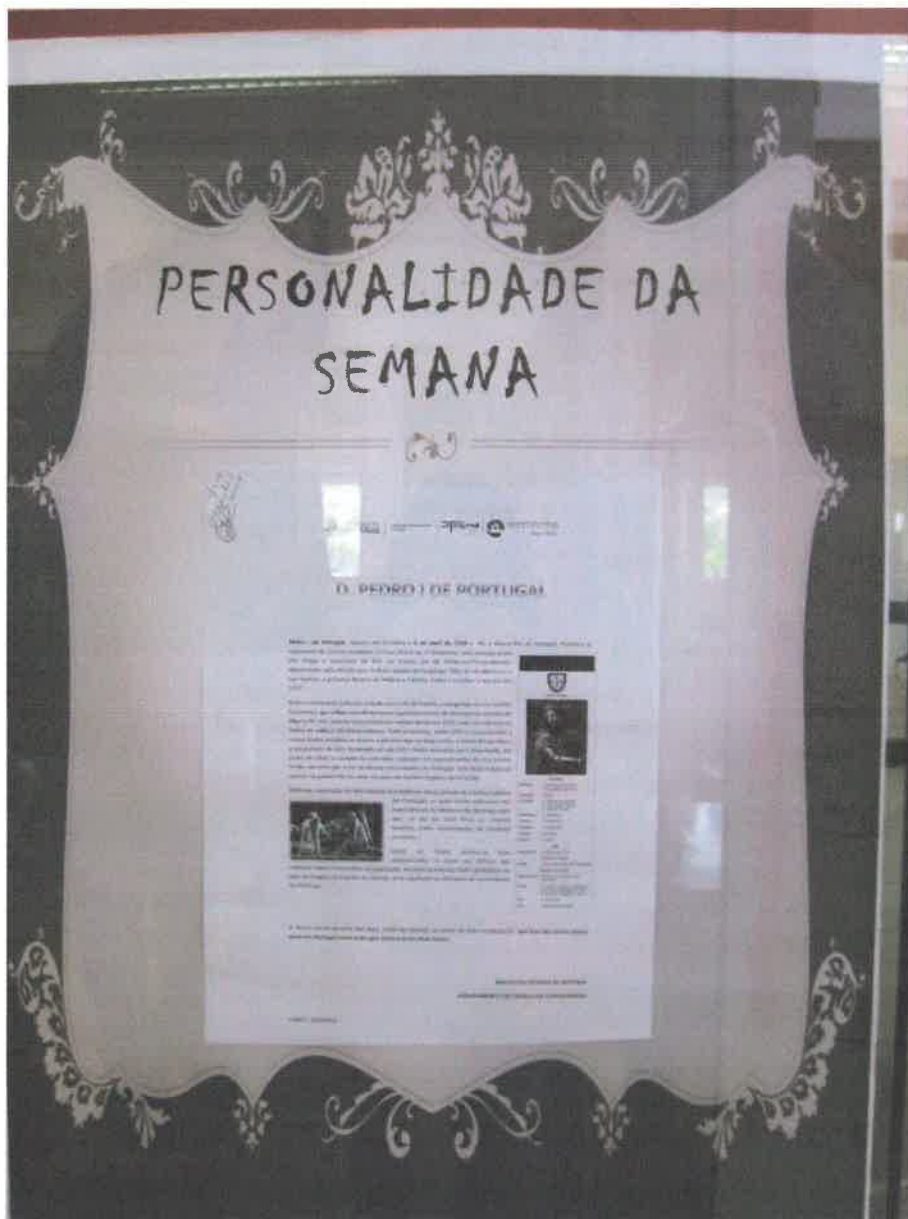
ClixSense

Arquivo do blogue


- ▼ 2013 (16)
- ▼ Junho (2)
- Visita de estudo ao Convento de Alpendorada
- PERSONALIDADE DA SEMANA DE 3 A 9 DE JUNHO
- ▶ Maio (4)
- ▶ Abril (9)

<http://www.historiaalpendorada.blogspot.pt/>

Anexo 16 – Atividade Personalidade da Semana



Anexo 17 – Relatório da atividade “Personalidade da Semana”

 <p>agrupamento de escolas de alpendorada</p>	<p>PLANO ANUAL DE ATIVIDADES</p> <p>FICHA DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE</p> <p>ANO LETIVO 2012/2013</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

1. Estrutura educativa:

Departamento de Ciências Sociais e Humanas: Disciplina de História

2. Actividade:Personalidade da semana
2013

Data: 8 de abril a 7 de junho de

3. Local: Biblioteca da Escola Secundária de Alpendorada

4. Público Alvo: Prof Alunos Turma(s): Enc. de Educ.
 PND Outros: _____

5. A atividade foi realizada:

Sim Não (se respondeu não, junte anexo
com justificação)

Com parceria? Sim Não

6. Elementos envolvidos na atividade/participantes (Indique o nº preciso)

Professores: Célia Costa; Elisabete Muche

7. Custo da actividade: sem custo com custo
 Materiais _____
 Serviços _____

8. Duração da atividade: ½ dia 1 dia > a 1 dia

9. Balanço**9.1 Grau de consecução dos objetivos:**Não Satisfaz Satisfaz Satisfaz Bastante **9.2 Que dados objetivos conduziram a esta conclusão?**

Toda a comunidade escolar poderia observar e apreciar a personalidade da semana e isso concluiu-se pelas observações e elogios a esta atividade dinamizada pelo núcleo de estágio e que esteve em constante atualização.

9.3 Foi feita a recolha de opinião junto dos participantes?Não Sim **10. Divulgação da actividade**

A actividade foi divulgada nos meios de comunicação?

Rádio local imprensa local imprensa nacional Blog do núcleo de estágio **11. Dificuldades organizativas:**Falta de materiais falta de recursos financeiros

falta de apoio logístico

Utilização de recursos nº de participantes não previsto

planeamento deficiente

Outros:

Anexo 18 – Cartaz elaborado por uma aluna do Curso Profissional de Técnico de Design para a comemoração do 25 de abril



Anexo 19 – Fotos da comemoração do 25 de abril



Anexo 20 - Relatório da Comemoração do 25 de abril

 <p data-bbox="258 414 416 477">agrupamento de escolas de alpendorada</p>	<p data-bbox="683 264 1161 300">PLANO ANUAL DE ATIVIDADES</p> <p data-bbox="528 344 1316 380">FICHA DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE</p> <p data-bbox="762 423 1078 459">ANO LETIVO 2012/2013</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

1. Estrutura educativa:

Departamento de Ciências Sociais e Humanas: Disciplina de História

2. Actividade:Comemoração do 25 de abril
de 2013

Data: 24, 25 e 26 de abril

3. Local: Escola Secundária de Alpendorada

4. Público Alvo: Prof Alunos Turma(s): Enc. de Educ.
 PND Outros: _____

5. A atividade foi realizada:

Sim Não (se respondeu não, junte anexo
com justificação)

Com parceria? Sim Não

6. Elementos envolvidos na atividade/participantes (indique o nº preciso)

Professores: Célia Costa; Elisabete Muche

7. Custo da actividade: sem custo com custo
 Materiais _____
 Serviços _____

8. Duração da atividade: ½ dia 1 dia > a 1 dia

9. Balanço

9.1 Grau de consecução dos objetivos:Não Satisfaz Satisfaz Satisfaz Bastante **9.2 Que dados objetivos conduziram a esta conclusão?**

Toda a comunidade escolar poderia observar a imagem criada para a comemoração do 25 de abril e, pelos comentários e observações muito positivas relativas a esta comemoração.

9.3 Foi feita a recolha de opinião junto dos participantes?Não Sim **10. Divulgação da actividade**

A actividade foi divulgada nos meios de comunicação?

Rádio local imprensa local imprensa nacional Blog do núcleo de estágio **11. Dificuldades organizativas:**Falta de materiais falta de recursos financeiros falta de apoio logístico Utilização de recursos nº de participantes não previsto planeamento deficiente

Outros:

Anexo 21 – Guião / Pedido de autorização aos Encarregados de Educação para visita de estudo



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DGEstE
DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES
Direção de Serviços da Região Norte



agrupamento de escolas de
alpendorada
código 150824

GUIÃO DA SAÍDA DE CAMPO

Dinamizadores: Professoras Célia Monteiro Costa e Elisabete Muche

Professoras Responsáveis: Célia Monteiro Costa e Elisabete Muche

Professores acompanhantes: Isabel Brito, Célia Monteiro Costa e Elisabete Muche

Destinatários: Alunos da turma D do 10º Ano

Local da visita: Hotel Convento de Alpendorada

Calendarização da saída: 3 de junho de 2013

Horários: Saída : 15, 15 h / Chegada : 16,45 h

Entidade a visitar: Hotel Convento de Alpendorada

Declaração

Eu, _____, Encarregado(a) de Educação do aluno(a) _____ nº _____, da turma 10º D, declaro autorizar o meu educando a participar na saída de campo, no dia 3 de junho de 2013. Assumo todas as responsabilidades pelo meu educando.


Data: ____ de _____ de 2013

O/A Encarregado/a de Educação _____

Anexo 22 – Fotos da visita de estudo ao Convento de Alpendorada



Anexo 23 – Relatório da visita de estudo ao Convento de Alpendorada

 <p>agrupamento de escolas de alpendorada</p>	<p>PLANO ANUAL DE ATIVIDADES</p> <p>FICHA DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE</p> <p>ANO LETIVO 2012/2013</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

1. Estrutura educativa:

Departamento de Ciências Sociais e Humanas: Disciplina de História

2. Actividade:Visita de estudo ao Convento de Alpendorada
junho de 2013**Data:** 3 de**3. Local:** Alpendorada

4. Público Alvo: Prof Alunos Turma(s): 10.º D Enc. de Educ.

PND Outros: _____

5. A atividade foi realizada:

Sim Não (se respondeu não, junte anexo
com justificação)

Com parceria? Sim Não

6. Elementos envolvidos na atividade/participantes (indique o nº preciso)

Professores: Célia Costa; Isabel Brito; Elisabete Muche

Alunos/turma: alunos do 10.º D.

PND: -----

7. Custo da actividade: sem custo com custo

Materiais _____

Serviços _____

8. Duração da atividade: ½ dia 1 dia > a 1 dia

9. Balanço

9.1 Grau de consecução dos objetivos:

Não Satisfaz

Satisfaz

Satisfaz Bastante

9.2 Que dados objetivos conduziram a esta conclusão?

Na realização da atividade, verificou-se uma grande participação e adesão por parte dos alunos.

9.3 Foi feita a recolha de opinião junto dos participantes?

Não

Sim

10. Divulgação da actividade

A actividade foi divulgada nos meios de comunicação?

Rádio local

imprensa local

imprensa nacional

Blog do núcleo de estágio

11. Dificuldades organizativas:

Falta de materiais

falta de recursos financeiros

falta de apoio logístico

Utilização de recursos

nº de participantes não previsto

planeamento deficiente

Outros:

Anexo 24 – Questionário relativo à visita de estudo ao Convento de Alpendorada



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DGEste
DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES
Direção de Serviços da Região Norte



agrupamento de escolas de
alpendorada
código 150824

História A

Questionário

Visita de Estudo ao Convento de Alpendorada

1 – Gostou da visita que fez ao convento de Alpendorada?

Sim ___ Não ___

2 – O que mais gostei foi...(assinale apenas uma opção)

- a) O espaço ___
- b) A decoração ___
- c) As explicações do guia ___
- d) O convívio com os colegas ___
- e) Ter saído da escola ___
- f) Outra _____ Qual? _____

3 – O que menos gostei...(assinale apenas uma opção)

- a) O tempo curto da visita ___
- b) A demora da visita ___
- c) O espaço ___
- d) A decoração ___
- e) As explicações do guia ___
- f) Outra _____ Qual? _____

4 – Pensa que a visita foi pertinente para o seu enriquecimento histórico?

Sim ___ Não ___

4.1 – Porquê?

5 – Faça um comentário geral à visita ao convento.

Obrigado pela colaboração!

As professoras: Célia Monteiro Costa e Elisabete Muche

Anexo 25 – Comissão de organização do “Dia Aberto”

 GOVERNO DE PORTUGAL	<small>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</small>	DGEste <small>Divisão de Gestão e Registo Escolar</small>	 agrupamento de escolas de alpendorada <small>código 150824</small>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Convocatória

REUNIÃO da COMISSÃO DE TRABALHO do ‘DIA ABERTO’

Convocam-se os professores abaixo indicados para estarem presentes numa reunião a realizar no próximo dia 31 de maio, pelas 14:25 horas, na sala de diretores de turma da escola E. B. 2,3 de Alpendorada, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único – Preparação/organização do Dia Aberto.

Professores da comissão de trabalho:

- ✓ Elisabete Muche
- ✓ Célia Costa

Alpendorada, 23 de maio de 2013

A Diretora




(Maria de Fátima da Silva Dias)

Lugar da Granja, 4075 - 025 Alpendorada. Telefone: 255 618 000. Fax: 255 618 009

Anexo 26 – Fotos do “Dia da História”



Anexo 27 – Relatório de atividade “Dia da História”

	<p>PLANO ANUAL DE ATIVIDADES</p> <p>FICHA DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE</p> <p>ANO LETIVO 2012/2013</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

1. Estrutura educativa:

Departamento de Ciências Sociais e Humanas: Disciplina de História

2. Actividade:Personalidade da semana
2013

Data: 8 de abril a 7 de junho de

3. Local: Biblioteca da Escola Secundária de Alpendorada

4. Público Alvo: Prof Alunos Turma(s): Enc. de Educ.
 PND Outros: _____

5. A atividade foi realizada:

Sim Não (se respondeu não, junte anexo
com justificação)

Com parceria? Sim Não

6. Elementos envolvidos na atividade/participantes (indique o nº preciso)

Professores: Célia Costa; Elisabete Muche

7. Custo da actividade: sem custo com custo
 Materiais _____
 Serviços _____

8. Duração da atividade: ½ dia 1 dia > a 1 dia

9. Balanço

9.1 Grau de consecução dos objetivos:Não Satisfaz Satisfaz Satisfaz Bastante **9.2 Que dados objetivos conduziram a esta conclusão?**

Toda a comunidade escolar poderia observar e apreciar a personalidade da semana e isso concluiu-se pelas observações e elogios a esta atividade dinamizada pelo núcleo de estágio e que esteve em constante atualização.

9.3 Foi feita a recolha de opinião junto dos participantes?Não Sim **10. Divulgação da actividade**

A actividade foi divulgada nos meios de comunicação?

Rádio local imprensa local imprensa nacional Blog do núcleo de estágio **11. Dificuldades organizativas:**Falta de materiais falta de recursos financeiros falta de apoio logístico Utilização de recursos nº de participantes não previsto planeamento deficiente

Outros:

Anexo 28 – Primeiro teste de avaliação sumativa

GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



agrupamento de escolas de
alpendurada
código 150824

Escola Secundária/3 de Alpendurada
Ficha de Avaliação
História A– 10º ano

Nome: _____ Turma: D Nº _____

Data: 24 de Abril de 2013

Classificação _____ Assinat. Prof. _____ Assinat. Enc. _____

Todos os itens exigem a análise dos documentos. A informação retirada dessa análise deve ser integrada na elaboração das respostas.

1. Atente nos documentos.

Documento 1

Desde o início da monarquia que a figura régia ocupou o lugar cimeiro da administração, tendo recebido esse princípio da tradição visigótica. Se os reis exerciam o poder em nome de Deus, a sucessão respeitava a norma hereditária na pessoa do filho primogénito. (...). O rei tinha amplos poderes nos aspectos político e militar, se bem que a sua força dimanasse, em grande parte, do apoio do alto clero e da nobreza militar. A ele competia, por intermédio dos seus oficiais, administrar justiça e cunhar moeda, direitos que a coroa sempre reservou para impedir o acréscimo da autoridade senhorial.

Outro dinheiro da função régia era a aposentadoria a que se obrigavam as várias terras onde o monarca se instalava. (...)

Os primeiros reis nunca omitiam a fundamentação do seu poder, considerando a realeza por “graça” ou “clemência” de Deus. (...) Para coadjuvar a acção do governo, existia um conselho e uma chancelaria régios. Eram geralmente os prelados, ricos homens e militares que se achavam na corte (...). Quanto à Chancelaria régia, formavam-na os seguintes funcionários: o chanceler (cancellarius), que detinha o mais alto cargo na administração; o notário (notator), a quem competia submeter os documentos para efeitos de validação; e o escriba (scriba), encarregado da redacção dos diplomas. (...)

As condições de luta em que se gerou o Estado português foram propícias ao fortalecimento do poder real, pois obrigavam os reis a ser, ao mesmo tempo, chefes políticos e militares. Até à conquista do Algarve nem sempre foi possível evitar a ascensão da classe senhorial (...). O lançamento de impostos, a quebra da moeda, a promulgação de leis, eram geralmente

discutidos em Cortes. Também os representantes dos vários Estados (sociais) davam conta dos seus agravos, pedindo ao monarca as providências necessárias para satisfazer as suas queixas e pretensões.

SERRÃO, J.Veríssimo (1978), *História de Portugal*, vol.I, 2ª ed., Lisboa, Editorial Verbo, pp.151 -153

Documento 2



Representação de um Monarca Medieval

1.1. Qual o lugar do Rei na organização política do Reino? Quais os seus poderes?

1.2. Avalie o papel do poder régio como factor estruturante da coesão interna do Reino.

A sua resposta deve abordar, pela ordem que entender, os seguintes tópicos de desenvolvimento:

- o processo que conduz a Monarquia Feudal à Centralização do Poder;
- a centralização do poder no âmbito da defesa, justiça, legislação e fiscalidade
- a reestruturação da Administração Central .

Deve integrar em todas as respostas, para além dos seus conhecimentos, os dados presentes nos documentos 1 e 2.

2. Preste atenção aos documentos.

Documento 3

1 – Esta é a regra e a vida dos Frades Menores, nomeadamente para observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, pobreza e castidade. O irmão Francisco promete obediência e reverência ao papa Honório e aos seus sucessores que forem canonicamente eleitos, e à Igreja Romana. Os outros irmãos comprometem-se a obedecer ao irmão Francisco e aos seus sucessores.

(...)

4 – Proíbo estritamente a todos os irmãos aceitar dinheiro ou propriedades, tanto em pessoa como através de outrem. (...)

5 – Aqueles irmãos a quem o Senhor concedeu a habilidade para trabalhar, trabalharão com fidelidade e devoção. (...)

Como preço do seu labor poderão receber coisas necessárias para si próprios e para os irmãos, mas não dinheiro ou propriedades. E receberão humildemente o que lhes é dado, como pertence aos servos de Deus e àqueles que praticam a mais santa pobreza.

6 – Os irmãos não terão nada de próprio, nem casa, nem terra, nem coisa nenhuma, mas como peregrinos e estrangeiros neste mundo, servindo o Senhor em pobreza e humildade, sigam pedindo esmolas confiadamente. Não se envergonhem por isto porque o Senhor fez-se pobre por nós neste mundo. (...)

Regra de S. Francisco, promulgada pelo Papa Honório III em 1223

Documento 4



S. Francisco de Assis

2.1. Explique as mutações na expressão da religiosidade através do surgimento das ordens mendicantes e das confrarias.

3. Observe as imagens.

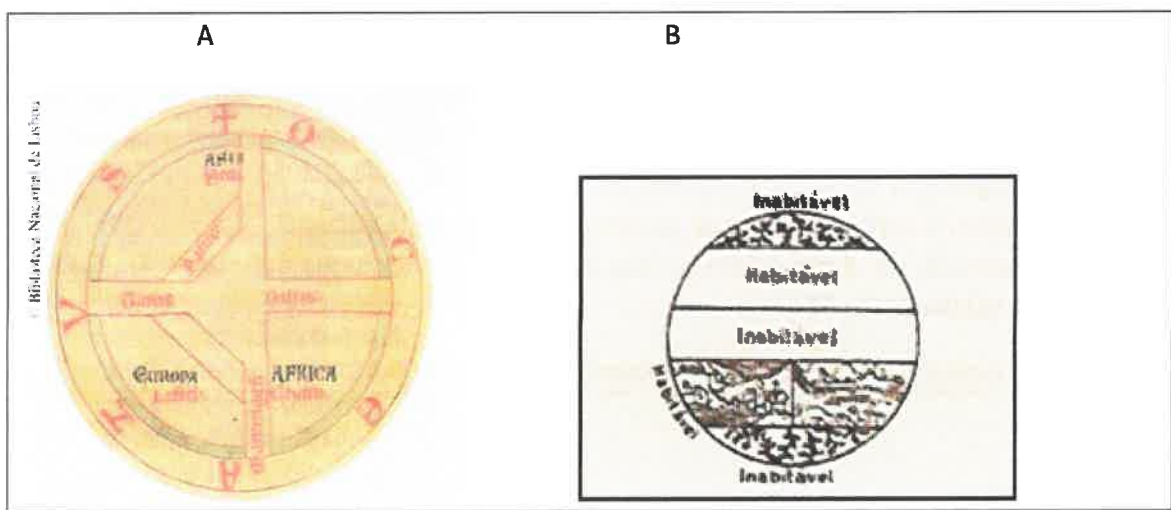
Documento 5

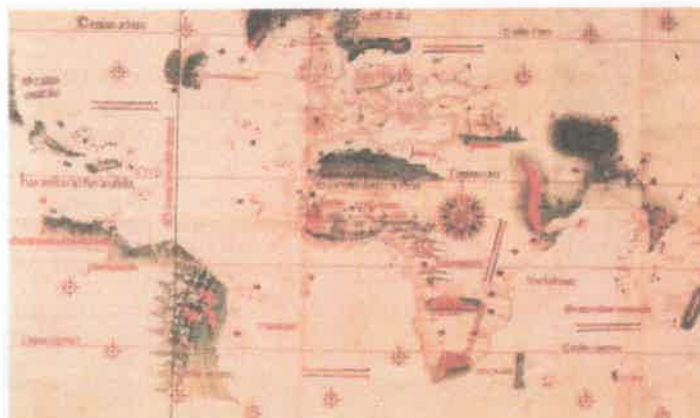


3.1. Partindo da observação das imagens, elabore uma breve síntese sobre a contribuição específica dos Portugueses dos séculos XV – XVI para o desenvolvimento das técnicas náuticas e da cartografia e para o alargamento do conhecimento do mundo.

4. Preste atenção aos documentos.

Documento 6



Documento 7**Planisfério dito de Cantino (1502)**

4.1. Compare a representação do mundo nos documentos 6 e 7.

5. Leia os documentos.

Documento 8

Os filósofos [...] disseram que a terra toda é cercada pelo mar [...], e alguns dos doutores modernos [...] quiseram mostrar por autoridade da Sagrada Escritura e suficientes razões contrárias aos antigos como a terra é muito maior que todas as águas e elas todas juntamente jazem metidas dentro na sua concavidade e fundura, e elas são cercadas pela mesma terra [...]. E isso é conclusão que se não deve negar: e porque se mais claramente mostre a verdade, notemos o primeiro capítulo do Génesis [...] E além do que dito é, a experiência que é madre das cousas, nos desengana e de toda a dúvida nos tira. [Por nossas viagens vimos] que esta terra de além [mar] é tão grande, e desta parte de áquem temos Europa, África e Ásia: manifesto é que o mar oceano é metido no meio desta duas terras e fica medioterrano. Pelo qual podemos dizer que o mar oceano não cerca a terra como os antigos filósofos disseram, mas antes que a terra deve cercar o mar. [A terra de Fernando Pó] é muito vizinha do círculo da equinocial, das quais os antigos disseram que era inabitável, e nós por experiência achámos o contrário [...] A experiência nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da descrição da terra e do mar, os quais disseram que toda a terra que jaz debaixo do círculo de equinocial era inabitável pela grande quentura do sol. E isso achamos falso e pelo contrário, porque adiante do Rio Gabão [...] há muita habitação e gente.

Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*- 1506-1508.

Documento 9

[...] Pacheco [...] era devoto da experiência [...] do conhecimento que vem da longa prática das coisas. A experiência de que nos fala [...], não é ainda a experimentação e nem mesmo a observação sistemática e metódica posta na base do conhecimento científico e realizada com o objectivo de o verificar ou adquirir – mas tão só conhecimento empírico [...]. Não implica [...] um repúdio da ciência tradicional e dos seus métodos, muito embora possa implicar [...] a correcção das suas ideias. Pacheco [...] reage em face de uma ciência afastada da realidade [...].

J.S. da Silva Dias, *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Ed. Presença, Lisboa, 1998, pp. 78-80.

5.1. Enuncie três das ideias defendidas por Duarte Pacheco Pereira que contestam a autoridade dos Antigos (doc. 8).

5.2. Confronte o significado das afirmações sublinhadas nos documentos 8 e 9

1.1. 25 pontos

1.2. 50 pontos

2.1. 35 pontos

3.1. 30 pontos

4.1. 15 pontos

5.1. 20 pontos

5.2. 25 pontos

Total 200 pontos

Bom Trabalho!

A Professora,

Carla Brito

Anexo 29 – Grelha de correção do 1º teste de avaliação sumativa

GRELHA DE CORREÇÃO DO TESTE

Agrupamento de Escolas de Alpendorada										
Ano:	10º	Disciplina:	História	Teste:	5					
Turmas:	D	Período:	3º	Data:	24-04-2013					
Grelha de correcção										
Questão	11	12	21	31	41	51	52			Total
Nota	25	50	35	30	15	20	25			200
N.º	Nome									
1		20	47	33	28	10	20	25		180
2		20	46	24	22	15	20	20		177
3		20	39	27	19	5	5	15		128
4		20	10	24	21	9	20	18		122
5		19	30	22	20	10	13	14		128
6		20	36	30	20	9	9	12		136
7		20	38	30	20	9	9	12		136
8		23	42	30	28	9	17	23		172
9		20	19	16	19	6	15	25		120
10		22	17	22	19	6	10	15		111
11		20	39	26	30	14	17	23		169
12		11	32	34	25	9	20	18		149
13		20	32	21	19	9	11	14		125
14		16	41	20	25	11	14	10		137
15		20	20	14	16	11	10	25		118
16		20	42	30	27	12	10	21		182
17		24	30	29	27	15	20	25		189
18		22	24	24	21	10	10	16		127
19		20	12	16	22	8	20	15		115
20		19	43	24	26	10	14	17		152
21		20	0	24	21	10	14	15		108
22		20	40	22	6	8	8	11		115
23		20	40	30	22	5	8	7		132
24		20	7	7	21	10	10	0		75
25		20	39	26	30	7	14	15		151
26		17	23	23	20	7	10	9		109
27		20	33	20	12	8	0	12		105
28		20	34	28	22	11	20	20		155
29		24	48	31	30	19	15	20		178
30		20	34	29	23	15	15	0		138

Anexo 30 – Resultado final do 1º teste de avaliação sumativa

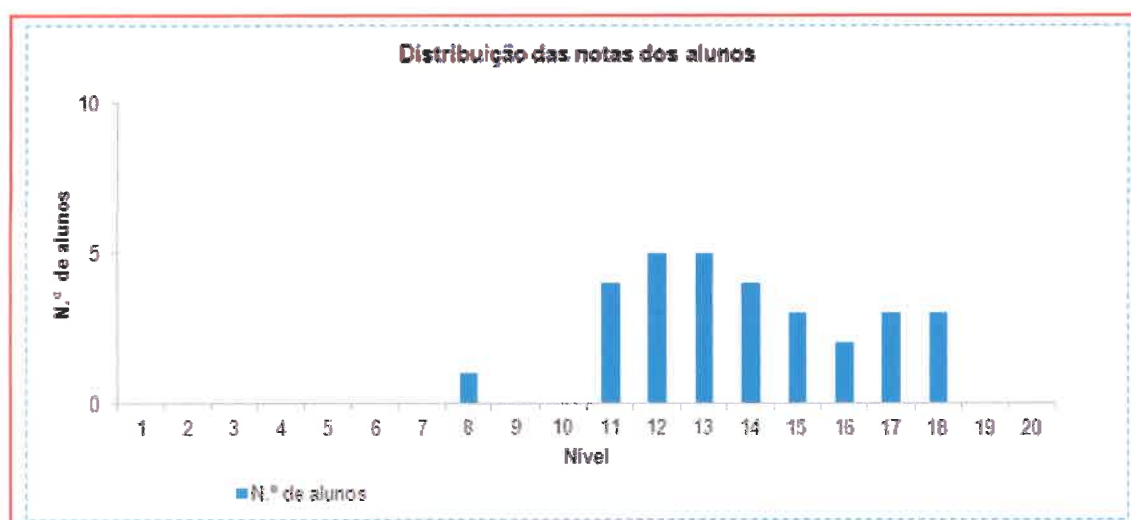
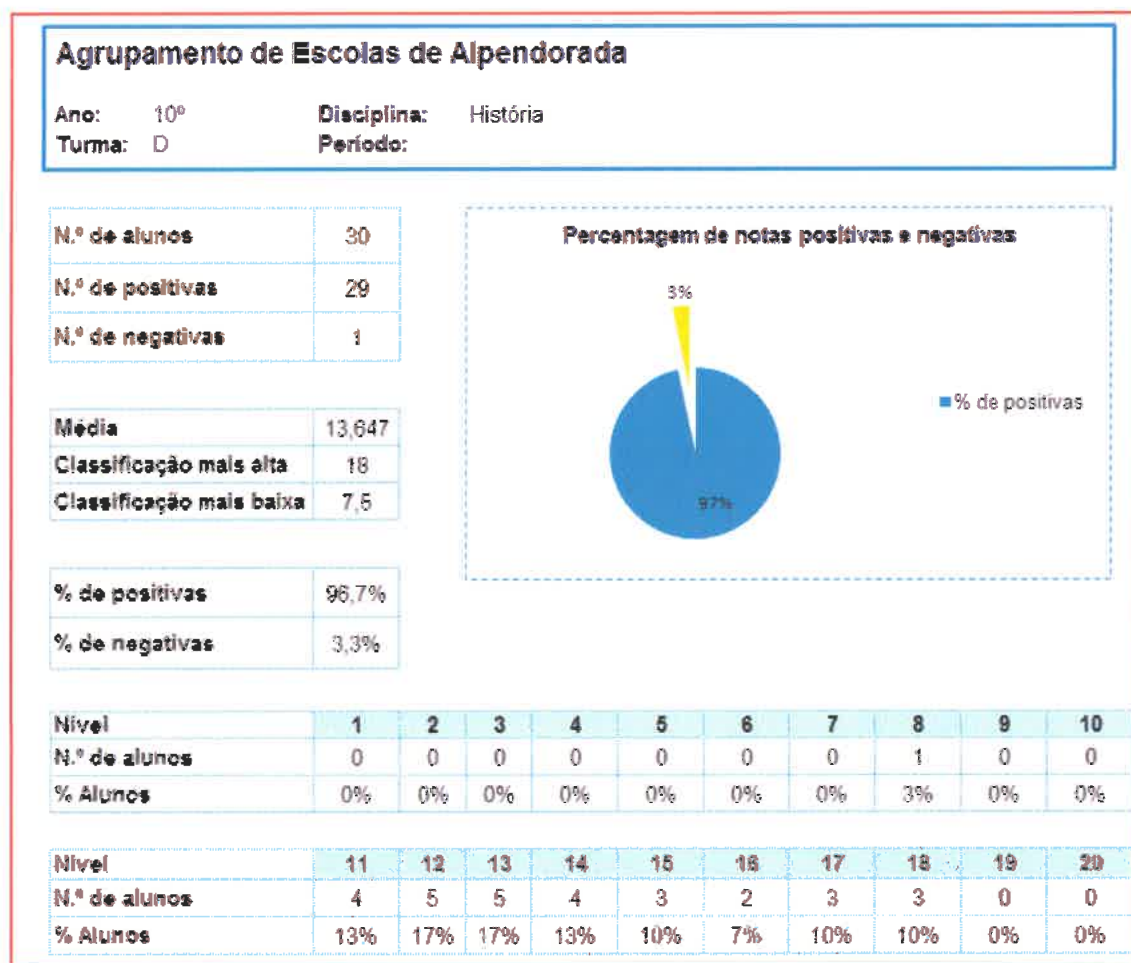
RESULTADO FINAL DO TESTE

Agrupamento de Escolas de Alpendorada		
Ano:	10º	Disciplina: História
Turma:	D	Período: 3º
Data:	24-04-2013	Teste: 5

N.º	Nome	Classificação
1		18
2		17,7
3		12,8
4		12,2
5		12,8
6		13,8
7		13,8
8		17,2
9		12
10		11,1
11		16,9
12		14,9
13		12,5
14		13,7
15		11,8
16		16,2
17		16,8
18		12,7
19		11,5
20		15,2
21		10,8
22		11,5
23		13,2
24		7,5
25		15,1
26		10,9
27		10,5
28		15,5
29		17,8
30		13,6

Anexo 31 – Análise estatística do 1º teste

ANÁLISE ESTATÍSTICA DA CORREÇÃO DO TESTE



Anexo 32 – Segundo teste de avaliação

GOVERNO DE
PORTUGALMINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAagrupamento de escolas de
alpendurada
código 150824

Escola Secundária/3 de Alpendurada

Ficha de Avaliação – História A

Nome: _____	Nº _____	Turma: 10º D
Data: 22 de Maio de 2013		
Classificação _____	Assinat.Prof. _____	Assinat.Enc.DeEducação _____
Todos os itens exigem a análise dos documentos. A informação retirada dessa análise deve ser integrada na elaboração das respostas.		

1. Atente nos documentos.

Documento 1

Ele (Lourenço, o Magnífico) encheu os seus jardins com belas esculturas antigas; as alamedas do parque, assim como todos os compartimentos eram decorados com estátuas antigas, pinturas e objectos saídos das mãos dos melhores mestres que viveram na Itália e no estrangeiro. Os seus palácios eram uma espécie de escola para os jovens pintores, os aprendizes de escultura e todos aqueles que se aplicavam no desenho.

Lourenço sempre favoreceu os belos génios. Aos que, por serem pobres, não se podiam consagrar ao estudo do desenho, assegurava os necessários meios de subsistência e o vestuário. E, àqueles que realizavam os melhores trabalhos, concedia imensas recompensas.

Giorgio Vasari, *Vie des plus excellents peintres, sculpteurs et architectes*, 1568, 2.ª ed.

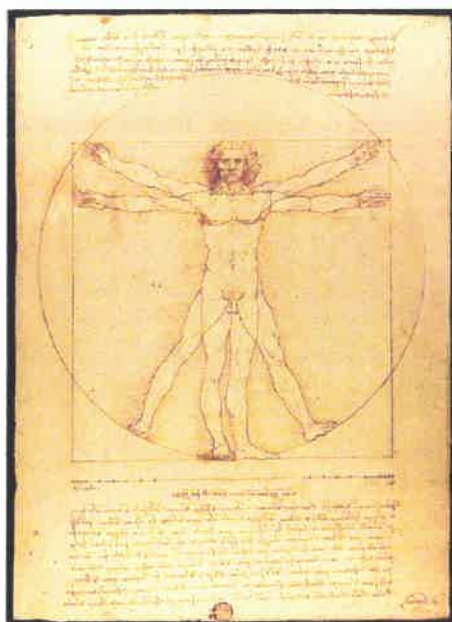
Documento 2



Baltazar Castiglione, autor da obra “O Cortesão”

- 1.1. Tendo como base o documento 1, mostre que Lourenço de Médicis era um mecenas.
- 1.2. Caracterize a distinção social e o mecenato renascentistas.
2. Atente no documento.

Documento 3



Desenho de Leonardo da Vinci representando as proporções ideais do corpo humano (1492)

2.1. Explícite os caminhos abertos pelos humanistas.

3. Atente nos documentos.

Documento 4



Doc.4 - O Nascimento de Vénus, c. 1485, de Botticelli. Segundo a mitologia antiga, Vénus teria nascido da espuma dos mares. Botticelli representou-a aqui sobre uma concha que flutua sobre as águas.

Documento 5



Doc. 5 - A Santíssima Trindade, c. 1427, de Masaccio

Documento 6



Doc. 6 - A Virgem, o Menino e Santa Ana, c. 1510, de Leonardo da Vinci

3.1. Identifique, nas produções artísticas apresentadas, influências dos modelos greco-romanos.

4. Preste atenção ao documento.

Documento 7



Miguel Ângelo – Piéta

4.1. Explícite de que forma o naturalismo se manifesta nesta obra.

5. Atente nos documentos.

Documento 8

1. Ao dizer “Façam penitência...”, o nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos fiéis fosse uma penitência.
2. O Papa não quer, nem pode, perdoar alguma pena, excepto aquelas que ele tenha imposto por sua própria vontade (...).
21. Erram, pois, os pregadores das indulgências que dizem que, pelas indulgências do Papa, o homem fica livre de toda a pena e fica salvo. (...)
27. Pregam doutrina puramente humana (não divina) os que dizem que “logo que o dinheiro cai na caixa a alma se liberta (do purgatório)”.
86. Por que é que o Papa, cujas riquezas são hoje maiores do que as dos Crassos mais opulentos, não constrói a Basílica de São Pedro com o seu próprio dinheiro, em vez de fazê-lo com o dinheiro dos seus pobres fiéis?

Martinho Lutero, “Recueil de Textes d’Histoire”, Tome III, Les Temps Modernes, Liège – Paris, Ed. H. Dessain

Documento 9



Martinho Lutero

5.1. O que é uma indulgência? Por que se opunha Lutero à pregação de indulgências?

5.2. Caracterize a Reforma Protestante.

Bom Trabalho!

Cotação

- 1.1. 20 pontos
- 1.2. 35 pontos
- 2.1. 35 pontos
- 3.1. 20 pontos
- 4.1. 20 pontos
- 5.1. 20 pontos

5.2. 50 pontos

Total: 200 pontos

Anexo 33 – Grelha de correção do 2º teste de avaliação

Agrupamento de Escolas de Alpendorada					
Ano:	10º	Disciplina:	História	Teste:	6
Turma:	D	Período:	3º	Data:	30-04-2013

Grelha de correção

Questão									Total
	1,1	1,2	2,1	2,2	3,1	3,2	3,3	3,4	
Cotação	20	25	25	20	20	20	20	20	200
N.º	Nome								
1	20	25	25	20	20	20	20	20	177
2	20	21	25	9	14	20	20	20	172
3	14	10	11	8	7	13	20	20	90
4	14	20	20	11	11	10	20	20	118
5	12	25	24	0	15	12	21	20	115
6	12	24	20	6	9	20	20	20	150
7	15	20	20	9	9	11	20	20	135
8	20	20	25	13	14	19	20	20	170
9	12	12	0	9	16	17	15	20	82
10	15	19	21	0	0	0	20	20	97
11	20	20	20	6	16	20	20	20	165
12	20	19	19	17	13	20	20	20	137
13	14	20	20	0	0	12	20	20	126
14	20	23	20	14	14	20	20	20	168
15	12	6	17	9	7	11	12	20	75
16	20	20	20	12	15	15	20	20	168
17	20	20	20	17	7	20	20	20	161
18	16	20	11	6	9	13	21	20	96
19	20	20	22	6	10	9	21	20	112
20	14	20	20	12	10	16	20	20	155
21	12	20	25	6	13	5	20	20	132
22	14	27	22	11	9	11	11	20	105
23	19	20	20	16	5	15	20	20	151
24	14	26	12	0	8	14	22	20	97
25	14	20	20	10	13	15	20	20	151
26	13	12	12	8	9	10	18	20	85
27	5	21	19	10	11	10	24	20	100
28	19	25	22	0	10	0	26	20	110
29	20	22	23	10	0	13	15	20	161
30	12	20	23	8	6	11	25	20	110

Anexo 34 – Resultado final do 2º teste

Agrupamento de Escolas de Alpendorada		Disciplina: História
Ano: 10º		Período: 3º
Turma: D		Teste: 6
Data: 30-04-2013		

N.º	Nome	Classificação
1		17,7
2		17,2
3		9
4		11,8
5		11,5
6		15
7		13,5
8		17
9		8,2
10		9,7
11		16,5
12		13,7
13		12,6
14		16,8
15		7,5
16		16,8
17		16,1
18		9,6
19		11,2
20		15,5
21		13,2
22		10,5
23		15,1
24		9,7
25		15,1
26		8,5
27		10
28		11
29		16,1
30		11

Anexo 35 – Análise estatística do 2º teste

Agrupamento de Escolas de Alpendorada

Ano: 10º Disciplina: História
Turma: D Período:

N.º de alunos	30
N.º de positivas	23
N.º de negativas	7

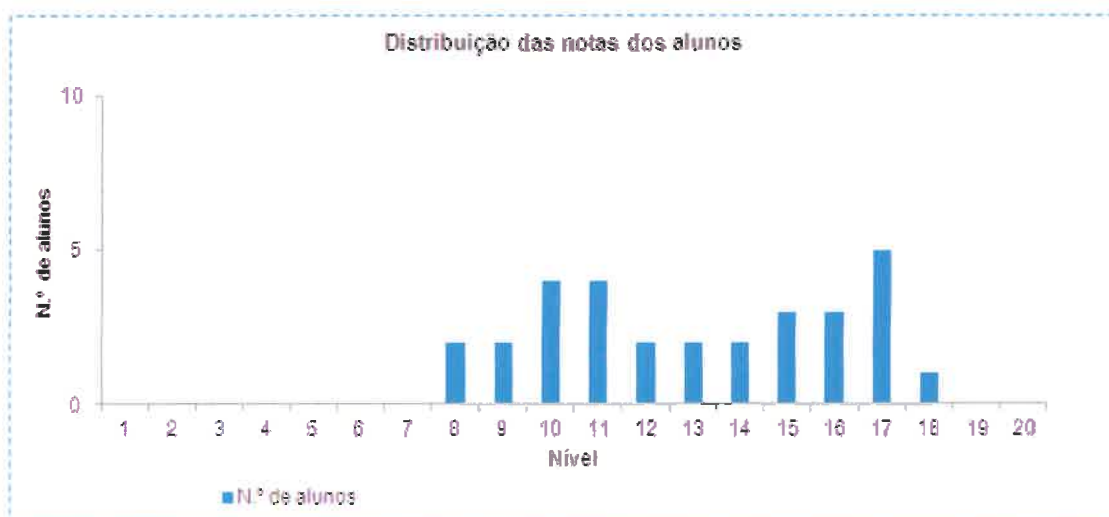
Média	12,903
Classificação mais alta	17,7
Classificação mais baixa	7,5

% de positivas	76,7%
% de negativas	23,3%



Nível	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
N.º de alunos	0	0	0	0	0	0	0	2	2	4
% Alunos	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	7%	13%

Nível	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
N.º de alunos	4	2	2	2	3	3	5	1	0	0
% Alunos	13%	7%	7%	7%	10%	10%	17%	3%	0%	0%



Anexo 36 – Pedido de autorização à escola para passar o inquérito

Ex.ma Senhora
Diretora do Agrupamento de Escolas de Alpendorada

Assunto – Solicitação de autorização para aplicação de questionário

Somos os estudantes da Universidade Portucalense a desenvolver a nossa Prática Pedagógica no contexto do ensino da História nas turmas 10º D, 12º A e 12º B , sob a orientação na presente Escola da Professora Cooperante Isabel Carla Brito e na Universidade Portucalense das Professoras Isabel Freitas e Marta Abelha.

Com o intuito de realizarmos um trabalho de investigação sobre metodologias de ensino de História no âmbito de Mestrado em Ensino da História e Geografia, vimos solicitar autorização para a aplicação de um questionário, que segue em anexo, aos alunos das referidas turmas, através do qual pretendemos recolher dados para uma reflexão sobre metodologias de ensino que alunos do ensino secundário mais valorizam no contexto das suas aprendizagens.

Contamos com a preciosa colaboração de todos e, desde já, manifestamos total disponibilidade para dar a conhecer os resultados desta investigação, caso esteja interessada.

Gratos pela sua atenção e disponibilidade, subscrevemo-nos com consideração.

Porto, maio de 2013.

Pedem deferimento,

Célia Monteiro Costa
Elisabete Muche



(Diretora)

Anexo 37 – pedido de autorização aos Encarregados de Educação dos alunos

Exmº (a) Senhor(a)

Encarregado de Educação**Assunto – Solicitação de autorização para aplicação de questionário**

Somos os estudantes da Universidade Portucalense a desenvolver a nossa Prática Pedagógica no contexto do ensino da História nas turmas 10º D, 12º A e 12º B , sob a orientação na presente Escola da Professora Cooperante Isabel Carla Brito e na Universidade Portucalense das Professoras Isabel Freitas e Marta Abelha.

Com o intuito de realizarmos um trabalho de investigação sobre metodologias de ensino de História no âmbito de Mestrado em Ensino da História e Geografia, vimos solicitar autorização para a aplicação de um questionário, que segue em anexo, aos alunos das referidas turmas, através do qual pretendemos recolher dados para uma reflexão sobre metodologias de ensino que alunos do ensino secundário mais valorizam no contexto das suas aprendizagens.

Contamos com a preciosa colaboração de todos e, desde já, manifestamos total disponibilidade para dar a conhecer os resultados desta investigação, caso esteja interessada.

Gratos pela sua atenção e disponibilidade, subscrevemo-nos com consideração.

Porto, maio de 2013.

Célia Monteiro Costa e Elisabete Muche



_____, Encarregado de Educação
do aluno _____, nº _____, da turma __, do
____º ano, declara que autoriza o seu educando a responder ao inquérito supracitado.

____/____/____

O Encarregado de Educação

Anexo 38 – Inquérito relativo às opções metodológicas

QUESTIONÁRIO

Caro (a) aluno (a),

Caro (a) aluno (a),

somos uma Equipa do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense e pretendemos obter indicadores sobre metodologias de ensino que os alunos de História (3.º ciclo e secundário) consideram que o seu professor mais utiliza no contexto das suas aulas. Pedimos a tua colaboração através do preenchimento do questionário que se segue. Não há respostas corretas ou incorretas, todas são válidas, desde que traduzam a tua forma de pensar e de agir. Toda a informação fornecida é estritamente confidencial, não sendo possível fazer a tua identificação individual. Todavia, caso estejas interessado, serás informado sobre os resultados alcançados.

Desde já agradecemos a tua disponibilidade e colaboração.

PARTE I – CARATERIZAÇÃO PESSOAL

1 – Idade anos

2 – Sexo:

• Feminino

• Masculino

3- Frequentas que ano de escolaridade?

7º ano de escolaridade

10º ano de escolaridade

8º ano de escolaridade

11º ano de escolaridade

9º ano de escolaridade

12º ano de escolaridade

4 – Agregado Familiar

Parentesco	Idade	Habilitação	Profissão	Empregado ou Desempregado
Pai				
Mãe				
Outros				

Com quem vives? _____

5 – Percurso Escolar (Assinala com um x e, depois, responde brevemente)

	Sim	Não	
--	-----	-----	--

Ficaste retido algum ano?		Qual(is)?
Estudas História todos os dias?		Quanto tempo?
Estudas habitualmente em casa?		Em que local?
Alguém te ajuda a estudar?		Quem?
Tiveste negativas no ano anterior?		Em que disciplina(s)?
Tiveste notas muito boas no ano anterior?		Indica quais e que notas tiraste.

PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS NO ENSINO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

6. Gostas de História?

Sim (responde às questões 6.1 e 6.2) Não (responde às questões 6.3 e 6.4)

6.1. Gosto de História porque: (seleciona três opções)

- Descubro temas de interesse atual
 - Valorizo o que aconteceu no passado
 - Compreendo melhor a presença de alguns monumentos na nossa região
 - Conheço homens e mulheres importantes
 - Gosto de conhecer o quotidiano dos Homens da História
 - Consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente
 - Gosto de batalhas e das suas descrições
 - A história faz-me pensar
 - Gosto de ler documentos antigos
- Outras quais?

6.2. Que temas de História te despertam mais interesse: (seleciona três opções)

- Pré-história e arqueologia
 - Sociedades recolectoras
 - Civilização greco-romana
 - Idade Média
 - Renascimento
 - Temas de arte
 - Descobrimientos
 - Liberalismo
 - Revolução Industrial
- Outros, quais?

6.3. Não gosto de História porque: (seleciona três opções)

- Os temas abordados não são interessantes
- Não valorizo o passado

- Não me interessa conhecer o quotidiano dos Homens da História
 - Os temas são muito teóricos e pouco úteis
 - Não consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente
 - Não gosto de batalhas e das suas descrições
 - A história obriga a muita memorização
 - Não gosto de ler documentos antigos
- Outras quais?

6.4. Que temas de História gostas menos: (selecciona três opções)

- Pré-história e arqueologia
 - Sociedades recolectoras
 - Civilização greco-romana
 - Idade Média
 - Renascimento
 - Temas de arte
 - Descobrimientos
 - Liberalismo
 - Revolução Industrial
- Outros, quais?

7. Com base nas aulas do teu professor de História , preenche a seguinte tabela.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes
▪ Já desenhaste e analisaste mapas?				
▪ Já tocaste em objetos arqueológicos?				
▪ Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?				
▪ Realizas trabalhos individuais de pesquisa?				
▪ Costumas fazer a análise de documentos?				
▪ Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias?				
▪ Já trabalhaste em grupo?				
▪ Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.?				
▪ Fazes representações teatrais na sala de aula?				
▪ É habitual veres imagens/ objetos antigos?				
▪ Discutes assuntos nas aulas?				
▪ Realizas debates à volta de uma mesa?				
▪ Já descreveste a vida de personalidades?				
▪ Já fizestes um trabalho com professores de várias disciplinas?				
▪ Já elaboraste e analisaste gráficos?				

▪ Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?				
▪ Já construístes um dicionário de conceitos/ glossário?				
▪ É habitual fazeres resumos?				
▪ Já fizeste visitas de estudo através da internet?				
▪ Já elaborastes trabalhos usando as tecnologias?				
▪ O professor costuma expor a matéria?				
▪ Fazes <i>Portfolio</i> ?				
▪ O teu professor anota as tuas ideias no quadro?				
▪ Fazes trabalhos com um objetivo específico?				
▪ Resolves situações-problema?				
▪ Já simulaste situações históricas?				
▪ Constróis esquemas?				
▪ Recebes convidados nas tuas aulas?				
▪ Participas em conferências sobre temas?				

8. O professor usa tecnologias na sala de aula?

Sim

Não

8.1. Se sim, quais?

PowerPoint

Internet

Quiz

Webquest

Prezi

Outras? Quais? _____

Obrigada pela tua colaboração e disponibilidade.

Anexo 39 – Dados do inquérito / tratamento estatístico

Turmas

Idade	12.ª A		10.ª D		12.ª B		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
15	0		12	40,0	0		12	13,3
16	0		15	50,0	0		15	16,7
17	13	56,5	2	6,7	8	47,0588	23	36,7
18	8	34,8	1	3,3	6	33,2941	15	24,5
19	2	8,7	0	0,0	3	17,6471	5	8,8
Total	23	100,0	30	100,0	17	100	70	100,0

Sexo

	12.ª A		10.ª D		12.ª B		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Feminino	17	73,9	20	66,7	12	70,6	49	70
Masculino	6	26,1	10	33,3	5	29,4	21	30

Habilitações Pai

Habilitações	12.ª A		10.ª D		12.ª B		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
4.º ano	6	33,3	8	26,7	6	35,2941	20	28,6
5.º ano	1	5,6	0	0,0	0	0	1	1,4
6.º ano	9	50,0	14	46,7	6	35,2941	29	41,4
7.º ano	0	0,0	1	3,3	0	0	1	1,4
8.º ano	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0
9.º ano	6	33,3	6	20,0	4	23,5294	16	22,9
10.º ano	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0
11.º ano	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0
12.º ano	1	5,6	0	0,0	1	5,88235	2	2,9
Curso Superior	0	0,0	1	3,3	0	0	1	1,4

Habilitações Mãe

Habilitações	12.ª A		10.ª D		12.ª B		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
3.º ano	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0
4.º ano	6	26,1	10	33,3	3	17,6471	19	27,1
5.º ano	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0
6.º ano	11	47,8	9	30,0	7	41,1765	27	38,6
7.º ano	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0
8.º ano	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0
9.º ano	4	17,4	8	26,7	4	23,5294	16	22,9
10.º ano	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0
11.º ano	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0
12.º ano	2	8,7	1	3,3	2	11,7647	5	7,1
Curso Superior	0	0,0	2	6,7	0	0	2	2,9

Profissão dos pais

Profissão	12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Carpinteiro	6	26,1	3	17,6	4	13,3	13	18,6
Troilha	2	8,7	3	17,6	1	3,3	6	8,6
Cabeleireiro	1	4,3	0	0,0	0	0,0	1	1,4
Manobrador	3	13,0	0	0,0	1	3,3	4	5,7
Ferreiro	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Pedreiro	6	26,1	0	0,0	6	20,0	12	17,1
Construção Civil	1	4,3	4	23,5	2	6,7	7	10,0
Engenheiro	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Comerciante	1	4,3	1	5,9	1	3,3	3	4,3
Enc. Construção	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Eltricista	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Serralheiro Mecânico	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Serralheiro	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Distribuidor	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Mecânico	0	0,0	1	5,9	1	3,3	2	2,9
GNR	0	0,0	0	0,0	2	6,7	2	2,9
guarda prisional	0	0,0	1	5,9	1	3,3	2	2,9
Faleceu	0	0,0	1	5,9	3	10,0	4	5,7
técnico administrativo	1	4,3	0	0,0	0	0,0	1	1,4
Não respondeu	2	8,7	3	17,6	1	3,3	6	8,6

Profissão da mães

Profissão	12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Costureira	1	4,3	0	0,0	3	10,0	4	5,7
auxiliar acção educativa	1	4,3	1	5,9		0,0	2	2,9
Esteticista	1	4,3	0	0,0		0,0	1	1,4
Emp. Têxtil	3	13,0	3	17,6		0,0	6	8,6
Doméstica	11	47,8	6	35,3	11	36,7	28	40,0
Tarefaira	1	4,3	0	0,0		0,0	1	1,4
Cosineira	1	4,3	1	5,9	1	3,3	3	4,3
Comerciante	1	4,3	2	11,8		0,0	3	4,3
Farmacêutica	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Jardineira	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Professora	0	0,0	1	5,9	1	3,3	2	2,9
Secretária	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Cabeleireira	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Esteticista	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Escriturária	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Ourives	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Emp. Refeitório	0	0,0	1	5,9	1	3,3	2	2,9
Emp. Limpeza	0	0,0	0	0,0	2	6,7	2	2,9
Assistente Dentária	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
Não respondeu	3	13,0	2	11,8	3	10,0	8	11,4

Situação Profissional dos pais

Situação	12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Empregado	21	91,3	13	76,5	24	80,0	58	82,9
Desempregado	2	8,7	5	29,4	4	13,3	11	15,7
Não respondeu	0	0,0	0	0,0	2	6,7	2	2,9

Situação Profissional das mães

Situação	12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Empregado	10	49,5	15	83,2	15	50	40	57,1
Desempregado	10	49,5	2	11,8	12	40	24	34,3
Não respondeu	3	19,0	0	0,0	3	10	6	8,6

Idades dos pais

	12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
20-29	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
30-39	1	4,3	0	0,0	2	6,7	3	4,3
40-49	18	78,3	14	82,4	20	66,7	52	74,3
50-59	2	8,7	3	17,6	8	26,7	13	18,6
60-69	1	4,3	0	0,0	0	0,0	1	1,4
não respondeu			1					

Idades das mães

	12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
20-29	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
30-39	5	21,7	2	11,8	7	23,3	14	20,0
40-49	15	65,2	13	76,5	22	73,3	50	71,4
50-59	2	8,7	2	11,8	1	3,3	5	7,1
60-69	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

Agregados familiares com quem vivem os alunos

	12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Pais	2	8,7	2	11,7647	7	23,3	11	15,7
Mãe e avós	0	0,0	0	0	2	6,7	2	2,9
Mãe e irmão	0	0,0	1	5,88235	1	3,3	2	2,9
Pais e irmão/s	19	82,6	13	76,4706	13	43,3	45	64,3
Pais e irmãs/es	2	8,7	2	11,7647	2	6,7	6	8,6
Pais, irmã e cunhado	0	0,0	0	0	1	3,3	1	1,4
Pais, irmão e avó	0	0,0	0	0	2	6,7	2	2,9
Pais, avós, tios, irmão	0	0,0	0	0	1	3,3	1	1,4
Não respondeu	0	0,0	0	0	1	3,3	1	1,4

Percurso escolar dos alunos

Turmas	sem retenções	com retenções											
		1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	5.º ano	6.º ano	7.º ano	8.º ano	9.º ano	10.º ano	11.º ano	12.º ano
12.ª A	19	1						1	1				1
12.ª B	6											11	
10.ª D	26			1				1			2		

1 aluno - 5.º e 9.º ano

Estudar História todos os dias

	12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
sim	28	100	5	29,4	4	13,3	37	45,7
não	0	0	12	70,6	26	86,7	38	54,3

Estuda habitualmente em casa

Turma	Sim	Não	Local			
			Quarto	Sala	Quarto e Cozinha	Quarto e quarto
10ª D	30	0	17	1	1	1
12ª A	4	1	3	0	1	0
12ª B	16	0	9	0	0	7

Ajuda no estudo

Turma	Sem auxílio	Com auxílio						
		Mãe ou pai	Pai	Professor	Irmão/a	Primo/a	amigo/a	Explicadora
10ª D	25		1		1		1	1
12ª A	5							
12ª B	16							1

Desempenho Escolar - níveis inferiores a três no ano letivo 2011/2012

		12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total	
		F	%	F	%	F	%	F	%
Não obteve		17	73,91	12	70,6	10	33,3	39	55,7
Obteve		6	26,09	5	29,4	20	66,7	31	44,3
Obteve	Português	2	8,70	2	11,8	10	33,3	14	20,0
	Matemática	0	0,00	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Inglês	2	8,70	1	5,9	7	23,3	10	14,3
	Francês	0	0,00	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	História	1	4,35	1	5,9	0	0,0	2	2,9
	F. Q.	0	0,00	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Geografia	0	0,00	0	0,0	4	13,3	4	5,7
	Filosofia	1	4,35	1	5,9	0	0,0	2	2,9
Não refere		1	4,35	0	0,0	0	0,0	1	1,4

Desempenho Escolar - Disciplinas com mais sucesso no ano letivo 2011/2012

	12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total		
	F	%	F	%	F	%	F	%	
Obteve	5	21,7	9	52,9	9	30,0	23	32,9	
Não obteve	19	78,3	8	47,1	17	56,7	44	61,4	
Obteve	Português	1	4,3	5	27,8	1	3,3	7	9,7
	Matemática	0	0,0	3	17,6	1	3,3	4	5,7
	Inglês	0	0,0	0	0,0	3	10,0	3	4,3
	Ciências	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
	História	8	33,0	3	17,6	3	10,0	14	19,7
	Filosofia	1	4,3	2	11,8	0	0,0	3	4,3
	Artes	0	0,0	0	0,0	1	3,3	1	1,4
	Geografia	2	8,7	2	11,8	2	6,7	6	8,6
Educação Física	2	8,7	3	17,6	1	3,3	6	8,6	
Não refere		0,0	10	55,6	1	3,3	11	15,4	
Não respondeu		0,0		0,0	4	13,3	4	5,7	

Opinião sobre a disciplina de História

Opinião sobre a disciplina de História	12.ª A		12.ª B		10.ª D		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Gosto	17	73,9	14	82,4	20	100	51	71,1
Não gosto	6	26,1	2	11,8	0	0	8	11,4
não responde	0	0	1	5,9	0	0	1	1,4

Motivos pelos quais os alunos gostam de História

Motivos pelos quais os alunos gostam de História	10.ª D (n=30)		12.ª A (n=17)		12.ª B (n=14)		total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Descubro temas de interesse atual	7	23,3	9	52,9	6	42,9	22	39,7
Valorizo o que aconteceu no passado	24	80,0	11	64,7	10	71,4	45	77,0
Compreendo melhor a presença de alguns monumentos na nossa região	7	23,3	6	35,3	1	7,1	14	24,3
Conheço homens e mulheres importantes	6	20,0	2	11,8	3	21,4	11	19,1
Gosto de conhecer o quotidiano dos Homens da História	18	60,0	6	35,3	3	21,4	27	46,4
Consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente	2	6,7	11	64,7	7	50,0	20	34,9
Gosto de batalhas e das suas descrições	10	33,3	3	17,6	3	21,4	16	27,9
A História faz-me pensar	12	40,0	2	11,8	5	35,7	19	32,9
Gosto de ler documentos antigos	1	3,3	1	5,9	4	28,6	6	10,5
Outros	0	0,0		0,0	0	0,0	0	0,0

Que temas de História despertam mais interesse

Que temas de História despertam mais interesse	10.ª D (n=30)		12.ª A (n=17)		12.ª B (n=14)		total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Pré-história e arqueologia	9	30,0	3	17,6	6	42,9	18	31,1
Sociedades recolectoras	5	16,7	1	5,9	3	21,4	9	15,7
Civilização greco-romana	15	50,0	5	29,4	5	35,7	25	43,8
Idade Média	10	33,3	6	35,3	5	35,7	21	36,9
Renascimento	15	50,0	3	17,6	3	21,4	21	36,9
Temas de arte	11	36,7	7	41,2	3	21,4	21	36,9
Descobrimientos	13	43,3	10	58,8	12	85,7	35	61,4
Liberalismo	3	10,0	6	35,3	1	7,1	10	17,7
Revolução Industrial	5	16,7	10	58,8	4	28,6	19	33,4
Outros	1	3,3	0	0,0	0	0,0	1	1,8

* - 25 de abril

Motivos pelo quais os alunos não gostam de História

Motivos pelo quais os alunos não gostam de História	10.ª D (n=0)		12.ª A (n=6)		12.ª B (n=2)		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Não valorizo o passado	0	0	2	33,3	0	0,0	2	3,3
Não me interessa conhecer o quotidiano dos Homens da História	0	0	2	33,3	0	0,0	2	3,3
Os temas são muito teóricos e pouco úteis	0	0	2	33,3	1	50,0	3	4,7
Não consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente	0	0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Não gosto de batalhas e das suas descrições	0	0	0	0,0	2	100	2	3,3
A História obriga a muita memorização	0	0	5	83,3	1	50,0	6	9,0
Não gosto de ler documentos antigos	0	0	4	66,7	0	0,0	4	6,0
Outros	0	0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

Temas de História que os alunos menos gostam

Temas de História que os alunos menos gostam	10.º D (n=0)		12.º A (n=6)		12.º B (n=2)		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Pré-história e arqueologia	0	0	2	11,1	2	33,3	4	44,4
Sociedades recoletoras	0	0	5	27,8	1	16,7	6	44,4
Civilização greco-romana	0	0	3	16,7	2	33,3	5	50,0
Idade Média	0	0	0	0,0	1	16,7	1	16,7
Renascimento	0	0	1	5,6	0	0,0	1	5,6
Temas de arte	0	0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Descobrimientos	0	0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Liberalismo	0	0	4	22,2	0	0,0	4	22,2
Revolução Industrial	0	0	1	5,6	0	0,0	1	5,6
Outros	0	0	1	5,6	0	0,0	1	5,6

*Guerra Fria

12.º A

Opinião dos alunos face à frequência de atividades desenvolvidas na aula de História	Nunca		Poucas Vezes		Algumas Vezes		Muitas Vezes	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Já desenhaste e analisaste mapas?	4	17,4	4	17,4	12	52,2	3	13,0
Já tocaste em objetos arqueológicos?	17	73,9	3	13,0	3	13,0	0	0,0
Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?	0	0,0	4	17,4	17	73,9	2	8,7
Realizas trabalhos individuais de pesquisa?	1	4,3	13	56,5	3	13,0	6	26,1
Costumas fazer a análise de documentos?	0	0,0	0	0,0	4	17,4	19	82,6
Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias?	4	17,4	9	39,1	9	39,1	1	4,3
Já trabalhaste em grupo?	0	0,0	3	13,0	15	65,2	5	21,7
Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.?	0	0,0	3	13,0	9	39,1	11	47,8
Fazes representações teatrais na sala de aula?	23	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
É habitual veres imagens/ objetos antigos?	5	21,7	13	56,5	4	17,4	1	4,3
Discutes assuntos nas aulas?	0	0,0	2	8,7	18	78,3	3	13,0
Realizas debates à volta de uma mesa?	18	78,3	5	21,7	0	0,0	0	0,0
Já descreveste a vida de personalidades?	4	17,4	11	47,8	7	30,4	1	4,3
Já fizestes um trabalho com professores de várias disciplinas?	19	82,6	3	13,0	1	4,3	0	0,0
Já elaboraste e analisaste gráficos?	3	13,0	8	34,8	10	43,5	2	8,7
Já construiste dossiers temáticos?	21	91,3	0	0,0	2	8,7	0	0,0
Já construiste um dicionário de conceitos/ glossário?	18	78,3	3	13,0	2	8,7	0	0,0
É habitual fazeres resumos?	1	4,3	1	4,3	5	21,7	16	69,6
Já fizeste visitas de estudo através da Internet?	17	73,9	6	26,1	0	0,0	0	0,0
Já elaborastes trabalhos usando as tecnologias?	1	4,3	0	0,0	9	39,1	13	56,5
O professor costuma expor a matéria?	0	0,0	2	8,7	4	17,4	17	73,9
Fazes Portfolio?	9	39,1	6	26,1	8	34,8	0	0,0
O teu professor anota as tuas ideias no quadro?	14	60,9	6	26,1	2	8,7	1	4,3
Fazes trabalhos com um objetivo específico?	0	0,0	0	0,0	11	47,8	12	52,2
Resolves situações-problema?	5	21,7	8	34,8	9	39,1	1	4,3
Já simulaste situações históricas?	15	65,2	7	30,4	1	4,3	0	0,0
Constróis esquemas?	7	30,4	11	47,8	5	21,7	0	0,0
Recebes convívidos nas tuas aulas?	19	82,6	4	17,4	0	0,0	0	0,0
Participas em conferências sobre temas?	20	87,0	3	13,0	0	0,0	0	0,0

12.º B

Opinião dos alunos face à frequência de atividades desenvolvidas na aula de História	Nunca		Poucas Vezes		Algumas Vezes		Muitas Vezes	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Já desenhaste e analisaste mapas?	0	0,0	6	35,3	7	41,2	4	23,5
Já tocaste em objetos arqueológicos?	10	58,8	6	35,3	1	5,9	0	0,0
Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?	0	0,0	6	35,3	10	58,8	1	5,9
Realizas trabalhos individuais de pesquisa?	1	5,9	7	41,2	6	35,3	3	17,6
Costumas fazer a análise de documentos?	0	0,0	3	17,6	2	11,8	12	70,6
Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias?	4	23,5	5	29,4	7	41,2	1	5,9
Já trabalhaste em grupo?	0	0,0	1	5,9	6	35,3	10	58,8
Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.?	0	0,0	2	11,8	4	23,5	11	64,7
Fazes representações teatrais na sala de aula?	13	76,5	3	17,6	1	5,9	0	0,0
É habitual veres imagens/ objetos antigos?	0	0,0	8	47,1	9	52,9	0	0,0
Discutes assuntos nas aulas?	0	0,0	2	11,8	11	64,7	4	23,5
Realizas debates à volta de uma mesa?	9	52,9	7	41,2	1	5,9	0	0,0
Já descreveste a vida de personalidades?	4	23,5	9	52,9	4	23,5	0	0,0
Já fizestes um trabalho com professores de várias disciplinas?	12	70,6	3	17,6	2	11,8	0	0,0
Já elaboraste e analisaste gráficos?	2	11,8	8	47,1	5	29,4	2	11,8
Já construiste dossiers temáticos?	7	41,2	7	41,2	2	11,8	1	5,9
Já construiste um dicionário de conceitos/ glossário?	8	47,1	6	35,3	3	17,6	0	0,0
É habitual fazeres resumos?	0	0,0	2	11,8	5	29,4	10	58,8
Já fizeste visitas de estudo através da Internet?	5	29,4	6	35,3	5	29,4	1	5,9
Já elaborastes trabalhos usando as tecnologias?	0	0,0	3	17,6	5	29,4	9	52,9
O professor costuma expor a matéria?	1	5,9	1	5,9	6	35,3	9	52,9
Fazes Portfolio?	7	41,2	4	23,5	5	29,4	1	5,9
O teu professor anota as tuas ideias no quadro?	3	17,6	19	76,5	0	0,0	1	5,9
Fazes trabalhos com um objetivo específico?	0	0,0	2	11,8	6	35,3	9	52,9
Resolves situações-problema?	3	17,6	3	17,6	4	23,5	4	23,5
Já simulaste situações históricas?	9	52,9	6	35,3	2	11,8	0	0,0
Constróis esquemas?	2	11,8	5	35,3	7	41,2	2	11,8
Recebes convívidos nas tuas aulas?	7	41,2	9	52,9	1	5,9	0	0,0
Participas em conferências sobre temas?	8	47,1	8	47,1	1	5,9	0	0,0

Utilização de Tecnologias na sala de aula pelo professor	10.º D
Utiliza	30
Não Utiliza	0

12.º A		12.º B	
100	23	100	16
0	0	0	1

Tecnologias Utilizadas	10.º D
PowerPoint	24
Quiz	0
Prezi	0
Internet	29
Webquest	0
Outras	0

12.º A		12.º B	
80,0	8	54,8	6
0,0	0	0,0	0
0,0	0	0,0	0
95,7	23	100,0	16
0,0	0	0,0	1
0,0	0	0,0	4

Anexo 40 – Observação das aulas da Professora Cooperante**GOVERNO DE
PORTUGAL**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAagrupamento de escolas de
alpendorada

código 150824

Relatório de observação de aula da Professora Cooperante**Turma: 12ºB****Data: 5 de abril de 2013****Hora: 10, 15 h****Sala: 23****Lições nº 137 e 138****Sumário: O surto industrial e urbano.**

Fomento económico nas colónias.

A política de integração.

A professora começou por solicitar que uma aluna escrevesse o sumário, apelando desde logo à participação dos alunos.

Posteriormente, dialogou com os alunos relativamente aos assuntos tratados na aula anterior. A revisão da aula anterior foi feita com a colaboração dos alunos.

De seguida foi introduzido o tema para a aula atual. Procedeu-se à leitura do documento 158 da página 104 do manual. A professora solicitou que uma aluna lesse o documento, colocando questões de forma a que os alunos retirassem conclusões do documento. Algumas questões permitiram fazer a relação com conceitos lecionados anteriormente. Antes de iniciar a análise de um novo documento, a professora foi sempre perguntando se não havia dúvidas, iniciando a análise do doc 159 da página 105 do manual. Posteriormente, os alunos foram convidados a responder por escrito à questão 2 da página 105, sendo permitido o trabalho de pares. A professora respondia às solicitações dos alunos, passando pelos seus lugares. Após a resolução da questão, a professora solicitou a leitura das respostas de alguns dos alunos da turma, sendo feita a avaliação das mesmas por parte da professora.

De seguida, a docente elaborou um esquema no quadro relativo à Emigração, o qual foi preenchido com a ajuda dos alunos, sendo feito o paralelismo com a atualidade.

A professora tentou mostrar um excerto de um vídeo “Ei-los que partem”, mas devido a problemas técnicos tal não foi possível. Sendo assim, foi explorado o significado do título e de todos os conceitos associados.

A aula teve continuidade com a análise do doc 161 da página 105, seguindo-se a aplicação dos conceitos explorados anteriormente.

Foi analisado o gráfico da página 105 (doc 160) relativo à emigração portuguesa entre 1926 – 1974, com a colaboração dos alunos.

A professora projetou um mapa para introduzir o tema das colónias, solicitando a participação dos alunos.

Foram analisados documentos e estabeleceu-se um diálogo, levando os alunos a chegarem a determinados conceitos relacionados com o tema em estudo.

A aula terminou com um trabalho de pares que consistia na resolução de uma questão do manual, sendo feita a respetiva correção.

A professora anotou sempre a avaliação das questões.

Professora Estagiária: *Elisabete Muche*

GOVERNO DE
PORTUGALMINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAagrupamento de escolas de
alpendorada
código 150824

Relatório de observação de aula da Professora Cooperante

Turma: 12ºB

Data: 12 de abril de 2013

Hora: 10, 15 h

Sala: 26

Lições nº 143 e 144

Sumário: Conclusão do estudo da eclosão da Revolução do 25 de abril.
Desmantelamento das estruturas de suporte do estado Novo.

Tal como na aula anterior, esta teve início com a solicitação da professora para uma aluna escrever o sumário. De seguida, a docente mandou abrir o manual na página 116 e, oralmente, fez a ponte de ligação com a aula anterior e estabeleceu um diálogo relativo ao 25 de abril.

Depois de falar das senhas utilizadas no 25 de abril, tentou demonstrá-las (“E depois do adeus”), mas mais uma vez a internet não funcionou.

Assim, depois de solicitar a um aluno que fizesse a leitura do doc 180 (pág 117), foi feita a sua análise, em trabalho de pares, durante dez minutos. A correção foi feita através da leitura das respostas dos alunos, sendo feito o respetivo registo de avaliação das respostas.

A professora passou um ppt relativo ao 25 de abril, elaborado por alunos do ano anterior, de forma a exemplificar um trabalho de investigação que, também os alunos do presente ano letivo, terão de elaborar, relativo a um tema à escolha tratado nas aulas de História. Simultaneamente, a docente foi lecionando o tema em questão. Em trabalho de equipa, professora e alunos analisaram o trabalho, apontando reparos ao mesmo.

Posteriormente, foram analisados os vários documentos do manual, relativos ao tema, sempre com a leitura e análise dos mesmos feitos pelos alunos.

Professora Estagiária: *Elisabete Muche*

Anexo 41 – Observação das aulas da Colega de Estágio**Grelha de registo de observação da aula do colega de estágio**

Disciplina: História A Ano 10º Turma D Unidade temática: Alargamento do conhecimento do Mundo Data: 17/04/2013 Professor observado: Célia Costa			
Domínio	Aspetos a considerar	Concretizou	Não concretizou
Operacionalização	- Aplica conhecimentos teóricos de história	sim	
	- Usa conteúdos, metodologias e matérias de ensino diversificados e adequados aos objetivos	sim	
	As ações de ensino acontecem de forma coerente e didática	sim	
	- Contempla diferenciação pedagógica de atividades de aprendizagem e forma de comunicação de acordo com as necessidades individuais dos alunos	sim	
	- Identifica ideias prévias dos alunos	sim	
	- Dá exemplos reais do quotidiano	sim	
	- Partilha com os alunos os objetivos de aprendizagem	sim	
	- Domina os conteúdos e conceitos que ensina	sim	
	- Domina e organiza adequadamente estratégias e técnicas didáticas face aos contextos dos alunos	sim	
	- Estabelece pontos de articulação curricular	sim	
	- Evidencia flexibilidade na gestão das atividades	sim	
	- Orienta o desenvolvimento da ação (sua e dos alunos)	sim	
	- Analisa os sinais verbais e não	sim	

	verbais da reação dos alunos - Estimula o desenvolvimento cognitivo dos alunos - Aproveita os contributos dos alunos para as finalidades de aprendizagem - Gera, interpreta e resolve as interações entre e com os alunos - Diversifica tarefas de acordo com o contexto	sim sim sim sim sim	
Avaliação/reorientação	- Avalia o desempenho e as evidências de aprendizagem dos alunos - Regista o desempenho dos alunos - Fornece o feedback às interações dos alunos - Comunica critérios de avaliação de forma clara.	sim sim sim sim	

(adaptado de Reis, 2011; Roldão,2011)

Grelha de registo de observação da aula do colega de estágio

Disciplina: História A		Ano 10º Turma D	
Unidade temática: A produção cultural			
Data 26/04/2013			
Professor observado: Célia Costa			
Domínio	Aspetos a considerar	Concretizou	Não concretizou
Operacionalização	- Aplica conhecimentos teóricos de história - Usa conteúdos, metodologias e matérias de ensino diversificados e adequados aos objetivos As acções de ensino acontecem de forma coerente e didática - Contempla diferenciação pedagógica de atividades de	Sim Sim sim	

	<p>aprendizagem e forma de comunicação de acordo com as necessidades individuais dos alunos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica ideias prévias dos alunos - Dá exemplos reais do quotidiano - Partilha com os alunos os objetivos de aprendizagem - Domina os conteúdos e conceitos que ensina - Domina e organiza adequadamente estratégias e técnicas didáticas fase aos contextos dos alunos - Estabelece pontos de articulação curricular - Evidencia flexibilidade na gestão das atividades - Orienta o desenvolvimento da ação (sua e dos alunos) - Analisa os sinais verbais e não verbais da reação dos alunos - Estimula o desenvolvimento cognitivo dos alunos - Aproveita os contributos dos alunos para as finalidades de aprendizagem - Gera, interpreta e resolve as interações entre e com os alunos - Diversifica tarefas de acordo com o contexto 	<p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p>	
<p>Avaliação/reorientação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Avalia o desempenho e as evidências de aprendizagem dos alunos - Regista o desempenho dos alunos - Fornece o feedback às interações dos alunos - Comunica critérios de avaliação de forma clara. 	<p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p> <p>sim</p>	

